

Mestrado em História da Arte Portuguesa

Arte & Armas -
Elementos para o estudo e análise da
iconografia de armas brancas dos séculos
XVIII e XIX da Coleção Manuel Francisco
de Araújo (Museu Militar do Porto).

Ruht Andrea Mérida Araújo

M

2017



Ruht Andrea Mérida Araújo

Arte & Armas -

Elementos para o estudo e análise da iconografia de armas
brancas dos séculos XVIII e XIX da Coleção Manuel
Francisco de Araújo (Museu Militar do Porto).

Projeto de Estágio realizado no Museu Militar do Porto, no âmbito do Mestrado em História
da Arte Portuguesa.

Orientação científica: Professor Doutor Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes

Orientação do estágio: Senhora Dra. Maria Alexandra Duarte de Lacerda da Silva Anjos

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2017

Arte & Armas -
Elementos para o estudo e análise da iconografia de armas
brancas dos séculos XVIII e XIX da Coleção Manuel
Francisco de Araújo (Museu Militar do Porto).

Ruht Andrea Mérida Araújo

Projeto de Estágio realizado no Museu Militar do Porto, no âmbito do Mestrado em
História da Arte Portuguesa.

Orientação científica: Professor Doutor Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes
Orientação do estágio: Senhora Dra. Maria Alexandra Duarte de Lacerda da Silva Anjos

Membros do Júri

Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Faculdade Letras- Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho
Faculdade Letras- Universidade do Porto

Professor Doutor Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes
Faculdade Letras- Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

Só há duas forças neste mundo: O espírito e a espada.

Mas no final o espírito supera a espada!

- Napoleão Bonaparte

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | 6 |
| Resumo..... | 8 |
| Abstract | 8 |
| Abreviaturas e Siglas | 9 |
| Introdução..... | 10 |
| Capítulo I – Relatório de Estágio no Museu Militar do Porto | 14 |
| O Museu Militar do Porto | 18 |
| Outros museus militares nacionais e estrangeiros | 24 |
| Museus Nacionais | 24 |
| Museus Estrangeiros | 32 |
| Capítulo II - A arma como elemento de estudo e representação artística | 37 |
| Armas Históricas..... | 43 |
| Estudos de caso..... | 57 |
| Armada Real Portuguesa..... | 57 |
| As Armas no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves | 69 |
| Capítulo III – A Coleção Manuel Francisco de Araújo | 74 |
| Biografia | 74 |
| A Coleção..... | 76 |
| A Armaria e o Colecionismo | 78 |
| A Aquisição da Coleção pelo Museu e a Problemática da Avaliação | 80 |
| A coleção: um estudo iconográfico | 84 |
| Uma proposta de comunicação de património: expor as armas | 140 |
| Considerações Finais | 152 |
| Bibliografia | 156 |
| Catálogos..... | 161 |
| Plano de Uniformes..... | 162 |
| Documentos | 162 |
| Sítios em Linha | 162 |
| Anexos..... | 201 |

Agradecimentos

Devo, antes de mais, agradecer a generosidade dos superiores da instituição que me acolheu, o Museu Militar do Porto, em especial ao diretor Coronel Carlos Andrade.

Seguidamente, agradeço à minha supervisora, Sra. Dra. Alexandra Anjos, técnica superior museóloga, que sempre se mostrou prestável e preocupada no auxílio do meu trabalho.

Agradeço igualmente ao Professor Doutor Nuno Resende que se mostrou recetível em ajudar-me, sempre com interesse e esforço para me acompanhar neste estudo que se inclui na área bélica, uma matéria onde me sentia pouco à vontade

Não podia deixar de agradecer à D. Teresa, responsável da biblioteca do museu, por sempre se mostrar disponível em ajudar-me na documentação e bibliografia da minha pesquisa, mas sobretudo pela amizade e por sempre me ter recebido com um carinhoso e alegre “Olá Ruht!”.

Ao Sargento-Chefe Caetano, Sargento Adjunto da Chefia dos Serviços Museológicos, que me acompanhou no levantamento fotográfico e da informação complementar da Coleção Manuel Francisco de Araújo, que me acolheu no seu gabinete e me contagiava com a sua sempre boa disposição, mesmo nos meus dias mais tristonhos.

Agradeço também ao Luís Gaio, um amigo improvável, visto que a nossa ligação era tão ténue, e ainda assim se disponibilizou em editar as fotografias das armas do presente estudo e sempre arranjou um espacinho no seu tempo apertado para me ajudar.

À Daniela, que me acompanhou nas trevas do mestrado, no pânico das entregas e dos exames e dos trabalhos e dos testes e dos estudos e das apresentações. Ela nunca me ajudou a levantar, pelo contrário, ela caminhou ao meu lado nos confins do inferno. Só me deu a mão para, juntas, nos atirmos para o abismo. E nadámos, lado a lado, nas lágrimas do desespero.

À minha mamã. O meu anjo da guarda. Aquela que em momento algum me deixa lá em baixo de cada vez que caio. Que me ergue com aquela força que só ela tem. Que me ilumina nos meus momentos mais negros com a luz que a sua alma emana. A minha mamã. É minha. Muito minha.

Por fim, aquele que nunca será um fim. Ao meu amor. Que nada tem de príncipe encantado, mas é o imperador do meu coração. Para quem acredita, diz-se que a alma gémea pode não encontrar-se “nesta” vida. “Nesta”, dependendo da encarnação em que se está. Eu encontrei. O Pedro. O eterno amor da minha vida. O Inesquecível. O Perpétuo. O Magno.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal o estudo e interpretação dos elementos iconográficos presentes numa seleção de armas brancas que remontam ao período compreendido entre os séculos XVIII e XIX. Estas armas integram o espólio da Coleção Manuel Francisco de Araújo, depositadas no Museu Militar do Porto, local onde realizámos o nosso estágio curricular no âmbito do 2.º ciclo de estudos em História da Arte Portuguesa. A metodologia seguida assentou numa recolha de informação apoiada na bibliografia dicionarística, tratadística e de literatura clássica, para a elaboração de uma reflexão sobre a época do fabrico das armas em estudo. Este trabalho pretende o levantamento de explicações hipotéticas, com justificações consistentes, para a presença de determinados elementos iconográficos na armaria nacional sete e oitocentista. Pensamos que este estudo poderá ser importante para a compreensão da iconografia aplicada à arma branca – objeto ainda pouco explorado na historiografia da arte.

Abstract

The present work has as main objective the study and interpretation of the iconographic elements present in a selection of white arms dating back to the period between the 18th and 19th centuries. These weapons are part of the collection of the Manuel Francisco de Araújo, deposited in the Museu Militar do Porto, where we conducted our curricular internship in the 2nd cycle of studies in History of Portuguese Art. The methodology followed was based on a collection of information based on the dictionary, treatise and classical literature for the elaboration of a reflection about the time of the manufacture of the weapons under study. This paper intends to compile hypothetical explanations, with consistent justifications, for the presence of certain iconographic elements in the 18th and 19th century National Armory. We think that this study may be important for the understanding of the iconography applied to the white weapon - object still little explored in the historiography of art.

Palavras-Chave: Museu Militar do Porto; Coleção Manuel Francisco de Araújo; Armas Brancas; Iconografia; Séculos XVIII-XIX.

Abreviaturas e Siglas

| | |
|---------------|--|
| CMFA | Coleção Manuel Francisco de Araújo |
| DDHM | Direção de Documentação e História Militar |
| DHCM | Direção de História e Cultura Militar |
| IAMAM | <i>International Association of Museums of Arms and Military History</i> |
| ICOM | <i>International Council of Museums</i> |
| ICOMAM | <i>International Committee for Museums of Arms and Military History</i> |
| MFA | Manuel Francisco de Araújo |
| MEHP | Museu de Etnografia e História do Porto |
| MMP | Museu Militar do Porto |
| RMN | Região Militar do Norte |

Introdução

Falar de armas é, genericamente, falar de violência.

Qualquer que seja o objeto, desde a lança à pistola, o intuito do seu uso não é outro senão o de infligir dano. Associa-se as armas à guerra, à caça, à morte.

De um modo simbólico é uma demonstração de poder, pois qualquer que seja o detentor de uma arma pode ter a vida de outrem na sua mão.

Mas, perante um objeto de conotação tão negra, qual o sentido de a ornamentar? Qual a razão para se usar, na sua confeção, metais mais nobres, pedras preciosas, com motivos decorativos, iconográficos ou epigráficos?

As razões são inúmeras. Uma vez que a arma é também um objeto pessoal, como uma peça de vestuário ou uma joia, é perfeitamente compreensível que o seu proprietário lhe queira dar um cunho pessoal, e transpor para a peça parte da sua identidade. Por outro lado (e para alguns), há um lado místico que a envolve, sobretudo quando se fala em espadas. Os seus portadores acreditavam que os materiais (essencialmente os nobres), os símbolos que lhes eram inseridos ou as inscrições que eram gravadas, atraíam forças superiores que os auxiliavam nas batalhas, e sentiam-se, assim, protegidos e guiados por um poder superior. Somos levados a crer que as armas eram embelezadas para atenuar o seu sentido agressivo, aliviando a sua carga negativa. No entanto, mesmo à medida que a lâmina se pintava de vermelho, escorrido e salpicado, tornar-se-ia uma obra de arte que tinha tanto de graciosa como de trágica.

Neste trabalho, não iremos explorar a arma no seu sentido funcional, mas no contexto iconográfico. Este objeto será o suporte da manifestação artística que pretendemos estudar. Tentaremos compreender o motivo que leva ao uso de determinados elementos iconográficos presentes em armas brancas, e este tema ocupará a maior parte do presente relatório.

No entanto, as nossas reflexões são apenas hipóteses que tentam responder às nossas dúvidas, mas nada é definitivo. Com toda a certeza que estas figuras terão uma razão de ser, pois quem as criou pretendia transmitir uma mensagem. Cabe a nós, passado mais de dois séculos, tentar pensar à época e trabalhar a nossa interpretação para cada um destes elementos.

O nosso trabalho, que procura satisfazer todas as nossas curiosidades relativamente à iconografia, levantou mais questões do que respostas. É necessário ter em conta que são historiadores que estudam as armas que outrora terão pertencido a homens que as empunharam para se defender a si e à sua Pátria. Desviámos o nosso rumo do convencional no estudo das artes, saímos da nossa zona de conforto e procurámos um novo desafio, que nos fizesse abrir horizontes e ir além do ponto onde tínhamos chegado na licenciatura.

A guerra define-se como um confronto entre grupos ou indivíduos que se defrontam pelo mesmo objetivo, cujo vencedor ficaria marcado na História. Presente desde sempre, a guerra foi reproduzida em pinturas, esculturas, manuscritos, para que se perpetuasse os grandes feitos que tornaram o mundo como ele se encontra hoje. A guerra existiu e existe em todos os momentos da História e faz parte da realidade e do imaginário do Homem. Guerreiros narravam as suas conquistas, exaltando a sua bravura e destreza face ao inimigo, legando vastos cancioneros sobre conquista, morte e vida. Cânticos relatam como os líderes lutaram, envoltos no fascínio pela força do herói e iludidos pela imaginária que acresciam às suas histórias, em que alguns contam como conseguiram derrotar seres fantásticos. Hoje, esses contos são encarnados por atores nos filmes ou narrados na literatura, imaginária ou histórica. De facto, pouco mudou no que toca ao objetivo das suas representações: todas elas pretendem exaltar a grandeza de homens que procuram a justiça através da violência.

De um modo mais filosófico, será então a arte da guerra uma imagem que devemos preservar como encantador, um caminho que levará à glória, em que homens se fizeram heróis? Ou será uma causa que conduz à destruição, onde vidas são perdidas, vidas que são relatadas em números quando para as suas famílias, eles eram a vida?

Criada pelo homem e incitada pelo instinto que associamos aos animais que se digladiam por um território, o facto é que a guerra é um fator inevitável e o mundo sempre estará em conflito, seja político, religioso ou económico. Estas problemáticas são as que permaneceram desde que o homem se tornou civilizado, tonando-se, assim, parte daquilo que nós somos.

O propósito da guerra é a paz.

Assim, entre as opções que naturalmente nos foram surgindo, com possibilidade de escolha entre um rol de instituições que nos poderiam receber para realizarmos o nosso

estágio, mantivemo-nos fiel à nossa primeira opção - o Museu Militar do Porto - orientando o nosso interesse para o estudo da expressão artística na armaria.

O museu militar é uma instituição permanente sem fins lucrativos, aberto ao público, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, que adquire, preserva, pesquisa, interpreta e exhibe peças tangíveis e intangíveis que testemunham a História Militar e as apresenta à sociedade através da sensibilização sobre o impacto da guerra e dos valores pacifistas.

Como propósito secundário, pretendemos demonstrar o nosso percurso no segundo ano de Mestrado em História da Arte Portuguesa, que teve como atividade principal o estágio curricular no Museu Militar do Porto. Este trabalho desenvolve, portanto, o decurso do nosso estágio, que terá como fundamento a progressão do nosso trabalho, desde o seu início até ao dia de hoje, com incidência nas principais dificuldades e sucessos. Ao longo deste relatório, relataremos o processo da nossa integração na instituição, os pontos de partida para as nossas pesquisas, a interação com os objetos de estudo e sobretudo o trabalho de análise, leitura e compreensão da linguagem das armas.

Assim, este trabalho terá três partes:

A primeira é composta pelo texto que descreve o percurso do nosso estágio no Museu Militar do Porto. Aqui relatamos o desenvolvimento das atividades no âmbito do nosso estágio no MMP, explicamos os objetivos traçados ao longo da nossa permanência na instituição e as nossas concretizações, expomos as nossas dificuldades e obstáculos e como foram superados. Um subcapítulo será dedicado à instituição que nos acolheu: o Museu Militar do Porto e noutra abordaremos outros museus com a mesma temática, localizados em Portugal e no estrangeiro, para uma melhor compreensão da razão da existência de instituições museológicas deste cunho.

No segundo capítulo damos abertura ao fundamento do nosso trabalho, onde faremos um breve levantamento da origem e desenvolvimento da arma. Para uma reflexão sobre o significado da espada para o homem, exemplificamos num subcapítulo intitulado “Armas Históricas”, onde damos a conhecer alguns dos exemplares que marcaram a história militar. Num segundo subcapítulo aprofundamos dois dos temas mais complexos da nossa seleção do acervo, que se relacionam com a Armada Real Portuguesa e as armas usadas no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, com exemplos de estudos de caso.

A terceira parte é dedicada à Coleção Manuel Francisco de Araújo, sobre a qual nos debruçamos, dividido em cinco subcapítulos: o primeiro referente à biografia de Manuel Francisco de Araújo. No segundo faremos uma passagem de como o interesse pela coleção surgiu pelo seu detentor. No terceiro ponto explicaremos como a CMFA chegou ao MMP e toda a problemática que envolveu a sua transição. No quarto ponto será dedicado à leitura iconográfica dos símbolos nas armas, procurando pensar à época em que foram fabricadas, baseando-nos em fontes dicionarísticas da época, tendo como base principal o *Vocabulário Portuguez*, de Rafael Bluteau produzido entre 1712 e 1728 (a data mais próxima da cronologia reativa a bibliografia dicionarística), e recorreremos a fontes tratadísticas como *Tratados de Iconologia* de Cesare Ripa, fontes clássicas como a obra *Metamorfoses* de Ovídio e os *Lusíadas* de Luís Vaz de Camões e a outras variadas obras de heráldica e iconografia que sustentasse o nosso estudo. No último ponto apresentamos uma proposta de comunicação do nosso estudo de uma forma tangível, através de uma exposição temporária dentro do espaço do MMP, onde as armas que foram estudadas estariam acessíveis ao público e acompanhadas de um meio de elucidação, em forma de textos simplificados e resumidos, enfatizando os elementos iconográficos e apresentando a arma enquanto suporte artístico.

Nas considerações finais, abordaremos os focos essenciais do nosso trabalho, no proveito que tirámos para enriquecer o conhecimento pessoal e, sobretudo, para conhecimento académico e apresentaremos uma análise crítica do nosso estudo. Será impossível fechar o nosso trabalho, pois este tema levantará questões que deixará em aberto, pelo que a discussão poderá ser retomada. Destacaremos a lição que retirámos deste trabalho e o que merece ser focado no nosso raciocínio.

Incluímos nos apêndices fichas técnicas de cada da arma que adotamos como aplicação metodológica para guiar o nosso estudo, que teve como referência primordial as tabelas elaboradas pelo Sr. Dr. Juiz João Rato, criadas para integrar no inventário da CMFA para complementar informações relativas a cada peça do acervo.

Capítulo I – Relatório de Estágio no Museu Militar do Porto

O nosso estágio no Museu Militar do Porto deu início em Outubro de 2016, dirigido pelo orientador Professor Doutor Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes e conduzido pela supervisora Senhora Dra. Maria Alexandra Duarte de Lacerda da Silva Anjos. Por nos ter sido favorecido a liberdade de horário, frequentámos o museu até à conclusão da redação do presente trabalho.

No mesmo mês, começámos por fazer um estudo sobre a história da casa, antes de ser transformada em MMP. Subsequentemente dirigimos o nosso estudo para a pesquisa de bibliografia sobre armas brancas desde o seu início, evolução e suas simbologias, pela que a nossa comparência era, sobretudo, na biblioteca do museu.

Com a permanência na instituição, fomos adaptando-nos ao ritmo do museu. Assistimos a visitas guiadas para um melhor entendimento do funcionamento do museu enquanto processo pedagógico.

As visitas guiadas têm sobretudo como público-alvo as turmas que se encontram no nono ano de escolaridade, ano cujo currículo incide nas questões militares da história de Portugal. As visitas iniciam-se com apresentação do edifício principal que é o ex-libris do complexo que constitui o museu.

O edifício onde se instala atualmente o MMP data de finais do século XIX e foi concebido para habitação familiar. A sua proprietária, Maria Coimbra, mandou construir este edifício com características de finais de oitocentos. Depois do seu falecimento, a casa ficou na posse do seu filho Vasco. Entre 1932 e 1936, a viúva de Vasco (entretanto falecido) alugou o palacete a uma irmandade de freiras espanholas, Irmãs de Maria Imaculada. A partir de 1936 o Estado alugou a casa para aqui instalar a PVDE¹ (em 1945 mudou a designação para PIDE²), tendo em 1948 adquirido o imóvel à proprietária bem como um outro edifício anexo à capela que era pertença de uma sobrinha de Maria Coimbra de nome Isménia Coimbra. Aqui permaneceu até 25 de Abril de 1974. Depois de obras de adaptação, o edifício abriu ao público como museu de carácter militar em 1980, por não existir na cidade do Porto uma instituição desta temática.

¹ Polícia de Vigilância e Defesa do Estado

² Polícia Internacional e de Defesa do Estado

A visita prossegue com uma introdução sobre a coleção de soldadinhos de chumbo, disponibilizando-se algum tempo para a livre circulação dos jovens, de forma a poderem analisar os exemplares da coleção. Segue-se para as salas do piso inferior, dedicadas ao período entre 1809 a 1927, em que a cidade do Porto foi palco de vários acontecimentos de carácter político-militar. No parque, encontramos peças de artilharia desde os finais do século XVI até à segunda metade do século XX, sendo depois possível visitar o Pavilhão das Armas, um amplo espaço onde encontramos no piso superior uma evolução das armas e equipamentos desde os finais do séc. XVI até finais do século XIX. No piso inferior repousam exemplares de artilharia pesada, sendo a área expositiva dividida em duas temáticas: uma vocacionada para a I Guerra Mundial, e outra para a Guerra Colonial. Nesta área, podemos encontrar um modelo de trincheira e uma vitrina dedicada ao soldado Milhais.

Apesar de estas componentes, ou seja, as visitas, o espaço, os elementos do museu, não serem significativos no âmbito do nosso trabalho, ajudaram na nossa integração no ambiente museológico e a introduzir-nos no mundo bélico com o qual nunca havíamos contactado.

Em Novembro, ficámos instalados no gabinete do Sargento-Chefe David Caetano, que nos acompanhou no processo de estudo das armas, pois é o gestor do acervo museológico, e aqui permanecemos pelos meses que se seguiram. A nossa frequência no espaço do museu, assim como o contacto com elementos pertencentes à instituição, como a Sra. Dra. Alexandra Anjos, o Sargento-Chefe David Caetano e a Sra. D. Teresa Coelho, responsável pela biblioteca, foram os principais pilares no decurso do nosso estágio.

Numa fase inicial, começámos por marcar metas, traçando as trajetórias lentamente na medida em que nos fomos familiarizando com o tema. Após o conhecimento da existência da CMFA em depósito no MMP, passámos a fazer uma seleção das armas de origem portuguesa que mostrem uma riqueza decorativa de forma a facultar-nos material necessário para desenvolver uma descrição iconográfica compatível com a interpretação que lhe era dada na altura em que a peça foi fabricada.

Posteriormente, foi efetuado um levantamento fotográfico individual das armas selecionadas, de modo a que nos possibilitasse trabalhar os seus detalhes, complementada com uma legenda em modo de tabela com informação técnica da peça e de uma redação relativa à ornamentação presente no exemplar.

Com isto, os nossos objetivos estabelecidos inicialmente passam por um enriquecimento a nível de estudo da iconografia, assim como a sua simbologia na totalidade do objeto, com a tentativa de procurar bibliografia da época em que a peça foi fabricada, com foco nas obras de tratadística, heráldica e iconográfica e sobre armaria e artilharia.

Por outro lado, socorremo-nos de bibliografia de referência/fontes que nos pudessem auxiliar na interpretação e leitura iconográficas, como fontes dicionarísticas da época, das quais se destacam o *Vocabulário Portuguez*, de Bluteau, (1712 e 1728), que remete à cronologia mais próxima da que pretendemos estudar, fontes clássicas como a obra *Metamorfoses* de Ovídio e os *Lusíadas* de Luís Vaz de Camões, assim como de *Tratados de Iconologia* de Cesare Ripa, e de outras variadas obras de heráldica e iconografia que sustentasse o nosso estudo.

Entretanto, foi-nos concedida a autorização para consulta dos documentos que relatam como a CMFA foi transferida para o MMP, que anteriormente teria estado sob a guarda do MEHP. Para uma melhor compreensão deste processo, entrevistámos o 1º Sargento Luís Silva, através de uma conversa informal, que trabalhou no museu desde a sua fundação e esteve presente no decurso da deposição e venda da coleção e, assim, foi-nos possível ouvir o seu testemunho, fornecendo-nos informações.

A biografia de Manuel Francisco de Araújo foi-nos cedida pela Sra. Dra. Alexandra Anjos, assinada por José Barreto Costa, que estudou o percurso do colecionador, através de um documento que narra a sua vida, assim como o surgimento do interesse pela criação da coleção.

Por fim, apresentaremos propostas de exposição com incidência na valorização dos detalhes ornamentais presentes nas armas. A nossa preocupação máxima é contribuir para a dinamização do museu, o que para nós, para além de ser uma motivação, virá a ser um objeto palpável no âmbito do nosso trabalho. Esta exposição é pensada com o intuito abrir horizontes no mundo das artes, levando em consideração que o suporte dos elementos artísticos se trata de uma arma, contrariando as formas convencionais da pintura e escultura, onde os suportes são estáticos e têm a finalidade de ocupar um espaço para o qual foi concebido. O suporte que estamos a tratar tem um propósito funcional onde são aplicados elementos ornamentais. Aspiramos a integrar na coleção um novo significado e dar a conhecer a simbologia subliminar nas armas.

No nosso trabalho deparámo-nos com algumas dificuldades, logo na primeira fase de elaboração.

À partida apenas tínhamos uma breve ideia do que seria o nosso produto final pois o objetivo seria o de apresentar um catálogo. No entanto, faltavam-nos bases sustentáveis para concentrar a nossa investigação sem o risco de nos dispersarmos.

Considerando que o nosso estudo é incomum, não conseguimos aceder a um trabalho que nos desse viabilidade estrutural. Começámos por estudar a instituição que nos acolheu, levando a uma dispersão do nosso cerne, que seria a decoração existente nas armas. Posteriormente encaminhamo-nos para um estudo sobre a história das armas e a sua evolução. Apesar de um enquadramento com fundamento, a nossa abordagem teria de ser voltada com foco nas linhas artísticas, nas decorações, na iconografia presente nas armas.

Perante todos os vazios documentais com que nos deparámos, por se tratar de uma temática tão pouco refletida e estudada, concluímos que o mais científico num trabalho histórico-artístico era seguir um critério cronológico-empírico-temático para analisar as armas, baseado nas datas que dispúnhamos, compará-las entre si, agrupá-las tematicamente e colher desse processo conclusões pertinentes, integrando-as numa corrente estilística correspondente ao período cronológico do fabrico das peças em estudo. Este método acabou, porém, por ser rejeitado, pois não poderíamos enquadrar as armas em correntes estilísticas, nem pela sua datação, nem pelos seus elementos.

Decidimos, então, olhar para as armas enquanto “telas” que sustentam um trabalho artístico em que o nosso olhar deveria incidir apenas nos elementos que as ornamentam. Através dos conhecimentos académicos que adquirimos ao longo da Licenciatura em História da Arte, das bases que nos foram instruídas para uma correta leitura dos objetos artísticos e para uma leitura da iconografia, fomos analisando as armas, não enquanto “armas”, mas enquanto suportes daquilo que seria o nosso grande desígnio: os seus ornamentos. Contudo, não podemos dissociar completamente o facto de que o que está em estudo são, efetivamente, armas. Devemos, sim associá-las à sua função, analisar os seus elementos iconográficos e fazer um paralelismo com aquilo que o objeto poderá representar: poder, soberania, supremacia, magnificência, estatuto.

Esta temática não era uma área na qual nos sentíssemos à vontade pois nunca tínhamos contactado com armas enquanto peças de arte, pelo que consideramos que a

melhor forma de as compreender era comunicar diretamente com elas. Então, através da sua observação e pelo levantamento fotográfico pudemos criar uma familiarização com as peças, procurando na sua observação melhor forma de análise.

O Museu Militar do Porto

O conjunto de edifícios onde se encontra instalado o MMP é do domínio privado do Estado, pertencentes ao Exército/Ministério da Defesa Nacional.

O museu é composto por um complexo de edifícios de diferentes tipologias, datas de construção e finalidades. O edifício principal é composto por quatro pisos, onde se encontra a entrada principal do museu; salas de exposição permanente; espaços de reserva; centro de documentação; serviços de apoio; serviços museológicos; serviços de informática; o gabinete do diretor; o gabinete do subdiretor; casas de banho; camaratas; e no exterior uma capela adossada que data do século XVIII.³

As visitas iniciam-se com apresentação do edifício principal que é o ex-libris do complexo que constitui o museu. A entrada do visitante no Museu é efetuada pela entrada da fachada principal, orientada para Norte, voltada para a Rua do Heroísmo.

A casa oitocentista que estabelece o edifício principal do Museu (em conjunto com a propriedade onde hoje se insere) pertenceu à antiga Quinta do Prado. Desde a sua estruturação, o espaço constituía três funções: habitacional, para equipamento (delegação da Polícia Política do Estado Novo do Porto) e museológico (Museu Militar do Porto, desde a altura em que aqui se instalou). O nível superior do edifício distribui-se por oito salas de exposição permanente, uma dedicada exclusivamente para albergar a espada que por tradição terá pertencido a D. Afonso Henriques e sete dedicadas à extensa coleção de miniaturas militares.

Característica deste piso (e mesmo do Museu no seu todo) é a acima referida coleção de miniaturas militares, que se estende por uma sequência cronológica que percorre o piso. Trata-se de um acervo de cerca de catorze mil e quinhentos elementos que retratam a evolução dos exércitos em todo o mundo e que chegam a pormenores como

³ TEIXEIRA, Mariana Jacob – A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército). Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau Mestre em Museologia. Realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alice Lucas Semedo. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. P.18.

os uniformes, as bandeiras regimentais que, simultaneamente, identificam várias épocas e os personagens mais ilustres que as marcaram, dos quais podemos destacar as miniaturas de Cleópatra, Henrique VIII, Napoleão Bonaparte, George Washington, Adolf Hitler e a rainha Isabel II, para além de um sem número de situações que fizeram a história da Europa e dos outros continentes.

Segue-se para as salas expositivas do piso inferior, dedicadas ao período compreendido entre 1809 a 1927 em que a cidade do Porto foi palco de acontecimentos de caráter político-militar e onde se instalam peças que compõem a exposição permanente denominada de “1808-1927, 120 Anos de História Militar do Porto”.

Passando à parte exterior da casa, encontramos a céu aberto um parque composto de peças de artilharia que correspondem a um período desde finais do século XVI até à segunda metade do século XX. Neste espaço podemos ainda observar uma estátua equestre que representa D. Afonso Henriques, conhecido pelo cognome “o Fundador”.

Em frente, localiza-se o Pavilhão das Armas, uma edificação metálica de largas dimensões composta de dois pisos e de pé direito duplo, que data do ano de 1993. Este espaço é multifuncional, que pode ser utilizado para expor parte da exposição permanente, apresentar exposições temporárias, bem como realizar conferências e cerimónias militares.

Como foi já referido, no piso inferior deste edifício repousam exemplares de artilharia pesada, sendo a área expositiva dividida em duas temáticas: uma dedicada à I Guerra Mundial, na qual Portugal integrou enquanto aliada; e outra vocacionada para a Guerra Colonial, com fotografias que retratam o campo de batalha e as condições dos soldados em missão. Nesta área, encontramos também um modelo de trincheira, duas estátuas de Soldado Desconhecido - uma da Primeira Guerra Mundial e outra do Ultramar - e uma vitrina dedicada ao soldado Milhais, o soldado português participante na I Guerra Mundial, e o mais condecorado desta guerra, a quem foi atribuída, entre outras, a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, a mais alta condecoração nacional.

O percurso pelo andar superior é efetuado por um corredor com vitrinas onde estão expostas armas brancas e de fogo, bem como couraças, armaduras e outras armas defensivas que vão desde os finais do século XVI até à contemporaneidade, como lanças,

alabardas, pistolas, espingardas automáticas, metralhadoras, rádios utilizados nas transmissões, bandeiras e sua evolução, munições, entre outros.

Por fim, e de livre acesso ao público, o museu dispõe de uma *biblioteca* com um acervo documental quase exclusivamente dedicado ao universo militar, onde é possível consultar documentos, textos, livros, bibliografias, periódicos, Ordens do Exército, enquadrados cronologicamente desde o século XVIII até aos nossos dias.

A zona das *Oficinas / Reservas*, não está acessível ao público. Trata-se de um espaço composto por um conjunto de construções de um piso, constituídas por um edifício de 4 corpos contíguos. A sua data de construção é desconhecida, no entanto, a presença da inscrição “PVDE” (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) indica-nos que já existiria entre 1936 e 1945. Existem ainda dois anexos, datados do início dos anos 80 do século XX. Neste conjunto encontram-se instalados espaços de reserva, a carpintaria, a oficina, e espaços de arrumação.⁴

O espólio do MMP alberga um acervo de 21.276 objetos, distribuídos em diferentes temáticas de entre as quais constituem:

A principal coleção integrada no museu é a das *Miniaturas*, que abrange aproximadamente 14.500 miniaturas relacionadas com o Mundo Militar da qual, grande parte pertenceu a Jaime de Sousa Brandão; e a sua minoria é proveniente dos espólios pertencentes ao Engenheiro Campos Gondim e do Arquiteto Vasco Rosas da Silva. Verificam-se diversos materiais como ligas de chumbo, pastas de papel e cerâmica.

A Coleção de *Armas e Munições*, constituída por 1.528 peças de armamento ofensivo e defensivo, datadas de uma cronologia entre o final da Idade Média e o século XX, especialmente o período que compreende a segunda metade do século XIX até ao terceiro quartel do século XX. Das armas ofensivas constituem armas brancas (espadas, sabres, adagas, baionetas e espadins), armas de choque (maças), armas de haste (lanças, alabardas, piques, partazanas), armamento neurobalístico (arco e besta), armamento ligeiro e pirobalístico (bacamarte de cela, mosquete, carabina, revólver, espingarda e metralhadoras), artilharia pirobalística ou bocas-de-fogo (falcão, falconete, colubrina, morteiro, foguete), e armas etnográficas (arco e flecha, espada, lança, moca, punhal), nativas de África e Brasil. As mais antigas armas que são parte integrante do espólio do

⁴ Idem.

museu pertencem à coleção por nós estudada, CMFA. As restantes foram sendo integradas através de transferências de Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército (U/E/O), como o Museu Militar de Lisboa e do Ex-Depósito Geral de Material de Guerra⁵ e doações por parte de militares ou descendentes de militares, civis e do espólio de armas de origem oriental pertencente ao General António Joaquim Garcia.⁶

A coleção sobre o *Equipamento* reúne um grupo 93 elementos que foram usados em campanha inseridos nas tipologias de direção de tiro, transmissões e sapadores.

A coleção *Instrumentos* compõe-se por 95 elementos usados em contexto militar, durante o século XX, tanto pelas Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército como em contexto de campanha. Estes instrumentos integram em áreas da Topografia, como bússola, telescópio, goniómetro, telémetro, teodolito binocular; da Ótica, como óculo de ampliação variável, binóculo; e da Física, como anemómetro, barómetro ou higrotermómetro.

Os *Instrumentos Musicais* constituem uma coleção composta por 34 instrumentos incluídos na classe dos aerofones (como clarim, requinta, corneta e trompa) e membrafones, (como o tambor). Foram utilizados pelos militares que integravam nas bandas e fanfarras do Exército, ou com especialização em clarim tocado em cerimónias como visitas de altas entidades militares a Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército, honras fúnebres, e na regulamentação do horário de serviço interno das Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército, em condição de tropas aquarteladas ou de tropas em campanha, como toque de aviso para refeições, de recolher ou despertar de alvorada.

A coleção dedicada ao *Traje* inclui 605 peças de vestuário e é constituída fundamentalmente por trajes de carácter militar, e, de menor relevância, peças de traje de carácter civil que remete para uma cronologia entre os séculos XIX e XX. Destacam-se as peças de traje como o casaco, dólman, calça, capote, blusão, de calçado como botas e sapatos, e acessórios como gola de serviço, fivela, botão, leque. Os exemplares mais antigos são provenientes do espólio de Joaquim Vitorino Ribeiro e do espólio de Manuel

⁵ Que se localizava em Beirolas, em Lisboa

⁶ TEIXEIRA, Mariana Jacob – A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército). Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau Mestre em Museologia. Realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alice Lucas Semedo. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. P.19.

Francisco de Araújo e as mais recentes provêm de doações de militares e seus descendentes.

A coleção dedicada à *Vexilologia* engloba 124 exemplares entre bandeiras, estandartes, guiões e flâmulas e algumas estão em exposição, enquanto outras se encontram em reserva. Em exposição estão contemplados os objetos pertencentes à coleção Vitorino Ribeiro, e em reserva distribuem-se por quatro secções, sendo que uma é destinada à reserva de têxteis, outra de papel, e as outras duas de armas, munições, equipamento militar e instrumentos musicais. Existe ainda uma a reserva extra pertencente a Vitorino Ribeiro; onde se encontram as peças excedentes da coleção que permanece em exposição.

O *Espólio Honorífico* engloba 670 peças de entre as quais troféus de desporto, crestas, medalhões em ligas metálicas, pratos em cerâmica e galhardetes com reproduções de escudos de armas identificativos da Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército com representações nacionais e, em menor numero, internacionais.

A coleção de *Falerística* inclui 84 itens que consistem em ordens honoríficas, condecorações, medalhas e outras insígnias, que são usadas no vestuário do agraciado para reconhecimento público, quer sejam civis ou militares. Os elementos que datam do século XIX desta coleção provêm, na sua maioria, do espólio de Joaquim Vitorino Ribeiro, e os do século XX pertenceram ao Soldado Aníbal Augusto Milhais, General António Joaquim Garcia e algumas doações, essencialmente de militares e seus descendentes.

O *Espólio Documental* tem origem nos acervos de: Joaquim Vitorino Ribeiro, Coronel Hélder Ribeiro, Soldado Aníbal Augusto Milhais e na doação do Arquiteto Vasco Rosas da Silva. O acervo integra 1.700 peças como designações de livros antigos, impressos relacionados com a vida militar, recibos, selos e caixas de fósforos com ilustrações de traje militar, cartas de patente para promoção, correspondência e diplomas. Estas peças pertencem a uma cronologia que compreende aos séculos XIX e XX, com ênfase nos períodos das Invasões Francesas a Portugal, o liberalismo em Portugal (como a carta Constitucional de 1826) e a primeira metade do século XX (como a caderneta Militar do Soldado Aníbal Augusto Milhais, conhecido pelo cognome Soldado Milhões).

A Coleção de *Desenho* é composta por 105 desenhos de diversas técnicas, com desenhos do Arquiteto Jorge Tavares, com ilustrações de guerreiros medievais

portugueses, e de Joaquim Vitorino Ribeiro, com ilustrações sobre as Invasões Francesas a Portugal e Lutas Liberais.

A coleção de *Gravura* é composta de 150 obras, datadas de entre o século XIX e início do século XX e provenientes maioritariamente do espólio de Joaquim Vitorino Ribeiro. As temáticas representadas são as Invasões Francesas a Portugal e o Liberalismo Português.

A coleção de *Pintura* inclui 36 obras de dimensões consideráveis e encontram-se espalhadas pelas paredes do museu. Estas obras remetem a uma cronologia entre o século XVIII e XX destacam-se pela sua temática relacionada com a representação de figuras militares e cenas de batalha.

No museu existem 1560 fotografias do século XX que compõem a coleção *Fotografia* provenientes do espólio de Hélder Ribeiro, de doações de militares ou dos seus descendentes. As imagens expostas registam o dia-a-dia de algumas Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército, e das forças destacadas que combateram nos territórios de Angola, Guiné e Moçambique na Guerra do Ultramar. Um grupo de fotografias fruto da contribuição da filha do General António Joaquim Garcia mostram antigas imagens de Macau que datam do período entre 1907 a 1911. A partir de 1999 foram integradas fotografias da mesma temática, mas datadas desse ano, provenientes do Gabinete de Comunicação do Governo de Macau.

As 15 peças que compõem a coleção de *Escultura*, são resultantes de diversas técnicas, de entre as quais escultura de vulto (de pé, equestre e busto) e escultura heráldica. As peças que mais se destacam são a estátua equestre de D. Afonso Henriques da autoria de Gustavo Bastos, o molde em gesso da estátua de pé do Soldado Desconhecido da Guerra Colonial e o molde em gesso da estátua de pé do Soldado Desconhecido do Monumento aos Mortos Portugueses da Grande Guerra, da autoria de Henrique Moreira.

A Direção do Museu Militar do Porto tem um papel empreendedor respeitante ao melhoramento da imagem e da divulgação, reunindo esforços para criar e implementar inovações como atividades e eventos que trazem dinamismo à instituição.

O Museu Militar tem ainda o apoio de grupo de elementos que formam a Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto cujo organismo tem por objetivo minimizar o distanciamento entre o mundo militar e civil.⁷

Outros museus militares nacionais e estrangeiros

Museus Nacionais

A *Direção de História e Cultura Militar* (DHCM) constitui o órgão consultor e dinamizador dos aspetos relacionados com o património histórico-militar do domínio do Exército das Forças Armadas Portuguesas, nomeadamente, o acervo destinado a fins museológicos, culturais ou decorativos. Desta forma, a DHCM é responsável pela gestão do património cultural móvel pertencente ao Exército Português que se encontra nos museus militares na sua dependência direta, mas também o de coleções visitáveis existentes em Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército.⁸

O património móvel encontra-se à guarda dos museus militares na dependência da DHCM, dos quais pertencem: o Museu Militar de Lisboa (1851), o Museu Militar de Bragança (1929), o Museu Militar da Madeira (1933), o Museu Militar do Porto (1977), o Museu Militar dos Açores (1993) e o Museu Militar de Elvas (2006).

Lisboa

É o museu mais antigo da cidade de Lisboa. Aqui, encontram-se coleções em exposição de onde se destaca a de artilharia, considerada a mais completa do mundo.

⁷ TEIXEIRA, Mariana Jacob – A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército). Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau Mestre em Museologia. Realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alice Lucas Semedo. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Pp. 50-57

⁸ Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército, Capítulo I, Artigo 2.º, Alíneas 2 e 3.

O edifício que alberga o atual Museu Militar de Lisboa ⁹ foi anteriormente espaço do Arsenal Real do Exército, desde 1764, e posteriormente viria a ser Museu de Artilharia, em 1851, até 1926, ano em que abriu como museu militar.

O espólio do Museu Militar de Lisboa constitui temáticas relacionadas com os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa; a I Guerra Mundial; as campanhas militares em África nos séculos XIX e XX; peças de artilharia em bronze datadas do período compreendido entre o século XVI ao século XIX e artilharia portuguesa, espólio do antigo Arsenal do Exército e a evolução do armamento.

Estas coleções são constituídas, sobretudo, por peças do fundo antigo do museu, especialmente referente à coleção proveniente do Arsenal do Exército.

Em comparação com os outros museus militares a nível nacional, nomeadamente o do Porto, o Museu Militar de Lisboa é detentor da maior porção de peças, e foi nesta instituição que as primeiras coleções tomaram forma, o que levou os outros museus militares a criar as suas próprias coleções.

Uma grande parte de artefactos pertencentes ao seu espólio íntegra, em empréstimo ou depósito, coleções de mais de meia centena de instituições militares, como por exemplo a Escola de Sargentos do Exército, o Colégio Militar e a Escola Prática de Artilharia, e civis, como a Câmara Municipal da Figueira da Foz, Câmara Municipal de Chaves, Fundação Alter Real, Fundação Casa de Bragança, Museu da Presidência da República, Hotel Palace do Buçaco. ¹⁰

As instalações do Museu são dispostas em espaços para exposição e de reserva.

Acessível ao público encontram-se as Caves Manuelinas, a Escadaria Principal, quatro salas destinadas a exposições temporárias, o Pátio dos Canhões, o Peristilo, a Sala Afonso de Albuquerque, a Sala África, a Sala América, A Sala Ásia, A Sala Camões, a Sala D. Carlos, a Sala D. João de Castro, a Sala D. João V, a Sala D. José, a Sala D. Maria, a Sala D. Nuno Álvares Pereira, a Sala da Grande Guerra, a Sala da República, a Sala das

⁹ Para mais informações, consultar: Museu Militar de Lisboa: <https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/vceme/dhcm/lisboa>. Visitado a 24/07/2017

¹⁰ TEIXEIRA, Mariana Jacob – A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército). Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau Mestre em Museologia. Realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alice Lucas Semedo. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. P.40.

Guerras Peninsulares, a Sala Infante D. Henrique, a Sala Lutas Liberais, a Sala Mouzinho de Albuquerque, a Sala Oriental, a Sala Portugal, a Sala Restauração, a Sala Vasco da Gama e Vestíbulo.

Para o depósito existem três espaços em reserva, uma localizada no espaço do museu com um vasto número de coleções, outro no Entroncamento que alberga principalmente coleções de peças de armas e equipamento, e a chamada Sala de Gessos (que pode ser visitável), que apresenta esculturas feitas de gesso.

Bragança

O Museu Militar de Bragança ¹¹ está instalado desde a sua fundação na Torre de Menagem do Castelo de Bragança, criando uma forte ligação entre o conceito da instituição com o edifício que a alberga, permitindo que perdure a memória militar do castelo. A sua fundação é imprecisa e posterior à data oficial da abertura do museu, 8 de Julho de 1938. ¹²

Alberga um espólio que se distribui em diversos temas, de entre eles, as Invasões Francesas, fortificação medieval, peças de armaria até ao século XVIII e a participação do Batalhão de Caçadores n.º 3 nas campanhas militares em Moçambique, no ano de 1895 e especificamente sobre a história militar do Nordeste Transmontano, devido à sua localização.

A “Sala das Ofertas” é um espaço dentro do museu preparado para expor 252 objetos, dispostos em seis vitrinas (à exceção de cinco objetos, que estavam expostos exteriormente). A coleção com o mesmo nome resulta das doações pessoais de militares transmontanos, que se distinguem em quinze núcleos, onde treze são pertences de militares individuais, outro núcleo corresponde ao Batalhão de Caçadores n.º 3 e o outro a um episódio, e ambos relacionam-se com a história militar de Bragança. ¹³

¹¹ Para mais informações, consultar: Bragança Município - http://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=152. Visitada em 26/07/2017.

¹² NOGUEIRO, Maria Emília Pires (2009). *Museu Militar de Bragança – Fundação; Práticas Museológicas*. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudo Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob orientação do Professor Doutor Armando Coelho. P. 22.

¹³ Idem. Pág. 115.

O museu é detentor de um espólio constituído por 781 peças que se distribuem pelas coleções de *Armas*, composta por 417 peças, pertencentes a período de finais do século XII - XX, formada por armamento defensivo e ofensivo; *Equipamento* com 46 peças relativas as tipologias de proteção química e equipamento individual; *Traje e Vexilologia* engloba catorze objetos entre bandeiras, estandartes e guiões; *Espólio Honorífico* com 45 objetos, onde se incluem crestas, medalhões em ligas metálicas e pratos em cerâmica, com iconografia que representa escudos de armas identificativos de Unidades/Estabelecimentos/Órgãos nacionais e internacionais; a *Falerística*, onde se inclui 84 peças datadas do século XIX e XX que compreendem ordens honoríficas, condecorações, medalhas e outras insígnias, usadas no vestuário do agraciado para reconhecimento público, sejam civis ou militares; *Desenho/ Fotografia/Gravura*, com 127 objetos, de entre os quais desenhos, fotografias e gravuras; e por fim, *Escultura*, composta por três obras: uma a estátua miniatura e um busto de D. Afonso Henriques e a estátua de Santa Bárbara, datada do século XII.

A proveniência das peças que constituem o acervo do Museu Militar de Bragança é complexa, sendo a maior parte proveniente de Unidades/Estabelecimentos/Órgãos, nomeadamente do Museu Militar de Lisboa e do Ex-Depósito Geral de Material de Guerra (que se situava em Beirolos, em Lisboa), bem como de doações de militares ou descendentes de militares e civis.

A instituição museológica é formada por quinze salas de exposição dentro da Torre de Menagem do Castelo: Sala do Gungunhana, Sala da Cisterna, Sala D. Afonso Henriques, Sala D. Nuno Álvares Pereira, Sala Primeiro de Dezembro, Sala da Fecharia, Sala dos Espadins, Sala das Barretinas, Sala General Sepúlveda, Sala da Guerra Peninsular, Sala Santa Bárbara, Sala das Armas, Sala de Portugal, Sala da Primeira Grande Guerra e Sala das Ofertas. Encontra-se, ainda, em fase de estudo, um espaço destinado a reserva.¹⁴

¹⁴ Idem. Pp. 34-35.

Madeira

O Museu Militar da Madeira¹⁵ encontra-se instalado no Palácio de São Lourenço e é detentor de um acervo com temáticas relacionadas com a Madeira no contexto da Expansão portuguesa e a história militar da arquipélago, assim como as suas fortificações e infraestruturas militares na região. Esta instituição procura desenvolver o seu espólio, através da incorporação de coleções.

Os objetos em exposição na entidade concernem ao Regimento de Guarnição n.º 3, à Unidade de Apoio do Comando da Zona Militar da Madeira e ao Museu Militar de Lisboa. Encontram-se peças pertencentes a instituições, como a Câmara Municipal do Funchal, como por exemplo o medidor de pólvora, datado de cerca de 1850, proveniente da armaria dos Marquês da Graciosa, e de coleções de carácter particular, como a coleção de Rui Carita.

Por outro lado, existem objetos que são provenientes de achados arqueológicos como botões de traje militar, portugueses e ingleses, de cerca do século XIX - início do século XX, encontrados em escavações realizadas no antigo Quartel do Colégio, onde se situa a atual sede da reitoria da Universidade da Madeira.

É possível, ademais, observar a armação de madeira com contra travamento em Cruz de Santo André e enchimento a pedra e tijoleira, datado de cerca de 1750 e foi resgatada aquando das obras do piso intermédio do edifício Sul da fortaleza do Palácio de São Lourenço. Os pelouros em ferro que também estão presentes na instituição foram encontrados durante os trabalhos de restauro do Palácio de São Lourenço.

Alguns dos objetos foram doados ao museu, como foi a espada do Alferes Veiga Pestana, morto em combate, na Batalha de La Lys, em 1918, ou o estilhaço de granada disparada por um submarino alemão, em 12 de Dezembro de 1917, no Lazareto do Funchal. Estas peças podem ser observadas no Núcleo do Palácio de São Lourenço, em exposição permanente, e no Núcleo da Fortaleza de São Tiago em exposição temporária.

Pertencente ainda a este complexo museológico é um núcleo da Bateria de Costa 150 mm, situado no Pico da Cruz, Funchal e um núcleo da Bateria de Artilharia Antiaérea

¹⁵ Para mais informações, consultar: Madeira Cultural - <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/MuseuMilitardaMadeira/tabid/805/language/pt-PT/Default.aspx>. Visitada em 26/07/2017.

9,4 cm, situado no Pico do Bucho, São Martinho, Funchal, no interior da Unidade de Apoio da Zona Militar da Madeira.

Por fim, existe um espaço destinado a reserva, composto especialmente de armas, localizado num paiol da Unidade de Apoio da Zona Militar da Madeira.

O espaço que alberga a exposição no núcleo do Palácio de São Lourenço foi renovado em 2010. A exposição permanente com o tema «A Madeira na História Militar Portuguesa» compreende uma cronologia entre os séculos XV e XXI, e inclui reproduções de cartografia antiga, armamento defensivo e ofensivo dos séculos XVII e XVIII, armas de fogo do século XX, artilharia, miniaturas de soldados em cerâmica da Fábrica Bordalo Pinheiro, entre outros.¹⁶

Açores

O Museu Militar dos Açores¹⁷ está instalado no Forte de São Brás e possui um espólio que se distribui nas temáticas relacionadas com a História Militar e suas fortificações e infraestruturas militares na região dos Açores e a II Guerra Mundial.

O acervo é composto por peças resultantes da doação por parte da população natural dos Açores e de material obsoleto proveniente de Unidades Militares dos Açores, que foram extintas. Em menor número, existe material arqueológico achado no espaço onde se encontra instalado o museu.

No ano de 2009, foi incorporado o espólio documental da Zona Militar dos Açores, o que originou o Centro de Documentação do Museu Militar dos Açores, fundado a 02 de Julho de 2009.

O inventário que compõe o acervo do museu não está concluído, mas estão discriminados cerca de 1.500 artefactos, que se distribuem pelas coleções de *Artilharia da Costa*, como munições, ábacos, painéis de radar, óculos de pontaria, escovilhões de limpeza; *Transmissões*, de que são exemplares telefones de campanha, chaves morse, auscultadores; *Engenharia*, composta por picaretas, tesoura, ferramentas de sapadores,

¹⁶ Idem. Pp. 50-51.

¹⁷ Para mais informações, consultar: TripAdvisor- Museu Militar dos Açores - https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189135-d4093466-Reviews-Museu_Militar_dos_Acores-Ponta_Delgada_Sao_Miguel_Azores.html. Visitada em 28/07/2017

Armas Anticarro; Metralhadoras Pesadas da Segunda Grande Guerra e Traje Militar; Artilharia Antiaérea; Serviços de Saúde, como por exemplo pinças, bisturis, alicates de dentes; *Intendência*, com exemplares de rações individuais, talheres, marmitas, cama de campanha, mochilas, cantil. Estas coleções encontram-se em espaços de exposição e de reserva.

O espaço museológico divide-se em distintas secções, das quais pertencem a Sala Forte de São Brás, Sala Forte de São Brás, Sala de Artilharia de Costa, Sala de Engenharia, Sala de Anti-Carro, Sala de Transmissões, Sala de Apoio, Sala de Saúde, Sala Bateria Príncipe Regente, Bateria D. Maria II, Espaço Exterior, Muralhas Sul, Parada interior e Sala de Exposições Temporárias. Existem ainda quatro espaços destinados aos objetos em reserva: Armazém de Armamento, Armazém de Material Diverso, localizado na rampa, Armazém de Material Diverso, localizado no sótão, e Armazém de Material Diverso, localizado na Unidade de Apoio.¹⁸

Elvas

O Museu Militar de Elvas ¹⁹ está instalado no antigo Regimento de Infantaria 8, que encerrou como aquartelamento militar corria o ano de 2008. Elvas tinha perdido o seu último bastião militar em atividade: o Regimento de Infantaria n.º 8 e com o encerramento desta unidade, o Exército Português decidiu transformar essas instalações no Museu Militar de Elvas.

Alberga um acervo que se encontra em conformidade com o Despacho do Chefe do Estado-maior do Exército n.º 28 de 2009 que estabelece as temáticas museológicas para os museus militares, na dependência da DHCM.

O espólio deste museu está distribuído em coleções que estão relacionadas com a história da Fortificação de Elvas e história do Serviço de Saúde do Exército, as viaturas do Exército, os hipomóveis e os arreios militares no Exército e Guerra Colonial.

O acervo do museu é constituído por 1.200 objetos que se distribuem pelas coleções da *História do Serviço de Saúde do Exército*, uma coleção composta de 640

¹⁸ Idem. P. 33

¹⁹ Para mais informações, consultar: Município de Elvas - <http://www.cm-elvas.pt/pt/museus-e-monumentos/museu-militar-de-elvas>. Visitado em 25/07/2017.

peças dos quais contam exemplos como instrumentos, aparelhos e equipamentos médico-cirúrgicos de diagnóstico e de patologia laboratorial; *Coleção de Hipomóveis e Arreios Militares*; *Coleção de Viaturas Militares* composta de 53 viaturas com exemplares de viaturas táticas, administrativas, motociclos e viaturas especiais; *Coleção de bens móveis arqueológicos*, como uma pilastra visigótica, três coronhas medievais, várias munições em ferro fundido e espólio documental; *Coleção de bens móveis etnográficos*, composta de dezasseis talhas em barro; e ainda uma *Coleção de Arte Sacra*, constituída por cinco peças: uma imagem de Santa Bárbara em mármore branco, proveniente da Igreja de Santa Bárbara, lateral ao Castelo de Elvas, mandada transformar em paiol das bombas por D. João IV no século XVII, após a restauração da Independência em 1640, uma imagem de S. João de Deus em madeira policromada proveniente do Convento de S. João de Deus, uma imagem de S. Paulo, do Convento de S. Paulo e uma imagem de S. Domingos em madeira policromada, do convento de S. Domingos, espaço que hoje integra no Museu Militar de Elvas.

As antigas casernas do convento tiveram obras de intervenção para que pudessem vir a albergar as coleções do museu, interligando-as para que fosse possível criar um circuito continuado, que constituem as salas de exposições com temas dedicados, das quais fazem parte a Sala da Farmácia, Sala da Veterinária, Sala de Cirurgia, Sala de Intendência, Sala de Oftalmologia, Sala de Ortopedia, Sala do Cavalo, Sala dos Arreios da Artilharia, Sala dos Arreios da Cavalaria, Sala dos Arreios da Infantaria.

Existe ainda no Museu de Elvas cinco espaços para reserva: Reservas de Material Ligeiro, Reservas de Material Pesado 1, Reservas de Material Pesado 2, Reservas do Serviço de Saúde e Reservas dos Arreios.²⁰

O Observatório das Atividades Culturais (OAC) regista trinta e sete museus e nove núcleos relacionados com a tipologia de museu militar.²¹ Para pertencer a esta entidade deveria responder a dois requisitos, que seria ter a designação Militar no nome, ou ser tutelado pelo Ministério da Defesa.

O resultado da distribuição dos dados do OAC pelo estatuto jurídico e tutela é de 41 museus/núcleos públicos e apenas cinco não públicos. Os museus públicos com tutela militar são os museus/núcleos dos três ramos das Forças Armadas: Marinha, Exército e

²⁰ Idem. Pp. 38-39.

²¹ Dados referentes a Dezembro de 2010.

Força Aérea. A maior parte dos museus militares têm vindo a ser geridos pelos diferentes setores das Forças Armadas, financiados com fundos públicos e dirigidos por militares. Atualmente, num ambiente que se caracteriza cada vez mais por uma heterogeneidade social e cultural, os museus militares, dada a sua especificidade, têm como desafio abranger um público mais alargado, que não se esgota com a instituição militar mas que se estende a toda a população.

A maior parte dos Museus Públicos de tutela civil encontram-se no âmbito da Administração Local, como o Museu Militar do Forte de Santa Luzia, da dependência da Câmara Municipal de Elvas. Estes museus foram na sua maioria criados através de protocolos de colaboração entre o Exército e as autarquias. No que toca aos museus não públicos, a quantidade diminui, identificando-se apenas o Museu Oferendas ao Soldado Desconhecido, o Forte do Bom Sucesso o Museu da Guerra Colonial, o Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota e o Museu da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Museus Estrangeiros

O *International Council of Museums* (ICOM) inseriu os museus militares numa categoria denominada de *International Committee for Museums of Arms and Military History* (ICOMAM).

Em 1957 surgiu este comité com a denominação de *International Association of Museums of Arms and Military History* (IAMAM).

O ICOMAM é o único comité internacional que se dedica à investigação científica sobre a esfera militar no domínio da museologia e incrementa a salvaguarda das armas, armaduras, artilharia, fortificações, uniformes, estandartes, medalhas, de forma a recuperar o papel destes objetos nas áreas política, económica, cultural e social. Desta forma, o ICOMAM defende que estes objetos que contam a história militar devem ser considerados património cultural da humanidade. O principal objetivo é encorajar pesquisas científicas sobre armas, armaduras e militar em coleções militares especializadas, museus e outras coleções em geral. O comité estimula ativamente os

padrões profissionais de cuidados, gestão e conservação de coleta de acordo com as boas práticas reconhecidas internacionalmente e as diretrizes do ICOM.²²

O ICOMAM é constituído por cem membros, de entre os quais constam museus de referência internacional, na Europa os casos como o *Museo del Ejercito Espanol* em Espanha, *Musée de l'Armee* em França, *Musée Militaire Vaudois* na Suíça, *Musée de L'Armée et d'Histoire Militaire* na Bélgica, *Rijksmuseum* na Holanda, *Militärhistorisches Museum Dresden* na Alemanha, *Imperial War Museum* em Inglaterra. Nos Estados Unidos da América, no *Metropolitan Museum of Art* tem um departamento dedicado a armas e armaduras, denominado de *Dept of Arms and Armor*, criado dentro do Museu em 1912.²³

Em 1990 foi publicado um relatório da *Museums & Galleries Commission (actual Museums, Libraries and Archives Council)*, denominado de *The Museums of the Armed Services*, que identifica duzentas instituições desta natureza, que evidencia o Reino Unido como um dos países que mais museus de aspeto militar conta.

Como exemplos, aprofundaremos o nosso estudo em dois dos museus acima referidos: o *Museu del Ejército*, em Espanha, e o *Musée de l'Armée*, em França, duas instituições europeias, mais próximos de Portugal.

O *Museo del Ejército*²⁴, em Espanha, é uma instituição estatal de categoria nacional. A sua sede localiza-se no *Alcázar de Toledo* e está sob a dependência do Ministério da Defesa.

A instituição resulta da fusão de vários museus militares fundados no século XIX e no início do século XX. O seu núcleo é formado pelo Museu de Artilharia e engenheiros.

Em 1803, sob as instruções do primeiro-ministro Godoy, foi criado, em Madrid, o Museu Militar Real. É um dos mais antigos museus espanhóis e foi fundado em resposta ao interesse pela preservação e exibição de objetos relacionados com a história militar na Europa. Na época, as coleções tinham um propósito claramente educacional. Os seus

²² ICOMAM - <http://network.icom.museum/icomam/about-icomam/what-is-icomam/> - Consultado em 22/08/2017

²³ TheMet - <http://www.metmuseum.org/about-the-met/curatorial-departments/arms-and-armor> - Consultado em 22/08/2017

²⁴ Para mais informações, consultar: *Museo del Ejército* - <http://www.museo.ejercito.es/>

principais objetivos incluíam o apoio à formação de soldados e complementaridade no ensino nas academias militares.

Em 1827, o Museu Militar Real foi dividido em duas seções: o Museu da Artilharia (*Museo de Artillería*) e o Museu dos Engenheiros (*Museo de Ingenieros*), cada um com a sua própria organização e capacidade operacional. O último terço do século XIX foi o início de um período em que novos museus militares foram criados. Foi quando surgiu o Museu da Intendência (*Museo de Intendencia*) (1885), o Museu de Cavalaria (*Museo de Caballería*) (1889) e o Museu de Infantaria (*Museo de Infantería*) (1908). Tal como o Museu de Artilharia e o Museu dos Engenheiros anteriormente mencionado, estas secções eram independentes umas das outras.

Em 1929, foi considerada a ideia de criar um novo museu para reunir todos os museus militares existentes, que no entanto não chegou a realizar-se. Só chegada a Segunda República é que foi criado o Museu de História Militar, em 1932, que inclui secções para Armas e os Corpos Intendentes e Saúde Militar (*Armas y los Cuerpos de Intendencia y Sanidad Militar*). Após a Guerra Civil Espanhola, o Museu adquiriu a estrutura e organização que teve quando foi alojado no *Palacio del Buen Retiro*.

O *Museo del Ejercito* está agora localizado no *Alcázar de Toledo*, uma mudança que implica não só um novo local, mas também a reestruturação do desenho expositivo e museográfico, de acordo com tendências mais contemporâneas.²⁵

O *Musée de l'Armée*²⁶ é um museu militar francês localizado no *Hôtel des Invalides*, no sétimo distrito de Paris. O museu foi criado em 1905 pela fusão do Museu de Artilharia e do Museu Histórico do Exército, que foram ambos já localizados no *Hôtel des Invalides*.

O Museu de Artilharia foi criado durante a Revolução e foi instalado no *Invalides* em 1871. Foi dividida em duas coleções de armas: a coleção de mobiliário *Crown-Garde* e a coleção dos Príncipes de *Condé*. Foram adicionados recursos do *Louvre*, a artilharia de *Vincennes*, o *Château de Pierrefonds* e aquisições ou doações.

O Museu Histórico do Exército foi fundado em 1896 pela empresa privada de *La Sabretache* (Sociedade de colecionadores de miniaturas e amigos da história Militar). O

²⁵ Museo del Ejercito - http://www.museo.ejercito.es/museo/informacion_general/historia/ - Visitado em 23/08/2017.

²⁶ Para mais informações, consultar: Musée de l'Armée - <http://www.musee-armee.fr/accueil.html>

pintor Edouard Detaille (1848-1912), que presidiu a instituição, tinha as suas próprias coleções e pretendeu criar um museu semelhante à imagem das salas retrospectivas da Exposição de Paris de 1889.

Na época, as coleções foram instaladas e dividiram-se em duas secções:

- A Secção de Armas e Armaduras (*Section des armes et armures*), que incluiu a galeria *Joffre* (fortificações e trincheiras), sala de *Kléber* (coleções orientais), a área de *Massena* (infantaria), a sala *Richelieu* (armas de luxo), a sala *Douay* (infantaria colonial e armamento estrangeiro), a sala *Murat* (cavalaria), a sala *Margueritte* (cavalaria africana, artilharia e arreios), a sala de *Gribeauval* (artilharia), a galeria *Pétain* (Memórias da Grande Guerra, bandeiras tiradas aos alemães) e a galeria *Foch* (memórias dos exércitos aliados).

- A Secção Histórica (*Section Historique*), que inclui a sala *Turenne* ou "Sala de Bandeiras" (contavam-se mais de 700 bandeiras ou estandartes)²⁷; a sala *Bugeaud* (pinturas, trajes militares, armas), a sala *Louis XIV* (costumes e memórias da antiga monarquia); sala *Napoleão*; a sala *La Fayette*; a sala *Aumale* (campanhas coloniais); a sala *MacMahon* (guerras entre 1825 e 1870); a sala de *Chanzy* (1870-1914); a sala das medalhas; a sala *Charlemagne* (coleção de uniformes greco-romanos e gauleses); a sala de *Assas* e a sala *Tour d’Auvergne*.

Ao longo dos anos 90, o museu foi objeto de várias intervenções feitas pelo arquiteto Christian Menu, e, a partir de 2000, foi efetuado o grande plano de renovação ATHENA, com o departamento de Armas e Armaduras Antigas (*Armes et armures anciennes*) reaberto em 2005, o departamento das duas guerras mundiais, criado entre 2003 e 2006 e o departamento moderno (de Louis XIV a Napoléon III), que abriu portas em 2010.

Atualmente, o museu estende-se pelas alas Este e Oeste, ao redor do pátio do *Hôtel des Invalides*, e uma ala oeste onde se localiza a Igreja de *St. Louis* e o historial de *Gaule*, uma construção subterrânea, sobre o pátio da *Valeur*.

O museu inclui: o antigo Departamento (*Le Département Ancien*), com armas antigas e armaduras dos séculos XIII a XVII, a terceira coleção mais importante do

²⁷ « [La salle Turenne ou des drapeaux du musée de l’Armée – Anonyme – Arago](#) » [archive], em www.photo-arago.fr – visitado em 23/08/2017.

mundo, exposto num espaço de 2.500 m²; O Departamento Moderno (*Le Département Moderne*), que cobre todo o período desde Louis XIV até Napoléon III, entre os anos 1643 e 1870; Departamento Contemporâneo (*Le Département Contemporain*), que incorpora as duas guerras mundiais, período entre 1871 e 1945; o Historial de Charles-de-Gaulle (*L'Historial Charles-de-Gaulle*), espaço multimédia de 2.500 m², que traça a vida e obra de Charles de Gaulle, principalmente através da interatividade audiovisual;²⁸

Os armários Incomuns (*Les Cabinets Insolites*) incluem uma parte em figurinos antigos e modelos de artilharia reduzidos e parte dos instrumentos musicais militares.²⁹

Entre os departamentos temáticos consta o Departamento de Pintura e Escultura, um gabinete de estampagem, desenhos e fotografia.

Para pesquisa, o museu disponibiliza dois espaços: a Biblioteca, fundada em 1905 e restaurado nos últimos anos para uma abertura em 2017 e a “fototeca”.

A Igreja *Dôme* está sob a responsabilidade do museu, e abriga o túmulo de Napoleão I, os seus dois irmãos, o seu filho (Eaglet), os marechais Vauban e Turenne , e mais recentemente os marechais Foch e Lyautey .

Dois outros museus ligados ao Museu do Exército são o Museu de Mapas (*Musée des Plans-Reliefs*) composta por maquetas com os modelos das cidades fortificadas que refaz 200 anos de história e estratégias militares e depende do Ministério da Cultura; o O Museu de Ordem de Libertação (*Musée de l'Ordre de la Libération*), criado em 1967 e renovado entre 2012 e 2016, é dedicado à ordem fundada por Gaulle em 1940 e aos companheiros da Libertação. As coleções dividem-se em três partes: a França Livre, a Resistência Interna e a Deportação.³⁰

²⁸ « [Historial Charles de Gaulle – Musée de l'Armée](#) » [archive], sur www.musee-armee.fr – Visitado em 23/08/2017.

²⁹ « [Musée de l'Armée — Les Cabinets insolites](#) » [archive], sur www.musee-armee.fr . Visitado em 23/08/2017

³⁰ « [Musée de l'Ordre de la Libération — Le Musée](#) » [archive], sur www.ordredelaliberation.fr – Visitado em 23/08/2017.

Capítulo II - A arma como elemento de estudo e representação artística

A arma (usada pelo ser humano) teve origem no momento em que o homem pré-histórico apanhou uma pedra do chão e a arremessou a um animal que pretendia caçar.³¹ À semelhança dos animais predadores, que usam as presas e as garras como armas, o Homem uniu o instinto ao raciocínio e projetou o que seria o começo de uma ferramenta, que viria a ser usada na defesa e no ataque. Dessa pedra passou a outra, avaliando-lhe a forma e o peso, mais adaptada à mão, fácil de atirar e certa.³²

Com o auxílio de uma pedra aprendeu a talhar e a afiar outra pedra, e encaixando-a num troço de madeira, inventou o machado, ou ao prendê-la no extremo de uma vara, formou uma lança. Aproveitou a elasticidade dos tendões dos animais que caçavam e as cascas dos troncos das árvores para criar os arcos que lançavam setas. Com o domínio do fogo, o Homem aprendeu a trabalhar os metais. As armas tornam-se mais sofisticadas, o cobre e o bronze ganham brilho. O gume dos machados é mais cortante, as lanças perfuram mais profundamente e as pontas das flechas voam mais alto e mais longe. O homem tornou-se, para além de caçador inato, um guerreiro que tinha como principal vocação a defesa da sua família, da sua tribo e do seu território. A origem da espada, por exemplo, está na movimentação dos Celtas que através da influência grega, trouxeram a “*spatha*”, originária dos hoplitas das falanges. Mais tarde, as legiões romanas que marcharam à conquista de todo o continente inspiraram-se na Península Ibérica para o fabrico da *gladius hispaniensis*, uma espada que se distinguia pela sua lâmina larga, forte, cortante e pontiaguda. Era uma arma pensada para a luta corpo a corpo com os Lusitanos, armados de “*falcatas*”, espadas curtas de lâmina ondulada de um só gume.

Em todos os países, tanto tribos primitivas como nações civilizadas, a questão das armas foi de grande importância. Desde o início, o homem, exposto no mundo sem meios de defesa, foi forçado a inventar métodos de repelir os ataques dos animais. A arma, que originalmente foi inventada com propósitos destrutivos, tornou-se o mais poderoso significado de civilização, e o melhoramento destes instrumentos fatais foi constantemente substituindo o défice de combatentes e assegurava a vitória nas batalhas. Nos tempos modernos, o mais ambicioso conquistador contribui para a civilização, desde

³¹ NOBRE, João (2004). As Armas e os Barões. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P.12.

³² Idem.

que ele tivesse como seguidores os pioneiros da cultura intelectual e do engenho mecânico.

Para obter uma visão precisa daquilo que foi a progressão na construção das armas em diferentes nações, dever-se-á ter em conta a transição e combinação da sua forma. As armas podem ser divididas em quatro categorias distintas: armas dos tempos pré-históricos, da idade da Pedra, de material áspero, lascado ou polido; armas da Idade do Bronze, uma categoria que compreende a manufatura dos antigos como os Escandinavos, Germânicos, Britânicos, Celtas, Gauleses, entre outros; as armas da idade do Ferro, que inclui os tempos Merovíngios e os reinados de alguns reis Carolíngios, que determina o fim da Antiguidade e o início da Idade Média; e as armas da Idade Média, do Renascimento e dos séculos XVII e XVIII.

O uso da expressão *Idade de Bronze* não significa que o ferro fosse desconhecido nesse período. Indica, sim, que o uso deste metal não era habilmente trabalhado, tanto em ferramentas, como em armas, mesmo as mais afiadas. Os lingotes de ferro, em cunha ou em forma de caixa, e alguns outros objetos em ferro forjado preservado na secção Assíria no Museu do Louvre, assim como um fragmento de uma cota de malha em ferro da Assíria, no British Museum, comprovam que no século X a. C. os assírios estavam tão familiarizados com o metal quanto os egípcios.

Trinta passagens da *Ilíada* e da *Odisseia*, onde o ferro foi mencionado, sob o epíteto da “dificuldade em trabalhá-lo”, demonstra que os gregos estavam da mesma forma familiarizados com esta matéria-prima. Pelo contrário, o bronze, que resulta de uma mistura de metais, não tem origem natural, pois é uma composição criada pelo Homem e que varia de acordo com o país e com o tempo. Por exemplo, por vezes era usado cobre e estanho, outras vezes cobre, estanho, chumbo e requeria conhecimento para a fusão dos metais. O cobre puro pode ser trabalhado apenas com o martelo, enquanto o bronze deve ser fundido. A preparação do ferro necessita de um alto grau de calor oxigenado e a sua separação do carbono torna-o maleável. A pedra, apesar de não ser mais usada como matéria-prima da arma, era uma auxiliadora no fabrico das armas, que se abriam para formar os moldes das armas.

Terra, madeira, pedra e pele de animais, que podem ser encontrados na Natureza, foram os primeiros materiais que o homem encontrou para criar os seus utensílios e armas. O uso de pedra prolongou-se por diversos anos para o fabrico armas ofensivas, como na

América, aquando da descoberta por Cristóvão Colombo. Sílex, calcedónia, serpentina e particularmente a frágil obsidiana negra, com que os Incas cortavam os seus antigos espelhos, eram usados para colocar na ponta das lanças e das setas, e no fabrico das lâminas das espadas, dos machados de guerra e facas. O cobre e o bronze eram apenas usados para fabricar ferramentas.

Na Europa, foram encontradas armas feitas de pedra muito antigas, o que demonstra como o homem dominou durante o terceiro período geológico. Outro facto revelador é a imagem de um mastodonte ou um mamute gravado num chifre de um veado encontrado em Périgord, França, assim como numerosos ossos de cervo da caverna, espalhados entre os machados de sílex, que foram encontrados em estratos plutónicos, que forneceram testemunhos adicionais sobre o carácter guerreiro do Homem.³³

Já nos tempos pré-históricos o engenho humano conseguira fabricar armas que revelam eminentes qualidades estéticas. Este facto observa-se sobretudo em alguns povos do Norte, e é possível verificar alguns exemplares dos museus de Estocolmo.

Sendo a guerra, infelizmente, quase um estado habitual das sociedades, é bem visível que as artes e indústrias correlativas, dela dependentes, não deixariam de seguir o seu curso. A armaria floresceu em toda a Idade Média, abrilhantando igualmente os primeiros períodos do Renascimento.

Já no século XVI o lavrante de couraças e coberturas de cotovelos, o laminador e burilador de espadas, eram, por vezes, artistas de uma capacidade artística em trabalhos carregados de detalhes, equiparáveis à minúcia que Benevenuto Cellini usava para esculpir as suas obras de joalheria.³⁴

A pólvora criou a arma de fogo, tornando mais eficaz o ataque e a maiores distâncias. O aperfeiçoamento das armas de fogo foi, paulatinamente, aniquilando uma das mais brilhantes manifestações das artes e das indústrias metálicas, que era o fabrico de armas brancas. Hoje têm elas um carácter quase meramente documental, servindo de referência para o estudo das armas e da História Militar. Pode visitar-se alguns dos seus mais belos espécimes nos Museus Militares de Paris, Londres, Madrid, Turim e outras

³³ DEMMIN, Auguste (1894). *Illustrated History of Arms and Armour*. Londres: GEORGE BELL & SONS, YORK ST., COVENT GARDEN, AND NEW YORK. Pp. 17-20.

³⁴ FREIRE, Anselmo Braamcamp; Bobone, Carlos (1989) – *Armaria Portuguesa*. Lisboa : Cota d'Armas Editores e Livreiros. Pp. 1-2.

capitais da Europa.³⁵ Espanha leva-nos neste ponto a mais incontestável vantagem, sendo a armaria de Madrid uma das que mais prendem a atenção dos espectadores e apreciadores da especialidade.

É, na verdade, surpreendente que o desleixo nacional não conservasse quase que o menor vestígio dos nossos antigos depósitos de armas, alguns dos quais como o de Lisboa. Em algumas casas religiosas, como no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, havia pequenos arsenais onde se iam buscar os necessários petrechos nas ocasiões de perigo. O desmazelo, a ruína e a destruição chegaram a tanto que é raro encontrar-se, nas coleções públicas ou particulares, uma armadura completa de incontestável valor.

Um testemunho comprova-nos a suficiência dos nossos artífices, através de um documento, no inventário do tesouro de arte de Fontainebleau, feito em 1560, com o seguinte comentário: “*une autre espèce ayant la poignée, la garde, la chape et le bout avec adague de mesmo emallé de gris et de plusieurs autres couleurs façon de Portugal.*” (Uma outra espécie com o punho, a guarda, a ponteira e a ponta com adaga esmaltada de cinzento e de outras cores relativas a Portugal). Este trecho vem citado pelo Sr. Maurice Maindron num estudo sobre *L’Armeria* de Madrid, começado a publicar na *Gazette des Beaux-Arts*, no fascículo de Outubro de 1893.³⁶

O escritor francês refere-se a uma peça existente na armaria de Madrid que considera de procedência alemã e que fora oferecida por D. Sebastião (regente de 11 de junho de 1557 a 4 de agosto de 1578) a D. Filipe II, seu tio (reinado de 25 de julho de 1554 a 13 de setembro de 1598). Não falta, porém, quem atribuisse o presente como dado antes por D. Manuel (reinado de 25 de outubro de 1495 a 13 de dezembro de 1521), opinião que contesta. A esfera armilar, empresa deste monarca, seria um dos argumentos mais persuasivos em favor desta origem se porventura os caracteres do trabalho artístico não se adequassem à época. A representação dos elefantes no capacete pode servir de reforço, pois sabe-se como D. Manuel mandou vir da Índia aquele animal que ofereceu ao Papa numa solene embaixada. Se a armadura fosse mandada fabricar por D. Sebastião, deveria ter o seu emblema, a seta.³⁷

³⁵ Idem.

³⁶ Idem. P. 6

³⁷ Idem. P.5.

Além dos mouros, os judeus também eram peritos nas artes metálicas, em geral, e no fabrico das armas, em particular, e por isso até se promulgou uma exceção em seu favor.³⁸ Diz Damião de Góis, na parte I, cap. X, da sua *Chronica de D. Manuel*, que os judeus de Castela, que vieram para Portugal no tempo de D. João II, pagaram 8 cruzados por cabeça, e que os ferreiros, latoeiros, malheiros e armeiros pagaram metade. A influência destes emigrantes previa-se que não poderia ser duradora, pois tiveram de expatriar-se no reinado de D. Manuel. Todavia, muitos judeus convertidos ao catolicismo continuaram a exercer a sua atividade artística e, assim, vemos em Tavira, no Algarve, uma família de cristãos novos, a do Fains, entregue ao fabrico de lanças.

Fora do continente, havia armeiros nas praças de África que pertenciam a Portugal e eram notáveis as ferrarias e arsenais de Goa, onde se fundiam peças de artilharia e se fabricavam armas.³⁹

No artigo de Gaspar de Castanheda é possível constatar que, em 1527, estacionavam em Cochim numerosos armeiros. Outros artigos mencionavam mais oficiais do mesmo ofício na Índia.⁴⁰

A arma branca concorreu muito para opulentar a galeria dos armeiros portugueses, sendo os biscainhos os que forneceram maior contingente, atendendo à frequência de relações que existiam outrora entre Portugal e Biscaia.⁴¹ Acresce outro fator: o solo daquela parte de Espanha é de uma grande riqueza em minério e por isso os seus habitantes entregam-se particularmente às indústrias extrativas e às artes metálicas. Em Braga, que sempre gozou fama de possuir boas oficinas de espingardeiros, existia, (e ainda existe), uma rua denominada dos Biscainhos. Noutras artes e ofícios também eram peritos, sobretudo nos de carpinteiro e de construção. João de Castilho e o seu irmão, Diogo, os dois notáveis arquitetos que floresceram nos reinados de D. Manuel e D. João III, eram daquela procedência.

Nas forjas dos ferreiros, alfagemes e armeiros, não se fundem, afiam ou aprontam apenas armas.⁴²

³⁸ Idem. P. 8.

³⁹ Idem. P. 11.

⁴⁰ Idem. P. 13.

⁴¹ Idem. P.20.

⁴² NOBRE, João (2004). *As Armas e os Barões*. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P.12.

O ferro ficou associado às armas de dois milénios de era cristã, desde as primeiras forjas e lanças, aos fornos de aço dos canhões gigantes e às ligas das super-blindagens. E desde esse momento que, até hoje, a arma evoluiu a par com o ser humano, em constante aperfeiçoamento. A espada é do ponto de vista histórico uma arma branca de combate funcional, constituindo atualmente um importante símbolo de poder e conquista.

“Em cerimónias onde futuros oficiais prestam juramento de bandeira, a espada é entregue como símbolo de autoridade de que são investidos para exercerem funções de chefia, de direção e de comando, cumprindo e fazendo cumprir os deveres militares e a responsabilidade de conduzir os seus subordinados, sendo os próprios o exemplo a seguir, aplicando e cultivando os valores militares, designadamente, a honra, a integridade, a coragem, a disciplina, a lealdade e a justiça. A espada acompanha um oficial ao longo da sua vida militar, distinguindo-o como tal e enaltecendo o seu uso com o mesmo brilho espelhante do aço da sua lâmina, sendo testemunha de todos os momentos de maior relevo da sua carreira.”⁴³

⁴³ Prefácio do Comandante da Escola Naval, Contra-Almirante Bastos Ribeiro *em*: SANTOS, Paulo (2013). *Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa*”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda.

Armas Históricas

As armas tiveram, como já vimos, uma função principal, a da agressão, usadas na defesa ou no ataque mas nunca deixaram de constituir um suporte para a ornamentação. A decoração que lhes era imposta podia constituir uma extensão das suas funções, aludindo ao seu poder, mas também a outros elementos culturais e históricos do seu tempo.

Joyeuse é o nome de uma espada que pertenceu a Carlos Magno, que significa “Alegria” em francês e reúne factos históricos e mitológicos.



Espada *Joyeuse*
Museu do Louvre
Autor da foto: Loicwood

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Epee_sacre_fourreau_louvre.JPG

Carlos Magno é conhecido por ser um dos governantes mais poderosos da Europa após a queda do Império Romano.⁴⁴ A sua espada de mão foi forjada no ano de 802 d. C. pelo famoso ferreiro Galas, que levou três anos para a completar. É composta de uma lâmina plana com duas arestas de corte afiadas e o pomo é finamente ornado, no aperto e na guarda cruzada. Apresentava dragões e posteriormente uma flor-de-lis, que foi

⁴⁴ Vida de Carlos Magno - <http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-de-carlos-magno-c-817-829> - 20/07/2017

removida mais tarde para a coroação de Napoleão.⁴⁵ Carlos Magno, imperador cristão do Ocidente, voltava de Espanha e montou um acampamento na mesma área. O imperador precisava de uma arma mortal, afiada e gloriosa para lutar em todas as batalhas onde o seu exército estava em campanha.⁴⁶ O grande rei era conhecido por ser brutal e implacável, e precisava de uma arma que sustentasse a sua fama.⁴⁷ A canção de Rolando descreve uma parte da Batalha de Roncevalles com a espada:

“[Carlos Magno] vestia a sua fina cota de malha e o seu capacete com pedras douradas; ao seu lado pendurava *Joyeuse* e nunca havia uma espada para combiná-la; a sua cor mudou trinta vezes por dia”.

A espada era conhecida por ter poderes diferentes, incluindo ser tão brilhante que superaria o sol e cegava os exércitos inteiros que estivessem na sua frente. O imperador perdeu a sua espada durante uma batalha e prometeu terra para quem a trouxesse de volta. Um dos seus soldados encontrou e trouxe-lhe a espada enquanto lutava na região de Ardèche. Carlos Magno fez o que prometeu: plantou a espada no chão e declarou o soldado o senhor e mestre daquela terra, que ele chamou *Joyeuse*, nomeando-o em homenagem à espada.⁴⁸ Após a sua morte, em 814, a espada tornou-se um tesouro nacional usado durante as coroações dos reis franceses, embora tivesse desaparecido por séculos. Apareceu durante a cerimónia de coroação de Philippe le Hardi, em 1270 na Catedral de Reims. Muitos reis foram celebrados da mesma forma nos séculos seguintes, incluindo Luís XIV, que também usou a espada na sua coroação. Durante anos, a *Joyeuse* foi mantida em Saint-Denis, protegida por monges.

⁴⁵ Coronation sword and scabbard of the Kings of France: <http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/coronation-sword-and-scabbard-kings-france> - 20/07/2017

⁴⁶ Vida de Carlos Magno - <http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-de-carlos-magno-c-817-829> - 20/07/2017

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ *A Canção de Rolando* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-07-20 17:26:51]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$a-cancao-de-rolando](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$a-cancao-de-rolando).



Retrato de Carlos Magno
Albrecht Dürer
1512

Museu Nacional Germânico , Nuremberg , Alemanha
Autor da foto: Alonso de Mendoza
Data da foto: 30. Jan. 2016

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/32/D%C3%BCrer_karl_der_grosse.jpg

Na imagem acima representada, Carlos Magno segura na mão direita uma espada como símbolo de seu poder temporal (político) e na mão esquerda segura um globo com uma cruz, numa representação de poder espiritual (religioso) sobre o mundo cristão Ocidental. Tudo na pintura representa a aliança entre os francos e a Igreja Católica.

Não sendo usada para combater, a espada teve muitas alterações estéticas ao longo dos anos, nomeadamente no pomo, na cruz e na bainha. Foram-lhe adicionados ornamentos para lhe conferir um aspeto mais prestigiante. Todas estas mudanças fizeram de *Joyeuse* uma simbiose interessante de diferentes estilos de toda a Europa. Em 1793, após a Revolução Francesa, a espada foi transferida para o museu do Louvre em Paris, onde ainda permanece. Charles X foi o último rei francês a usar a espada numa cerimónia de coração em 1824. ⁴⁹ *Joyeuse* foi uma das mais importantes espadas do Império Francês,

⁴⁹ Coronation sword and scabbard of the Kings of France: <http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/coronation-sword-and-scabbard-kings-france> - 20/07/2017

sendo a única usada nas cerimónias de coroação por centenas de anos. Continua a ser um símbolo de poder e glória, mas também um símbolo de prestígio e elegância, já que a espada é visualmente deslumbrante.



Rei Louis XIV com *Joyeuse*,
Hyacinthe Rigaud
Óleo sobre tela.
1701
Museu do Louvre
[S. A. Foto]

Fonte: <https://www.wga.hu/support/viewer/z.html>

Na obra *La Chanson de Roland*, temos ainda a referência de uma outra espada: a *Durindana*, ou em francês *Durandal*, cuja virtude era ser inquebrável, e possivelmente o seu nome deriva do verbo francês "durer" ("durar"). Foi oferecida por Carlos Magno ao seu sobrinho Conde Rolando, na sua investidura como cavaleiro, aos dezassete anos de idade.⁵⁰

⁵⁰ LAURIN, Michel (2000) *Anthologie littéraire du Moyen Âge au XIXe siècle*, Québec: Beauchemin.



Rolando (à direita) recebe a espada *Durandal* das mãos de Carlos Magno (à esquerda).

Ca. 1400?

[S. A.]

[S. A. Foto]

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rolandfealty.jpg>

De acordo com o poema *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, teria pertencido outrora a Heitor de Troia e tinha sido dada a Rolando por Malagigi (Maugris).⁵¹ Em *A Canção de Rolando*, afirma que a espada continha no punho de ouro, um dente de São Pedro, sangue de São Basílio, um fio de cabelo de São Denis e um fio da capa da Virgem Maria. No poema, ao perder o seu cavalo, Vigilante ("*Veillantif*"), e percebendo que está gravemente ferido durante emboscada dos sarracenos, Rolando tenta destruir a espada para impedir que esta seja capturada. Como a espada prova ser indestrutível, Rolando esconde-a então sob seu corpo, junto com o olifante, o instrumento usado para alertar Carlos Magno.⁵²

A *Tizona* é o nome de uma das espadas usadas por Rodrigo Díaz de Vivar, mais conhecido por El Cid, de acordo com ao poema *Cantar de Mio Cid*. O nome da segunda espada usada pelo guerreiro foi a Colada.

⁵¹ ARIOSTO, Ludovico (1964). *Orlando Furioso*. Volume II. Milão: E. Sanguinetti M. Turchi.

⁵² *A Canção de Rolando* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-07-20 17:26:51]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$a-cancao-de-rolando](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$a-cancao-de-rolando)



Tizona, espada de El Cid.

Museo de Burgos

Fotografía de Federico Vélez

<http://img.ibxk.com.br/2016/02/10/10164348244345.jpg?w=1040>

Rodrigo Díaz de Vivar, nascido em Burgos, Espanha, em 1043, morreu com 56 anos em Valência a 10 de julho de 1099. Era chamado de El Cid, proveniente do mourisco *Sidi*, ("senhor") e de *Campeador* (Campidoctor, Campeão). Foi um nobre guerreiro castelhano que viveu no século XI, época em que a Hispânia estava dividida entre os reinos rivais de cristãos e mouros. A sua vida e feitos tornaram-se uma referência para os cavaleiros da idade média, sobretudo devido a uma canção de gesta (a *Canción de Mio Cid*), datada de 1207, transcrita no século XIV pelo copista Pedro Abád, cujo manuscrito encontra-se na Biblioteca Nacional da Espanha.⁵³

⁵³ HAMILTON, Rita (1975). *The Poem of the Cid: A Bilingual Edition with Parallel Text*. [s.l.]: Penguin Classics.



Monumento a El Cid.
Inaugurada a 1955.
Burgos, Castela y León, Espanha.
Juan Cristóbal González Quesada (1897–1961).
[S. A. Foto]

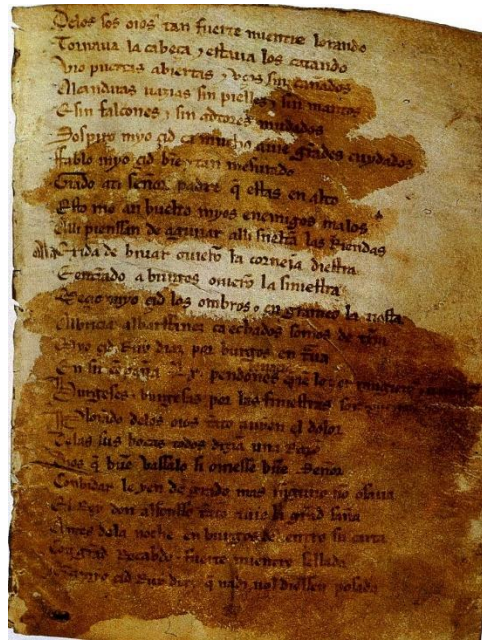
<http://4.bp.blogspot.com/-TICXy2kK1xM/VMZ2AZL640I/AAAAAAAAACUs/j4CqGehewq8/s1600/El%2BCid.jpg>

A imagem que emerge desse manuscrito é a do cavaleiro medieval idealizado: forte, valente, leal, justo e piedoso.

Uma espada identificada como *Tizona* foi oferecida por Fernando II de Aragão ⁵⁴ a Pedro de Peralta, conde de Santisteban de Lerín, em 1470. Esta espada foi mantida no Castelo Marcilla, mais tarde no Museu do Exército de Madrid e transferida em 2007 para o Museu de Burgos. ⁵⁵ O nome que lhe era atribuído na obra *Cantar de Mio Cid* é Tizón.

⁵⁴ Aragonês: Ferrando; Espanhol: Fernando II; Catalão: Ferran II; Inglês: Ferdinand II.

⁵⁵ Museo de Burgos: <http://www.museodeburgos.com/> - 21/07/2017



Poema de Mio Cid

1140- 1207

Per Abbat (copista)

Permissão de PD-Old.

Biblioteca Nacional de Madrid.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f8/Cantar_de_mio_Cid_f._1r_%28rep%29.jpg

A forma de *Tizona* foi aplicada posteriormente, a partir do final do período medieval (século XIV). A arma tem as inscrições gravadas a ácido:

YO SOY LA TIZONA – FUE: FECHA – ENLAERA: DE: MILE: QVARENTA

(Eu sou Tizona, fui feita na era de mil e quarenta)

AVE: MARIA GRATIA – PLENA DOMINVSSMECVN

(Ave Maria, Cheia de Graça, o senhor esteja comigo)

A data de 1040 na inscrição foi identificada na Era Hispânica, designando o ano de 1002. Portanto, ao ano de 1040, retirando 38, da era de César, ficaria o ano cristão de 1002, tempo de El Cid.

A lâmina larga é do tipo XIII, característica do século XII, com goteira que corre ao longo de menos de metade do comprimento da lâmina.⁵⁶

⁵⁶ Juan Tous Meliá (2000). *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*. P. 30.

O punho foi acrescentado mais tarde, na época dos Reis Católicos, com o arcabouço curvo elaborado ao estilo hispânico-mourisco do período (séc. XV).⁵⁷ o nome *Tizona* sugere uma data medieval tardia (séc. XIV), tendo como referências iniciais o nome *Tizón*.⁵⁸

Por último, e a mais importante das anteriores por se tratar de um caso português, está a famosa espada que, por tradição, terá pertencido a D. Afonso Henriques e que está exposta no nosso local de estágio, o MMP. Não se pode afirmar que a arma é, efetivamente, a arma que prolongou o braço do monarca, pois a sua autenticidade é discutível, o que resultou numa variadíssima bibliografia sobre o estudo dessa peça. Esta discussão surge dado o facto de que as espadas que remontam à época de D. Afonso Henriques (ou anterior), não constam de documentação.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ A autenticidade desta lâmina é posta em questão por alguns especialistas. O punho e a inscrição foram acrescentados posteriormente (a inscrição, gravada a ácido terá sido feita entre o séc. XIII e XIV, e o punho no séc. XV).



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.
Espada de D. Afonso Henriques.

Como já foi referido anteriormente, a espada não era apenas usada como objeto de agressão para uso em batalha, mas era essencialmente um símbolo régio, usado em cerimónias de coroação, um ritual que vai buscar influência à iniciação da cavalaria.⁵⁹

O primeiro Rei de Portugal foi sepultado inicialmente numa capela do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, num túmulo feito em madeira de cedro.

⁵⁹ MATTOSO, José (1987). *A realeza de Afonso Henriques, Fragmentos de uma Composição Medieval*. Lisboa: Estampa, 1987. P. 224-228.

A 25 de Outubro de 1513, D. Manuel I ordenou que o corpo fosse trasladado para a capela-mor do mesmo Mosteiro, onde repousa até hoje. Trezentos e trinta anos após a sua morte, o corpo manteve-se imaculado. Na cerimónia, foi-lhe colocada a espada e o escudo, o manto de cavaleiro e a coroa real, realizando-se também o beija-mão ao monarca.



Túmulo de D. Afonso Henriques.

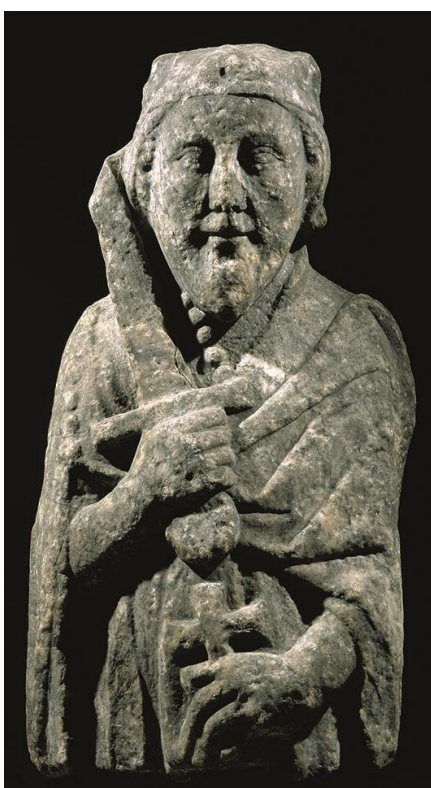
Fotografia de António Luís Campos

Fonte: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/953-afonso-henriques?showall=1>

A espada começou a ser venerada ao lado do túmulo no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra desde que D. Manuel homenageou D. Afonso Henriques e D. Sancho, na mesma cidade. Em 1578, o rei D. Sebastião levou esta arma para a usar como talismã, rumo ao norte de África. Conta a lenda que “numa visita de D. Sebastião ao Mosteiro, a espada lhe foi dada a beijar. É um facto que oito anos mais tarde, de partida para a sua trágica demanda, D. Sebastião manifesta ao prior de Santa Cruz o desejo de levar consigo a espada e o escudo de D. Afonso Henriques, desejo a que o Capítulo dos Crúzios acedeu, enviando ao monarca os dois objetos. Para o efeito foram mandadas fazer uma bainha para a espada e caixas de ébano com ferragens em prata para esta e para o escudo. Conforme a vontade de D. Sebastião espada e escudo embarcaram então para o Norte de África, abrindo uma página obscura na história da peça, pois o seu regresso não foi documentado na época e, só já avançado o século XVII, o assunto volta a ser abordado. Os registos dessa época defendem que as duas peças terão ficado esquecidas no navio e

puderam por isso regressar a Portugal e ser enviadas por D. António a S. Vicente de Fora, de onde teriam depois sido levadas de volta para Sta. Cruz de Coimbra.”⁶⁰

Provavelmente, a ausência de documentação relativa à espada e ao escudo entre os anos 1578 e 1610 nas descrições de Santa Cruz ou do próprio mosteiro, é um indício de que as peças não teriam regressado. Com isto, os frades crúzios encomendaram uma nova espada, com o intuito de substituir a anterior, que viria a ser venerada, séculos mais tarde em Santa Cruz. ⁶¹ Segundo Mário Barroca, nesta época, século XVII, vivia-se sob o domínio filipino em Portugal, o que pode explicar a necessidade nacional de recuperação dos mitos da “portugalidade”.⁶²



Datada do final do século XII ou início do século XIII, presume-se que esta pode ser a mais antiga representação do primeiro monarca português. Já coroado e de espada em punho, o rei enverga também o manto real.

Créditos: Museu Arqueológico do Carmo/José Pessoa/IMC.

Fonte: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/953-afonso-henriques?showall=1>

⁶⁰ MACHADO, Ana Paula (2009). *Arte, poder, e religião nos tempos medievais*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu. P. 97.

⁶¹ BARROCA, Mário Jorge (2000). *Espada de D. Afonso Henriques. Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*. Palmela: Câmara Municipal.

⁶² Idem.

Presume-se que, relacionado com a vontade de canonização de D. Afonso Henriques, a espada foi transferida para o mosteiro da Serra do Pilar, em Gaia, por volta de 1670, trazida pelos cónegos de Santa Cruz, para veneração, que depois a faziam regressar ao Mosteiro. Só voltaria a sair em 1834 devido à extinção das ordens religiosas, para o Museu Portuense, na cidade do Porto, acompanhada de algum espólio do Mosteiro. Deixaria de existir registos do escudo, da bainha da espada e das caixas de ébano, referidas na lenda anteriormente descrita.

A espada viria a ser encontrada por volta de 1940 (comemoração dos centenários), num estojo com a exata medida da peça, feita em couro vermelho gravado, numa arrecadação do Museu das Belas Artes, pois as coleções do Museu Portuense por lá teriam passado.

A arma que falamos foi, como já referimos, objeto de veneração, mas lembremos que a devoção religiosa foi abandonada no século XIX, mas foi substituída por um “teor mais laico”⁶³, muito devido à difusão que as celebrações dos centenários em 1940. “A espada de D. Afonso servia ‘como uma luva’, à propaganda do Estado Novo. Entre 39 e 40, publicaram-se dezenas de artigos em jornais reacendendo as polémicas da autenticidade e da alegada ilegitimidade da transferência para o Porto. A possibilidade de uma eventual beatificação de D. Afonso Henriques voltava a vir a lume”.⁶⁴

Esta espada esteve em exibição na Exposição do Mundo Português e no Cortejo dos Centenários (neste evento esteve também presente uma estatua de D. Afonso Henriques que empunhava uma réplica fiel, da autoria de Soares dos Reis).

Em 1944, a arma ficou exposta no Museu Soares dos Reis, na sala principal do andar nobre do palácio e era, segundo o diretor da altura, Dr. Vasco Valente, “um dos grandes atrativos do Museu e uma honra para a Cidade”.⁶⁵

Mais tarde, em 1958, o Exército solicitou autorização ao Museu Soares dos Reis para várias reproduções da espada que foram oferecidas como símbolo de reconhecimento de mérito a Instituição Militar.

⁶³ MACHADO, Ana Paula (2009). *Arte, poder, e religião nos tempos medievais*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu. P. 98.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Carta/parecer dirigida ao Diretor Geral do Ensino e das Belas Artes. 22 Jun. 1944. Arq. do MNSR. Lº 9, nº 126.

Todos os anos, a espada desloca-se a Coimbra para veneração na comemoração do dia do Exército.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Estátua equestre de D. Afonso Henriques.

Mestre Escultor Gustavo Teles de Faria Correia Bastos.

1984

O que têm estas espadas em comum com as armas que estudamos?

São armas que pretendem ser funcionais e simbólicas, usadas tanto em batalha como em cerimónia. A arma é uma extensão do corpo e da personalidade de quem a usa. Todas simbolizam magnanimidade, tenacidade, perseverança, pujança, poder, e estas

características manifestam-se tanto em combate como em cerimónias, tornando-se indissociáveis a quem alguma vez as possuiu. Similarmente às armas que estudaremos, estas armas históricas passaram de mão em mão através da titularidade, seja por coroação dos monarcas, seja por nomeação de Oficiais pertencentes ao Exército, mantendo a tradição ao longo dos anos. A arma deve ser um objeto de ostentação e demonstração de poder, e isso deve refletir-se na sua forma e estética. O primeiro possuidor de uma arma pode influir nas características do objeto, pois o seu fabrico é feito a pensar nos traços da sua personalidade. Carlos Magno teria uma arma deslumbrante. Rolando deveria ter a sua arma indestrutível. El Cid carregaria uma arma destrutiva. D. Afonso Henriques possuía a espada de Portugal. As armas foram sendo estilizadas, modificadas, acrescentando e retirando elementos, consoante o gosto da época e do seu proprietário e por isso chegaram aos nossos dias totalmente diferentes da sua origem.

As espadas que pertenceram aos guerreiros que acima mencionámos são envolvidas por lendas que mistificam os feitos conquistados. A par dos grandes homens estaria um elemento que os acompanharia, uma força auxiliadora e espiritual que elevava as crenças nas suas capacidades de sair vitorioso em batalha. Estas armas não são meramente objetos de destruição, são uma fonte de coragem, de jugo, de poder, de domínio e esses atributos deveriam ser reconhecidos tanto pelo seu portador, que consideraria a arma o seu amuleto, mas também por quem a contempla, seja o exército aliado ou inimigo, pois a arma é a materialização da personalidade do herói. E assim, a espada deve ser exuberante, luxuosa, caprichosa, e, sobretudo, poderosa. Esta consideração do Homem pela arma não se constata em casos pontuais. Qualquer homem que soubesse empunhar uma arma e enobrecesse esse gesto, sentia a dignidade ao mesmo nível que os homens que marcaram a História.

Estudos de caso

Armada Real Portuguesa

Sendo Portugal um país de navegadores, devemos saber que a fama dos heróis do mar permaneceu ao longo dos tempos. Mas, infelizmente, não se dá grande apreço às “ferramentas” que como eles, para o bem e para o mal, talharam a história do país. Ainda é possível, todavia, encontrar exemplos, que nos remetem ao nosso passado militar e nos

despertam interesse, permitindo-nos explorar as funções e simbolismos das armas usadas pelos nossos antepassados.

A arma branca sempre foi um símbolo de estatuto e prestígio. Para além da sua finalidade prática, algumas espadas e sabres eram verdadeiras obras de arte, onde a funcionalidade e a beleza se fundiam, mas sempre ligadas ao culto do cavalheirismo e da honra.⁶⁶

Realçamos a Marinha, pelo facto de termos uma arma (3149) que corresponde a Sabre de Oficial General da Armada Portuguesa, datada da primeira metade do século XIX.



Arma nº. 3149

Sabre de Oficial General da Armada Portuguesa. Primeira metade do século XIX.

Ainda hoje, na Marinha, os oficiais usam a arma com orgulho como símbolo de comando revendo-se nos seus maiores que, de espada ou sabre na mão, defenderam os interesses de Portugal.

Várias condições ditam a história da produção e o uso de armas brancas pelos Oficiais da Armadas Portuguesa, a partir de finais do século XVIII, durante o século XIX e nos nossos dias.

⁶⁶ Introdução de José António Faria e Silva - Presidente da Associação Napoleónica Portuguesa; Secretário da Academia Portuguesa de Armas Antigas. Lisboa, 10 de Outubro de 2013 *em*: Idem.

À imagem de outras Marinhas, nomeadamente a inglesa, a espanhola ou a francesa, estudadas por especialistas como P. Tuite ou P. G. W. Annis⁶⁷, tornou-se hábito nas embarcações da Armada Real Portuguesa (como naus, fragatas, corvetas e brigues), desde o fim do século XVII o uso de uma variedade de armas brancas, nomeadamente sabres, espadas, e de menores dimensões os espadins e as adagas, por uma questão de funcionalidade em situações de combate a bordo.⁶⁸

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, e até ao ano de 1807, os Oficiais da Armada Real Portuguesa usaram armas brancas de vários tipos a bordo das embarcações e nos seus Regimentos de Infantaria de Marinha, conforme evidenciam os raros exemplares de armas brancas navais desse período que figuram em coleções particulares e nacionais.⁶⁹

O uso e porte destas armas, geralmente de lâmina curta, direita (em terra) ou curva (em embarque, para combate), não obedecia disposições regulamentares específicas, tendo contudo correspondência com o armamento usado em terra, por militares ou até por civis. Aliás, é de notar que ao longo do século XVIII, existiam passagens duma a outra classe do serviço Militar, do Exército, para a Marinha. Eram, portanto, armas brancas, propriedade de nobres ou de fidalgos ao serviço da Armada, adquiridas as expensas dos seus portadores, e ao seu critério. Assim, os Oficiais da Marinha, por tradição familiar e económica, conservavam com frequência lâminas antigas que tinham pertencido aos seus antepassados. As posses e os gostos de cada um acabavam por determinar, de facto, a origem e o custo do fabrico das armas.⁷⁰

As espadas e sabres para uso naval podiam assim ter lâminas de maior ou de menor qualidade, empunhaduras de marfim, de prata ou de madeira, e guardas com acabamentos de ferro, latão, prata ou mesmo ouro, como era o caso das espadas da alta nobreza ou da Casa Real.⁷¹

⁶⁷ Tuite, P.: “British Naval Edged Weapons, na Overview”, Article, ASOAC, Pdf Format, Internet e Annis, P.G.W: “Naval Swords”, StackPole Books, Cameron and Kelker Streets, Harrisburg, Pa., 1970.

⁶⁸ Destaca-se a coleção de Reiner Daehnhardt, a coleção Eduardo Nobre e a coleção José António Faria e Silva.

⁶⁹ SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 11.

⁷⁰ Idem. P.11.

⁷¹ Idem.

Apesar de as nossas armas pertencerem a uma cronologia essencialmente dos séculos XVIII e XIX, é importante recuar ao século anterior para compreender a sua origem.

Proveniente dos finais do século XVII, encontramos coleções particulares Portuguesas, um reduzido número de espadas de “Guarda de Vela” atribuídas à Armada por terem copos arredondados e abertos (e não tigelas fechadas).⁷² As suas guardas fazem lembrar as velas “muito enfunadas”, dos navios. A guarda dessas armas era adornada com uma concha, tema marítimo e elemento decorativo genuinamente português, também símbolo do Rei D. João V, ornato muito ao gosto do barroco nacional. É interessante notar que algumas dessas espadas já eram dotadas de copos de latão, liga particularmente apropriada às condições do serviço marítimo, uma vez que não enferruja.⁷³

Da segunda metade do século XVIII, dispomos de fontes iconográficas, relativas às espadas da Armada, que consistem em quatro manuscritos iluminados com desenhos de Uniformes da Armada, de grande valor histórico-documental, hoje conservados no Arquivo Histórico-Militar, em Lisboa.⁷⁴

As restantes referências, tanto no “Livro Mestre do Padrão de Panos de Uniformes do Corpo de Oficiais da Armada Real” de 1761, como nos “Livros Mestres dos Regimentos de Artilharia de São Julião da Barra e do Livro de 1º e 2º Regimentos de Infantaria da Armada Real”, de 1762 e de 1764, são desenhos dos figurinos de Oficiais de Marinha, empunhando indiscriminadamente sabres, com lâmina curta ou espadas de lâmina direita.

O Alvará de 1797, de D. Maria I que organiza a “Brigada Real de Marinha”⁷⁵, verdadeiro corpo de Infantaria de Marinha totalmente diferente do Corpo de Oficiais da Armada Real, refere o armamento branco desta Unidade como sendo: “Espada curta com os copos de metal amarelo...”⁷⁶

Da consulta do livro de Eduardo Nobre “As Armas e os Barões”, reconhecemos exemplos de armas de fabrico português, que podemos comparar as armas do espólio por

⁷² Consultar Apêndice 1.

⁷³ Idem. P. 12.

⁷⁴ Da secção de Manuscritos e Reservados do Arquivo Histórico-Militar.

⁷⁵ Alvará de 28 de Agosto de 1797.

⁷⁶ SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 13.

armas por nós estudado, quer no seu formato, quer na epigrafia. É o caso da arma em (ver abaixo) estudo nº 2801.8.



Arma 2801.8

Esta arma tem inscrito na lâmina a frase “VIVA EL REI DE PORTUGAL”, cuja inscrição nos foi possível verificar que existem mais espadas com epigrafias idênticas. É o caso encontrado no livro de Eduardo Nobre, onde a lâmina tem a mesma legenda. O autor informa que esta arma poderá ter sido usada tanto em terra, como em mar.⁷⁷

Um dos marcos históricos relevantes na evolução das espadas navais em Portugal, reside na adoção pela Marinha, do Plano de Uniformes do Exército de 1806⁷⁸, em Maio de 1807.⁷⁹

Na seleção de armas que estudamos, quatro pertencem ao Plano de Uniformes de 1806 de Pequeno Uniforme, que viria a servir de influência para o armamento dos Oficiais Generais da Armadas Portuguesa.

⁷⁷ NOBRE, João (2004). *As Armas e os Barões*. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P. 69.

⁷⁸ Plano de Uniformes do Exército de 19 de Maio de 1806.

⁷⁹ Plano de Uniformes da Armada de 13 de Maio de 1807.



Arma 3150



Arma 3190



Arma 3192



Arma 3228

Este novo Plano de Uniformes, entrado em vigor no ano de 1806 mudou radicalmente a imagem do soldado português, que em muito se assemelhou ao soldado pertencente ao exército da Coroa Austríaca na segunda metade do século XVIII, que por sua vez influenciou o uniforme do soldado do Exército Britânico, usado desde 1793, assim como do granadeiro da Prússia, do ano de 1797.⁸⁰ Mas foi o Uniforme do soldado húngaro que mais serviu de inspiração para o Plano Português, adaptando, sobretudo, as características ligadas à pátria.



Gravura do Plano de Uniformes de 1806.

Créditos: © Arquivo Histórico-Militar

Fonte: <http://www.arqnet.pt/imagens3/imag080904.jpg>

⁸⁰ Os Uniformes em 1806 - <http://www.arqnet.pt/exercito/uninf806.html>. Consultado em 3/08/2017.



Soldado de Infantaria Húngara de 1801.

Créditos: RODRIGUES, Manuel Ribeiro (1998). *300 anos de uniformes militares do exército de Portugal, 1660-1960*. Lisboa: Exército Português e Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Fonte: <http://www.arqnet.pt/exercito/uninf806.html>



Granadeiro prussiano, com o Kasket de 1797

Créditos: RODRIGUES, Manuel Ribeiro (1998). *300 anos de uniformes militares do exército de Portugal, 1660-1960*. Lisboa: Exército Português e Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Fonte: <http://www.arqnet.pt/exercito/uninf806.html>

A influência austríaca deve-se à participação na Guerra dos Sete Anos do Marechal General do Exército Português (o duque de Lafões) como oficial no Exército Austríaco no regimento do seu primo, o Príncipe Ligne. O infante D. Manuel, irmão de D. João V, portanto tio paterno do duque, teria sido oficial General no Exército Austríaco e, como “Chefe”⁸¹ de um regimento de couraceiros.

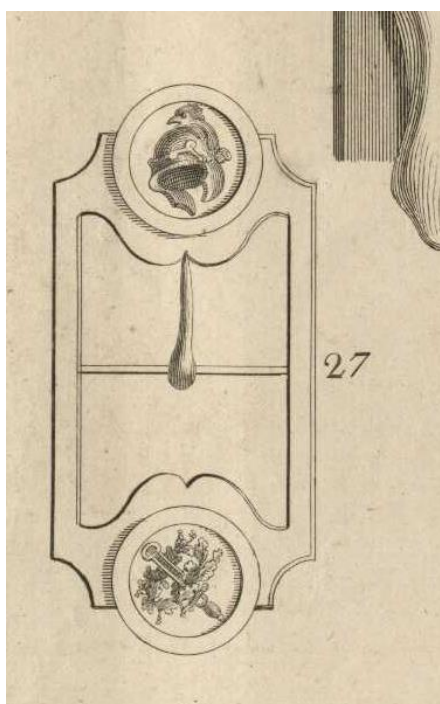
Está descrito no Plano que a arma de Pequeno Uniforme seria composta de “(...) sabre Fig. 21, com bainha de metal amarello, boldrié de marroquim encarnado com ferragem amarella Fig. 27 (...). A corôa de louro que vai principiada na viróla junto aos terços do sabre Fig. 26, deve guarnecer toda a viróla no sabre Fig. 21.”⁸²



Figura 21 do Plano de Uniformes para o Exército Português de de 1806

⁸¹ Proprietário e comandante de um regimento com um posto de oficial de general.

⁸² Plano de Uniformes para o Exército Português de 1806. P. 9. Ponto II – Pequeno Uniforme.



Imagens 27 do Plano de Uniformes para o Exército Português de 1806

Consultar Anexo 2

Nº 4-1 – Oficial General, 1806



Representação de Oficial General de 1806.

Colaboração: Amílcar Monge da Silva

Fonte: http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Postais3/Militaria/093_MilitariaBR.jpg



Coleção de cromos de 1940

[s.a. foto]

Fonte: http://www.portugalweb.net/historia/viriatu/GP1806_OF_6.asp.htm

Depois do Plano de 1806, só em 1885 voltaria a ser estipulado um novo regulamento, que viria ser a efetivamente o primeiro Plano de Uniformes publicado em ordens do exército e exaustivo aos mínimos pormenores, quer no texto, quer em gravuras.
83

A organização das Ordens do Exército até ao fim do século XIX é confusa, pelo menos durante as Guerras Liberais e, posteriormente, aquando a Patuleia e a Regeneração, foram emitidas ordens pelos dois lados em conflito, absolutistas e liberais.⁸⁴

Para uma melhor compreensão é necessário recuar aos séculos XVII e XVIII, cronologia que ficou marcada pela tradição portuguesa de armamento, e ao período de transição do século XVIII para o século XIX, quando se deu a evolução do armamento regulamentar da “Royal Navy”, atentos à influência que a mesma teve na Armada Portuguesa.⁸⁵

A “Royal Navy” foi a aliada de Portugal durante a Guerra Peninsular e constituía força naval mundial dos séculos XVIII e XIX. Foi a primeira Marinha a “padronizar” o seu armamento ligeiro, processo que teve consequências e impacto “universais” com evidentes reflexos na Marinha Portuguesa.⁸⁶

O regulamento de 13 de Maio de 1807 intitulado “Plano para os Uniformes da Armada Real e da Brigada Real de Marinha”, surge como uma tentativa para por cobro à disparidade de armamento utilizado na Armada pelos Oficiais Portugueses, nos finais do século XVIII, acabando também por regulamentar algumas práticas usuais. Estipula que os Oficiais Gerais e Chefes de Divisão da Armada em Grande Uniforme “Usarão do Florete Grande determinado no Plano para os Oficiais gerais do Exército”. A designação de florete está em conformidade com o Regulamento, por esta arma ter dois gumes, a realidade trata-se claramente duma espada. Acrescenta ainda o Regulamento, que “com o Pequeno Uniforme ou de Serviço, poderão usar espada amarela, a seu arbítrio”. O Regulamento de 1807 da Armada é omissivo quanto a estampas referentes a armamento, e logo, remete para o Regulamento do Exército de 1806.⁸⁷

⁸³ BRITO, António Pedro da Costa Mesquita (1986). *A legislação militar sobre uniformes – 1806 a 1982*. Artigo da Revista Militar. P. 12.

⁸⁴ Idem. Pág. 22

⁸⁵ SANTOS, Paulo (2013). *Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa*, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 23.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

O segundo modelo usado pelos Oficiais Gerais, denominada “Espada Amarela” ou de “Pequeno Uniforme”⁸⁸, existem pelo menos três exemplares conhecidos, de fabrico português, com lâminas curvas, bainhas com ferragens de metal dourado. Além das semelhanças⁸⁹, é importante referir as suas variações em relação aos modelos do Exército, nomeadamente os capacetes e escudetes do quartão, com formas alegóricas e temas marítimos. Uma dessas três espadas de combate⁹⁰ está presente na Coleção do Museu da Marinha, e que terá pertencido ao Conde de Linhares, Dom Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho, Secretário de Estados da Marinha e dos Domínios Ultramarinos de Dom João VI, conserva o seu fiador de origem.⁹¹

Mas o que mais importa aqui assinalar é que uma destas três armas pertence à coleção MFA, por nós estudada, inventariada com o número 3149. Trata-se de um sabre com guarnições em latão dourado, onde no pomo aparece em relevo um tritão e uma cabeça de águia no quartão e a representação do Deus Marte nas orelhas.⁹²

O uso prático de ambas as armas, o Florete e a “Espada Amarela”, segundo autores como Alberto Cutileiro, o Corpo da Armada não tinha grande afeição pela “Espada Amarela”, usando quase sempre o Florete.⁹³

As Armas no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves

A presença da Armada Real Portuguesa, em terras do Brasil e as influências estéticas e culturais nos domínios ultramarinos durante o período do “Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves” terá certamente influenciado o armamento ligeiro usado pelos Oficiais da Armada Portuguesa. Com efeito, de 1809 a 1821, durante os anos da instalação da Monarquia Portuguesa no Rio de Janeiro, e poderá ter havido alguma criatividade em matéria de armamento, conforme atesta um sabre de Oficial General, exposto hoje na “Sala de África” do Museu Militar de Lisboa e que terá pertencido a um

⁸⁸ Usada como espada de combate.

⁸⁹ Guarda mão em forma de estribo, do punho de marfim com recartilhado, apoio para os dedos na parte interior do guarda mão, forma da lâmina com duas goteiras e respetivas dimensões.

⁹⁰ De Oficial General segundo o Plano de Uniformes

⁹¹ SANTOS, Paulo (2013). *Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa*”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 25

⁹² Consultar Apêndice 1.

⁹³ CUTILEIRO, Alberto (1983). *O Uniforme Militar na Armada*, Vol. II. Lisboa.

Almirante da Marinha Portuguesa. Trata-se de uma peça que fazia parte do Grande Uniforme, muito invulgar com claras características Portuguesas.⁹⁴

Apresentamos dois exemplos da nossa seleção de armas da CMFA como estudo de caso. As armas 3152 e 3188 têm a lâmina bastante comprida, curva e lisa, dum só gume, com uma larga goteira central.



Arma 3152



Arma 3188

O sabre é embainhado em metal com duas braçadeiras centrais de bronze. Este tipo de sabre curvo, sem guarda, é de influência oriental, chamado “à mameluco”⁹⁵, com empunhadura em forma de coroa de pistola. É de salientar que este modelo de arma se tornou muito popular nos Exércitos e nas Marinhas Inglesa e Francesa após as Campanhas do Nilo e das operações navais no Mediterrâneo, nas quais, aliás, também participou

⁹⁴ Punho em marfim com recartilhado fino, característico dos sabres de Oficiais Gerais Portugueses e influências estéticas “tropicais”, como em forma de ave exótica e temas vegetais.

⁹⁵ Mamelucos, também chamados de mamalucos, que significa "propriedade", "escravo", "pajem", "criado", eram soldados de uma milícia egípcia constituída por escravos turcos. Formaram uma casta militar, vindo a conquistar o poder no Egito. Em 1798, foram derrotados por Napoleão na batalha das Pirâmides. Em 1811, foram exterminados por Mehmet Ali.

ativamente e com muito sucesso, entre os anos de 1798 e 1800, uma Esquadra Portuguesa comandada pelo Almirante Marquês de Nisa, sob a supervisão do Almirante Nelson. Assim, passados dez anos dessa operação combinada com os Ingleses no Mediterrâneo, a influência do fardamento e do armamento ingleses continuava a fazer-se sentir junto dos Oficiais Superiores e do Almirantado da Armada de Portugal, desta vez, com ornatos tropicais e no outro lado do oceano Atlântico.⁹⁶

Este sabre “à mameluco” esteve em voga no início do século XIX, aquando da Guerra Peninsular. O regulamento de 1852, nos finais do reinado de D. Maria II, era atribuído ao grande uniforme, usado pelos Oficiais Gerais e o seu uso foi prolongado por mais um século, com pequenas alterações.⁹⁷



Retrato do Katchef Dahouth, Christian Mameluke

Anne-Louis Girodet-Trioson

1804

Exposição no Art Institute of Chicago, Chicago, Illinois, EUA.

Fotografia da autoria de: Daderot

Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8a/Portrait_of_the_Katchef_Dahouth%2C_Christian_Mameluke%2C_1804%2C_by_Anne-Louis_Girodet-Trioson_-_Art_Institute_of_Chicago_-_DSC09533.JPG

⁹⁶ SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 34.

⁹⁷ Idem.

Nas duas armas que estamos a estudar, a face da lâmina é gravada com troféus de armas e ornatos vegetais. A arma 3152 apresenta ainda as armas do Estado-Maior; a arma 3188 tem uma lâmina com gravações em ouro sobre azul, com as armas do Reino Unido de Portugal e Brasil.

A par destes dois exemplares, com cerca de 60 anos de diferença, existem mais armas que correspondem às mesmas características, do tipo “à mameluco”. São conhecidas duas armas que estão assinadas pelo seu fabricante, o espadeiro Joaquim José de Albuquerque. São estas a espada de honra oferecida ao então capitão Carlos Eduardo de Mendonça e Brito, pela sua ação de oposição à Revolta do marechal Saldanha de 19 de Maio de 1870; e uma espada idêntica à arma da CMFA, 3152, oferecida ao general José Maria Taborda e que teria gravada na bainha a inscrição *Rainha, Carta e a Pátria – General Taborda, 1852*, transacionada em leilão em 1990 (Numisma, Leilão - Portugal Histórico).



General João da Costa Xavier com a sua espada modelo 1852.

Créditos da imagem: José Manuel Costa Alves.

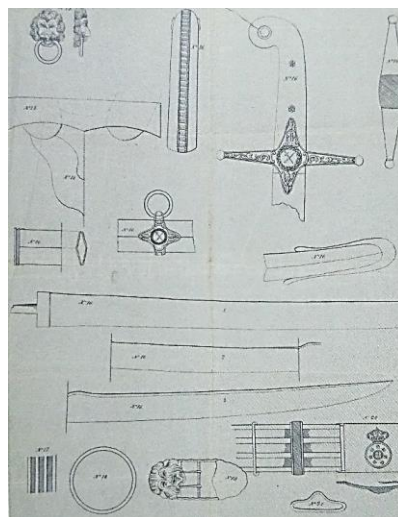
Imagem retirada da obra: NOBRE, João (2004). *As Armas e os Barões*. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P.80.

A Arma 3188 apresenta a inscrição do fabricante envolta num troféu de armas: *Wooley; Sargant & Crane*, situado na Edmund Street em Birmingham, em Inglaterra, e um talão com a palavra *Warranted* (Garantido).⁹⁸

⁹⁸ BAINES, Edward (1822). *History, Directory & Gazetteer, of the County of York: With Select Lists of the Merchants & Traders of London, and the Principal Commercial and Manufacturing Towns of England;*



Pormenor da arma 3188



Espada de Grande Uniforme para Oficial-General. Desdobrável do Regulamento de 1852.

Créditos da imagem: José Manuel Costa Alves.

Imagem retirada da obra: NOBRE, João (2004). *As Armas e os Barões*. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P.81.

and a Variety of Other Commercial Information: Also a Copious List of the Seats of the Nobility and Gentry of Yorkshire, Volume 1. Londres: Hurst and Robinson. P.87.

Também a arma nº 3222 tem a presença das armas reais portuguesas de Portugal e Brasil, nos copos.⁹⁹ Trata-se de um sabre de Oficial Português do início do século XIX.



Pormenor da arma nº 3222

Capítulo III – A Coleção Manuel Francisco de Araújo

Biografia

Manoel Francisco de Araújo nasceu a 5 de Agosto de 1864, na cidade do Porto. Nasceu em casa dos pais, no Largo de S. Domingos, como era comum naquela época. A residência era também a sede de empresa comercial da família. Situado próximo à igreja barroca da Santa Casa da Misericórdia (de autoria de Nicolau Nasoni), o antigo edifício subsiste até hoje, com fachada revestida com painéis de azulejos alusivos à atividade da firma, como artigos de desenho, pintura e papelaria.

Este largo situa-se no início da histórica rua de Santa Catarina das Flores, atual rua das Flores, que era então o centro da cidade, marcado pelas notáveis construções, da qual destacamos o edifício que se encontra defronte da referida firma, que no início tinha sido o antigo convento de S. Domingos e, depois da secularização dos bens das ordens religiosas, levada a cabo pelo governo liberal, foi a sede do Banco de Portugal no Porto.

O seu pai, guiado pelo seu espírito empreendedor, iniciou a empresa comercial em 1829, que veio mais tarde, a designar-se “Araújo e Sobrinho”. Em 1979, sempre na mesma família e na quarta geração, comemorou os 150 anos no Pátio das Nações da

⁹⁹ Consultar Apêndice 1.

Associação Comercial do Porto. A fundação, no entanto, ocorreu em tempos conturbados. O país ainda se ressentia dos reveses sofridos com as invasões francesas (1807, 1809, 1811) e suportava o custo pesado das lutas entre miguelistas e liberais que levaram à turbulência civil e ao esgotamento do erário público. Apesar da instabilidade social, a firma foi crescendo, tornando-se uma verdadeira referência não só no meio comercial do Porto como em todo o país, sendo frequentada por artistas e outras personalidades durante gerações.

Com grande visão do futuro, o fundador não hesitou em contactar outros mercados fora do país, principalmente em Inglaterra, pelo que fez diversas viagens, ainda em barcos veleiros, contactando com fornecedores como *Winsor & Newton* para importação de tintas e pincéis destinados a pintura de arte; sabonetes da *Pears*, da qual ainda se conserva uma delicada escultura de barro, oferecida como prémio pelos bons resultados obtidos. Como na época a especialização do comércio era ainda incipiente, a firma vendia também brinquedos (só muito mais tarde apareceram os bazares); bolachas da marca *Huntley Palmers*, etc.

Contrastando com as dificuldades circunstanciais referidas, aquela zona da cidade, superando obstáculos, foi adquirindo uma marcada pujança económica, social e cultural.

Entretanto Manoel Francisco de Araújo foi crescendo e herdou do seu pai o carácter honesto, trabalhador, o amor pelas viagens e o desejo de se cultivar. A burguesia culta e exigente de que fazia parte contribuiu para o desenvolvimento da sua sensibilidade artística, do seu amor pela música, pintura e artes em geral. Apreciava a leitura e reuniu uma biblioteca selecionada, tendo adotado para tema do seu *ex-libris*: “Livros e amigos poucos e bons”.

Seu pai, de quem herdou também o nome, faleceu em 1885, quando Manoel Francisco de Araújo tinha 21 anos. Por esta razão interrompeu os estudos na “Academia Politécnica do Porto” (antiga Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto). Diversamente daquilo que tinha idealizado, teve de tomar conta da casa comercial “Araújo & Sobrinho”.

Dois anos mais tarde (1887), casou com D. Arminda Vieira Cardoso, também ela filha de um comerciante da Rua das Flores. Senhora de grande formosura e de forte personalidade, tinha sido educada no Colégio Inglês da cidade (também conhecido por Colégio de Miss Henessy), das religiosas do Sagrado Coração de Maria, recém-chegadas

a Portugal. No mesmo ano do casamento, deu-se um importante acontecimento na cidade: foi inaugurada a ponte de D. Luís, construção de ferro, projetada no gabinete do engenheiro Eiffel de Paris, ficou concluído o Coliseu de Lisboa, terminou-se a construção da linha férrea do Porto para o Douro, tendo ainda falecido Fontes Pereira de Melo, um dos políticos mais destacados da vida pública portuguesa do século XIX, promotor de muitas obras públicas no Reino.

A par das responsabilidades familiares e empresariais, Manoel Francisco de Araújo nunca deixou de estudar e de se cultivar, reunindo em sua casa músicos, pintores, escritores e outras personalidades. Na “Casa de São Domingos” realizava saraus musicais, nos quais já participavam três dos seus filhos. Estudou música, como a sua irmã que era boa violoncelista. Tocava piano, órgão e cítara. É de destacar que, numa das suas viagens a Paris, arranjou oportunidade de ter lições deste último instrumento com um professor francês.

Grande amigo de Moreira de Sá, foi sócio fundador do “Orpheon Portuense”. Esta instituição trouxe à cidade artistas de renome internacional. Os concertos realizavam-se no Teatro de S. João e as entradas para sócios eram extraordinariamente difíceis pois estava sempre a capacidade esgotada. Foi uma iniciativa que muito contribuiu para a educação musical de várias gerações, sendo na ocasião a cidade do Porto, o centro mais exigente do país em música clássica e teatro.

Mercê da sua atividade empresarial, contactou com pintores do Porto, que hoje são nomes que pertencem à História da Arte em Portugal, tais como Sousa Pinto, António Carneiro e Artur Loureiro, entre outros. Ele próprio interessou-se pela pintura, ensaiando alguns quadros de sua autoria.¹⁰⁰

A Coleção

A cultura artística que adquiriu despertou em Manuel de Araújo o gosto pelo colecionismo, juntando em casa um número considerável de bons quadros, móveis, louças valiosas e outros objetos de arte. Era bom conhecedor de antiguidades e chegou mesmo

¹⁰⁰ Fonte: documento cedido ao Museu Militar do Porto por José Barreto Costa, estudioso de Manuel Francisco de Araújo, da vida e obra do colecionador.

a disputar com Guerra Junqueiro (famoso escritor e poeta, deputado e jornalista) algumas peças que interessavam a ambos.

Foi assim que, nestas buscas, foi surgindo a sua coleção de armas, todas adquiridas no país e que por isso fazem parte da nossa história. Estas armas iam sendo expostas numa grande sala da sua residência.

Manoel Francisco de Araújo faleceu aos 67 anos, repentinamente, no seu gabinete de trabalho, a 5 de Novembro de 1932, no mesmo ano em que Salazar, após a nomeação como Presidente do Conselho de Ministros, tomou posse com o seu primeiro governo. Ocorreram também em 1932 várias mortes de figuras significativas: no exílio, em Inglaterra, faleceu o último rei de Portugal, D. Manuel II; faleceram também o pintor Artur Loureiro (Porto 1853-1932) e o matemático Francisco Gomes Teixeira (1851-1932), ilustre professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Henrique de Araújo, filho do biografado, para que a coleção de armas se não dispersasse e pudesse ser apreciada pelo público, depositou-a em 1947 no extinto Museu Etnográfico do Douro Litoral, ao Largo de S. João Novo, onde esteve patente durante alguns anos.

Entretanto, dada a falta de condições do museu, vocacionado para outros temas, em 1983 foi transferida para o MMP, onde ficou exposta em salas que, por condição expressa, tinham a designação do nome do colecionador.

Com a mesma preocupação desta coleção não correr o risco de ser desmembrada (o que a curto prazo poderia acontecer se ficasse em mãos particulares), depois de várias diligências e acordos, foi aceite que a Direção de Documentação e História Militar do Ministério da Defesa Nacional a adquirisse, facto que se concretizou em 20 de Dezembro de 2001, sendo a mesma mantida nas instalações do MMP, com o nome do seu colecionador.

Foi assim possível salvar e preservar um conjunto de peças de grande valor histórico-militar português e disponibilizá-las para que o público interessado as pudesse admirar e estudar, ao mesmo tempo que fica perpetuada a memória de um ilustre portuense.¹⁰¹

¹⁰¹ Idem.

A Armaria e o Colecionismo

A procura e a coleção de Armaria foi desde meados do século XIV uma paixão que permanece nos nossos dias. Na Europa essa paixão e fascínio das armas antigas foi elevada ao máximo e notáveis coleções se constituíram, agrupadas como a do Arsenal de Tsarskoselsky na Rússia, do Império Germânico, da Real Armaria em Madrid e do nosso Arsenal Real em Lisboa, delapidado pelos espanhóis e em parte desaparecido pelo Terramoto de 1755.

Em Portugal foi principalmente a partir do 3º quartel do século XIX que começaram a aparecer colecionadores dignos desse nome, tais como o Visconde de Pindela, o General Courveur, Teixeira Aragão, Eduardo Coquet, Tenente Meireles, Dr. Bento de Sousa, Couceiro da Costa, Baptista de Sá, João Ferra, entre outros. Nomes que até à década de 50 estavam associados a coleções de Armaria, que com maior ou menor relevo e que ajudaram a preservar o nosso património.

Infelizmente todas estas coleções foram dispersas sem terem sido convenientemente estudadas. Eram constituídas sobretudo por armas que estavam em Portugal e faziam parte de recheios de casas e solares.

Manoel Francisco de Araújo, conhecido homem de negócios portuense, fez parte dessa geração que se interessou por Armaria. O seu nome apareceu com alguma frequência num ou noutro apontamento sobre Arte, quando se abordava o Porto.

A sua Sala de Armas no Largo de S. Domingos era famosa. Os periódicos da época referiram-se a ela várias vezes. Como testemunho chegou até nós o álbum das suas fotografias que bem demonstram a dignidade da sua exposição, sendo um documento importante que nos revela a maneira de expor uma coleção de Armaria nessa época. Infelizmente, essas fotografias encontram-se em parte incerta, pelo que não nos foi possível incluí-las no presente trabalho. Iniciada no final da década de 80 do século XIX, esteve na residência até 1947. É de recordar que, merecidamente a sua representação com catorze panóplias com armas diversas na Exposição Canina Internacional de 1902, no Palácio de Cristal, onde ganhara com a coleção de Rei D. Carlos, uma medalha Veimeil.

Trata-se acima de tudo de uma coleção de Armaria Branca que abrange cinco séculos, incluindo exemplares de exceção, sobressaindo dois montantes do século XVI, duas adagas de mão esquerda do início do século XVII, várias espadas de copo do mesmo

século e um bom número de punhais, facas, adagas e espadas auxiliares que quando estavam no Museu de Etnografia, tinham o perturbante aviso de que “algumas lâminas estavam envenenadas”.¹⁰² De notar o conjunto conhecido de espadas e sabres de oficiais superiores, do início do século XIX, em excelente estado, dos quais alguns exemplares estão incluídos na seleção para o nosso estudo. Apresenta boas peças de proteção como a cota de malha do século XV, dois chapéus de ferro e um capacete de pera e um pelote requintado, e único, já da Guerra da Restauração. Sobre as armas de fogo é de assinalar a avançada espingarda revólver portuguesa e três pistolas *Wender* Indo-Portuguesas, tudo em pederneira e dos meados do século XVIII. Não podemos deixar de dizer que todas as pistolas conhecidas daquele tipo, até esta data, apareceram no Porto. O século XIX está bem representado por uma espingarda militar americana Hall, ainda em pederneira, o que é raro, e uma *pepper-box tipo Mariette* do Armeiro Abreu do Porto. No lote de curiosidades, salientamos o raríssimo capacete em couro, de Cavalaria dos meados do século XVIII e a gorjeira D. Maria I com o lacónico mas derradeiro mote *Estou Pronto*.

Por relatos de colecionadores credíveis é fácil de supor que Manoel Francisco de Araújo a tenha adquirido servindo-se “da prata da casa”, isto é, nos mercados disponíveis como leiloeiras, casas de antiguidades e, através da sua influência, a particulares.

A coleção esteve intacta durante cerca de 100 anos, nunca tendo sido entregue a conservadores-restauradores pelo que se trata de um contributo notável para o estudo da Armaria em Portugal.

Esta coleção, entregue para depósito em 1947 ao Museu de Etnografia e História do Douro Litoral, esteve perto de 40 anos exposta em 3 salas mantendo tanto quanto possível a disposição original. Fez parte do imaginário de gerações de colecionadores. José Barreto Costa relata que a viu pela primeira vez em 1955 aquando duma visita de estudo do Liceu de Alexandre Herculano e o fascínio que exerceu sobre ele foi imediato tendo-o cativado para toda a vida. Visitou-a inúmeras vezes.

Transferida para o MMP nos anos 80, foi finalmente adquirida, pelo Exército.

Cabe agora a esta instituição a missão de a preservar e divulgar perante o público, apresentando-a como uma herança recebida de um passado histórico-militar.¹⁰³

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem.

A Aquisição da Coleção pelo Museu e a Problemática da Avaliação

A coleção de armas de MFA esteve em desentendimentos desde o momento da partilha de heranças e foram várias as formas de tentar solucioná-los. As armas que outrora estariam depositadas, desde 1947, no Museu de Etnografia e História do Porto sofreu controversos caminhos até chegar ao MMP, onde hoje se encontra.

Para um melhor discernimento da trajetória desta coleção, faremos um ponto de situação a partir de documentos que nos foram cedidos e explicações que nos foram dadas. Em 1971, com o objetivo de criar um museu militar na cidade do Porto, foi nomeado como delegado do Museu, o Major Médico Francisco Fernandes Figueira, que desencadeou um conjunto de ações determinantes para a efetiva criação de um museu militar no Porto, tendo sido no começo de 1973, inaugurada uma exposição permanente que, no entanto, apenas era visitada por militares e algumas entidades oficiais.¹⁰⁴ Tratava-se de uma “Sala de Armas” que foi instalada no antigo Quartel-General da Região Militar do Norte (atual Quartel de Santo Ovídio na Praça da República).

Após o 25 de Abril e com a desativação da Polícia Política do Estado Novo, o MMP, criado em 1977, foi inaugurado em 1980 com instalações definitivas no edifício da antiga Polícia Política.

Francisco Figueira, nomeado entretanto diretor do MMP, era um homem que mantinha estreitas relações com pessoas ilustres no Porto e, de entre essas entidades, aqui destacamos a ligação privilegiada que mantinha com o Arquiteto Fernando Lanhas, na altura diretor do MEHP. Podemos estabelecer uma conexão entre esta relação e a deslocação da coleção do MEHP para o MMP. Outro vínculo que o Major Médico mantinha era com um dos netos e herdeiro de MFA, que tinham sido contemporâneos na Universidade.¹⁰⁵

Visto que o MEHP iria fechar, a coleção foi transferida para o MMP. No entanto, esta continuaria a pertencer à família Araújo. Em maio de 1983, as armas foram transferidas do Museu de Etnografia e História do Porto na presença de dois dos herdeiros.

106

¹⁰⁴ Informações relatadas pelo 1º Sargento Luís Silva.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 13 de Maio de 1983.

A questão da pertença e a problemática do depósito das armas começou quando o posto de diretor do MMP foi substituído pelo Coronel de Engenharia João Marechal Correia Leite. Assumido a direção do museu em 1994, tomou conhecimento da existência da coleção particular, tendo verificado que no processo do seu depósito não existia qualquer salvaguarda e responsabilidade da Instituição Militar, em relação aos direitos dos proprietários. Assim, para colmatar esta lacuna pensou-se na possibilidade de a Instituição fazer um Seguro, ou por outra forma garantir os interesses dos proprietários em caso de dano ou roubo. Procedeu-se à revisão do inventário, tendo-se verificado não haver nenhuma falta e fotografaram-se todas as peças. A família foi contactada a fim de apresentar uma avaliação da coleção, mas não chegou a indicar nenhum valor. O MMP apresentou o caso superiormente ao Comando da RMN solicitando uma orientação sobre a solução a adotar, estando a situação ainda em estudo.¹⁰⁷

A 28 de Maio de 1998, foi redigida uma solicitação para a deslocação de um perito militar ou civil para avaliar a coleção.¹⁰⁸

Este documento continha as seguintes informações relativas à coleção:

1 – O MMP mantém na sua posse desde 1983 a coleção de armas – MFA que foi transferida do Museu de Etnografia do Porto para o MMP com o consentimento da família Araújo.

2 – Trata-se de uma coleção de armas de cerca de 250 peças com inegável valor e que tem contribuído para o engrandecimento do espólio do MMP que é visitado por inúmeras pessoas durante o ano.

3 – Aquando da cedência da referida coleção foi estabelecido um protocolo entre os herdeiros de MFA e do MMP, ficando devidamente salvaguardado os direitos de propriedade e posse da família perante a coleção.

4 – Muitas das peças cedidas, não se encontravam em bom estado, no entanto, o Museu Militar de uma forma meticulosa procedeu à recuperação de todas elas, aumentando significativamente o seu valor e apresentação.

¹⁰⁷ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 6 de Agosto de 1996.

¹⁰⁸ Protocolo do Museu Militar do Porto – Coleção de Armas de Manuel Francisco de Araújo. Porto, 28 de Maio de 1998. O Diretor: João Marçal Correia Leite. Cor. Eng^a Res.

5 – Acontece, porém, que os herdeiros de MFA estão desunidos relativamente ao destino a dar à coleção de armas, prevendo-se que a sua venda seja a hipótese mais plausível.

6 – Neste contexto, e dado que é de todo o interesse para a RMN e para o Exército manter a posse da referida coleção de armas, encarrega-me [ao Diretor: João Marçal Correia Leite. Cor. Eng^a Res.] o Exmo. General Comandante da RMN de solicitar informação sobre:

a) A possibilidade de um perito militar escolhido pela DDHM poder avaliar a Coleção de Armas, individualmente ou no seu conjunto.

b) Saber no caso da família pretende vender as armas, se o Exército está interessado em adquiri-las.

c) Indagar se o MMP adquiriu alguns direitos pelo facto de, durante 5 anos, ter recuperado grande parte das peças que compõem a coleção e ter sido o fiel depositário de todo o espólio.

Mas, a 20 de Maio do mesmo ano, o museu foi informado que não foi possível satisfazer o solicitado, pelo motivo de que “não existe nos SMAT (Serviço de Material do Exército Português) quaisquer peritos avaliadores em armas antigas”, tornando-se assim impossível a sua avaliação. São devolvidas as 106 fotos da referida coleção que tinham sido pedidas para efetuar a avaliação.¹⁰⁹

A 15 de Maio, o Exmo. Brigadeiro Comandante Interino da RMN ficou encarregado de solicitar os bons ofícios no sentido de se encontrar uma solução¹¹⁰, e só em 17 de Agosto de 1998 foi autorizada pelo Exmo. Sr. General AGE a deslocação de um perito ao MMP.¹¹¹

A 13 de Abril do ano corrente, tivemos a oportunidade de nos reunirmos com o 1º Sargento Luís Silva, que trabalhou no museu desde a sua fundação. Esteve presente no

¹⁰⁹ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 20 de Maio de 1998. 15 de Maio de 1998.

¹¹⁰ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 15 de Maio de 1998.

¹¹¹ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 17 de Agosto de 1998.

decurso da deposição e venda da coleção e, assim, foi-nos possível ouvir o seu testemunho e fornecer-nos informações.¹¹²

Muitos foram os avaliadores que tiveram nas mãos esta coleção, tentando sempre estimar um valor plausível para as armas, seja individualmente ou no seu conjunto. Mas foi o interesse de Rainer Daehnarhdt que impulsionou a sua venda definitiva. A 6 de Abril de 2001, o representante dos proprietários contactou o MMP informando que a coleção fora vendida a Rainer por um valor estimado através da observação das fotografias tiradas por Jaime Regalado (grande seguidor e admirador de Rainer e sócio da Liga dos Amigos do MMP), estando este valor de acordo com a vontade dos 25 herdeiros.¹¹³ Face a esta situação, o Exército Português exerceu o direito de opção nesta compra, dado tratar-se de um valioso acervo que aqui tem sido conservado e realçado, podendo levar ao desmembramento da coleção e a uma perda irrecuperável do património da História Militar de Portugal e do Exército. Como este espólio era de interesse nacional, a família concordou que fosse o Museu o seu comprador.

O MMP, desde 1995, procurou regularizar a situação desta coleção “relativamente à sua avaliação para a elaboração de um protocolo entre o MMP e os herdeiros a fim de garantir a responsabilidade deste museu e do Exército referente à guarda deste espólio”. Contudo, não tendo sido possível à DDHM fazer a pretendida avaliação, acabou esta por ser feita por um avaliador particular, tendo o cabeça-de-casal administrador da herança informado o MMP em 6 de abril de 2001 da venda da coleção a Rainer Daehnarhdt. Pronunciando-se sobre a questão, o MMP deu à DDHM parecer “que o Exército exerça o direito de opção nesta compra, dado tratar-se de um valioso acervo que aqui tem sido conservado e realçado, podendo, com a sua saída, levar ao desmembramento da coleção.”¹¹⁴

O Sr. Doutor Juiz João Rato elaborou um estudo da coleção e deixou um inventário que nos ajudou no desenvolvimento do nosso trabalho, pois fornece informações consideradas fundamentais relativas às peças, como a sua origem. Segundo o 1º Sargento Luís Silva, o estudo da coleção foi desenvolvido segundo fotografias onde mostravam a coleção exposta na casa de MFA. Algumas das peças eram dispostas em

¹¹² MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 13 de Abril de 1998.

¹¹³ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 6 de Abril de 2001.

¹¹⁴ Idem.

panóplias, mas aquando a sua chegada ao museu, detetou-se algumas lacunas nestes conjuntos, tendo o 1º Sargento Silva solucionado este problema com a substituição dos elementos em falta por peças existentes no Museu. No entanto, através do olhar científico do Sr. Doutor Juiz Rato, constatou-se que as armas colocadas não seriam as corretas, pelo que as trocou por outras da instituição que se adequavam à panóplia.¹¹⁵

Em última instância, o Exército exerceria o direito de preferência, por motivos que passam pela guarda da coleção pelo MMP desde Maio, sendo este acervo constituído de 251 peças, pertencente aos herdeiros de um particular, e alegando que para a instituição “é sem dúvida uma mais valia, dado tratarem-se na sua maioria de armas adquiridas em Portugal, sobretudo do período da Restauração e das Invasões Francesas”(…) entre as quais “destacam-se algumas armas que são particularmente raras na Península Ibérica (nomeadamente algumas espadas Claymore)”.¹¹⁶

O MMP sempre teve como principal preocupação evitar que a concretização da alienação possa levar à perda irrecuperável do património da História Militar Portuguesa e o Exército. Foi então possível a aquisição por parte do Exército da CMFA.¹¹⁷

A coleção: um estudo iconográfico

O objetivo do nosso trabalho é elaborar estudo e análise de elementos iconográficos presentes em armas brancas dos séculos XVIII e XIX, pertencentes à CMFA.

Duma coleção de 251 peças, optámos por seleccionar as de fabrico português. Como referência, consultámos o trabalho de inventário do Dr. Juiz João Rato, e retirámos as informações que nos ajudaram a dar o arranque no nosso estudo. De entre estas armas, elegemos as peças que estão em melhor estado de conservação, e essencialmente, as que nos ofereciam mais matéria iconográfica para uma base que justificasse o nosso estudo.

A coleção MFA é composta de uma vasta tipologia de armas. Na maioria não se verifica a presença de iconografia. Vejamos algumas.

¹¹⁵ Informações relatadas pelo 1º Sargento Luís Silva.

¹¹⁶ MMP, Secção Património, Assunto: Coleções (2.301 a 2.303) 2.3. [correspondência], carta de 27 de Abril de 2001.

¹¹⁷ Idem.

O *terçado* é uma espada forte e robusta pertencente à peonagem (infantaria na Idade Média). A lâmina é curta e resistente de dois gumes, adaptada ao combate próximo, com o intuito de desferir golpes rápidos num espaço limitado antes do seu inimigo, usando tanto ponta como gume. A guarda é em forma de uma larga concha, mas inclui quartões até ao nível do pomo em forma de S, que favorecia a proteção da mão. A densidade da guarda aliada ao pomo proporciona o peso suficiente para contrabalançar o peso da lâmina corpulenta, o que propicia ao livre e hábil manuseio da arma.¹¹⁸

A *rapière*, que deriva do antigo vocábulo alemão “rappier” que significa “atacar”, é a arma de excelência do espadachim e um adereço com representatividade social dos séculos XVI e XVII. Trata-se de uma arma que acompanha o traje civil, usada por oficiais e líderes militares. A proteção que envolve a mão é composta por uma guarda complexa, que se define num emaranhado e floreado de metal. A lâmina é estreita e longa, de dois gumes ou de estoque, que desfere golpes de gume ou de estocada e os pomos, normalmente pesados, contrabalançavam o seu peso.¹¹⁹

As *espadas de Guarda de Copos de Tigela* são armas características do território peninsular, que remonta ao século XVII. O núcleo do fabrico era Nápoles, que pertencia ao império espanhol que, tal como Portugal, estava anexado desde 1580. Também a Alemanha fabricava espadas desta tipologia, sobretudo lâminas, muitas com assinaturas gravadas de grandes armeiros espanhóis, e procurava responder à densa procura destas armas dos territórios que se encontravam sobre o domínio espanhol. São denominadas Hispano-Portuguesa, devido à sua tipologia comum, com legendas de teor religioso, de entre as mais comuns *Mi Sinal Es El Santíssimo Crucifixo* ou *In Mene*, ou de honorabilidade, como *No Me Saques Sin Razon No Me Embaines Sin Honor*. A partir da revolução de 1 de Dezembro, o seu uso na Guerra da Restauração pretendia transmitir uma mensagem patriótica através das inscrições que surgiram nas lâminas. Estas epígrafias permitiram aos estudiosos situar as armas cronologicamente, visto que viriam a surgir inscrições alusivas a monarcas portugueses, como D. José ou a Rainha D. Maria I. O fabrico e uso deste tipo de armas prolongou-se durante todo o século XVIII. Quando Portugal foi palco de diversas guerras civis na primeira metade do século XIX, o povo exigia o recurso a tudo o que fosse arma, quer branca, quer de fogo, de forma a poderem participar nas revoltas, e assim sobreviveram alguns exemplares destas espadas. A tipologia desta arma divide-se em dois grupos, que se distinguem pela largura da lâmina:

¹¹⁸ NOBRE, João (2004). *As Armas e os Barões*. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P. 38.

¹¹⁹ Idem. P. 39.

as de lâmina larga – espadas e, entre estas, as de uso militar – ,e as de lâmina estreita – rapières, espadas de uso civil, vocacionadas para a esgrima.¹²⁰

O *quitó* era a arma usada pelos cavaleiros do século XVIII, um pequeno espadim de empunhadura simples. A guarda de cruz ou de disco e o guarda-mão, que era uma corrente de berloques de prata, tinham finalidade meramente decorativas. A lâmina é reta, mas mais resistente e elástica, com ponta afiada.

As *espadas militares com armas reais de Portugal* são espadas cujo período de produção compreende entre o início do reinado de D. Maria II (1834) e os últimos anos do século XIX. Considerada pelos especialistas uma arma frágil para combate, teve a sua origem no modelo britânico de 1822 e foi copiado em diversos países. Distingue-se o guarda-mão, formado por um complexo jogo de varetas que se unem no capacete. O punho é feito em madeira e revestido a couro ou pele de peixe, enrolado por um fio de cobre. Destaca-se o escudo relevado com as Armas Reais de Portugal.

As *espadas de Oficial-General do século XIX*, ou como já referimos, o sabre “à mameluco”, foi um modelo muito usado no início do século, durante a Guerra Peninsular. O regulamento do reinado de D. Maria II atribuía-o ao Grande Uniforme dos Oficiais-Generais, e o seu padrão marcou os séculos XIX e XX, sendo-lhe conferido algumas modificações.¹²¹

O principal centro de fabrico, e uma das últimas oficinas de espadeiro em Lisboa foi a empresa *Jorge & Santos*, que vingou no ramo devido à vasta clientela, de onde se destaca Sirgueira Bello, que incluía um espólio como mostruários com variantes de empunhaduras de espadins para oficial da Casa Real e mostruários das espadas portuguesas para Oficial-General. Os espadeiros Jorge & Santos disponibilizaram diversas opções dentro do padrão regulamentar. Os Oficiais-Generais carregavam armas cujo modelo se incluía nos Planos de Uniformes. No entanto, esta empresa procurava fornecer aos seus clientes uma espada que seguisse o padrão mas com detalhes que a diferenciasse, para que numa parada não apresentassem armas iguais, como as dos oficiais de patentes inferiores. Foram criadas, nas oficinas pertencentes ao Jorge & Santos, três variantes de empunhaduras de Espada Portuguesa de Oficial-General; de Espada Portuguesa de Oficial-General, em que os elementos decorativos variam entre si. A

¹²⁰ Idem. P. 44.

¹²¹ Idem. P. 78

empresa localizava-se na Praça D. Pedro, 103, em Lisboa, ou também endereçada como Rossio, 103.¹²²

De entre as restantes armas, constam ainda *punhais e facas de caça ou de uso civil*.

Estas são as armas cuja presença ornamental não é muito significativa. A grande demonstração decorativa e iconográfica verifica-se nos sabres de Oficial General, cujos exemplares com representação mais acentuada foi triada para o nosso trabalho. É um tipo de arma que data do século XIX, na altura da Guerra Peninsular. A profunda agitação social decorrente desta guerra influenciou a problemática da sucessão dinástica portuguesa, levando ao confronto entre conservadores e liberais. A Convenção de Évora Monte, que pôs termo à luta entre os exércitos de D. Pedro e D. Miguel, celebrada entre liberais e absolutistas, assinada a 26 de Maio de 1834 pela qual D. Miguel se obrigou, perante a Grã-Bretanha, a Espanha e a França, a fazer depor as armas ao seu exército e retirou os combatentes que tinham perdido a esperança dos campos de batalha, orientando-os para os meandros da política. A sociedade estava minada de antagonismos e vai defrontar-se numa série de outras guerras civis. A armaria militar portuguesa da primeira metade do século XIX teve a sua origem em dois marcos: a renovação dos equipamentos na que é a primeira grande reforma de oitocentos, evidenciada no regulamento de 1806 - o Plano de Uniformes – e a importação e produção de novo armamento de guerra, fornecido ou influenciado pela Grã-Bretanha, principal aliada de Portugal no conflito. Nas Guerras Liberais usar-se-á o mesmo armamento regulamentar, renovado ou reacondicionado, consoante as necessidades. Após a acalmia, são essas armas que virão influenciar novas produções ou a ser reutilizadas, nomeadamente pelas forças policiais.¹²³ A abordagem mais aprofundada destas armas encontra-se nos estudos de caso, em sabres da marinha.

Estamos, portanto, perante uma seleção de quinze armas, que com os elementos existentes, elaborámos um gráfico para melhor entender quais são os mais usados nas nossas armas.

Encontramos quatro tipos de motivos decorativos nas armas: elementos ornamentais, iconográficos, epigráficos e heráldicos.

Dentro dos elementos iconográficos, distinguimos dois grupos: os de motivação religiosa e os profanos. Na iconografia religiosa verifica-se a presença de Cristo numa faca, e este é o único caso que revela uma orientação religiosa, aliada à epigrafia associada

¹²² Idem. P. 82

¹²³ Idem. P.112.

à religião. Todas as restantes manifestações iconográficas distribuem-se em temáticas mitológicas de divindades (Medusa, Marte) e criaturas (Tritão, Quimera); figuras alegóricas (Virtudes, Fama, Guerreiro com Espada e Escudo, Cavaleiro Nobre); objetos (Troféu de Armas, Elmo Empenachado, Louro) e figuras de animais (Leão, Águia, Serpentes); figuras humanas (D. Maria I e D. Pedro III, Oficial General) e por fim, figuras de Heráldica (Armas do Reino Unido de Portugal e Brasil; Escudo com Sol e Coroa, Cruz de Malta e Armas do Estado Maior).

Mas como se pode justificar a esmagadora presença da representação profana perante uma ínfima representação religiosa (que se manifesta apenas numa faca)?

O Cardeal Consalvi escreve, em 1815 que “Noé, ao sair da arca depois do dilúvio, não encontrou o mundo mais transformado do que um homem do século XVIII, lançado para o novo século que se inaugurava em 1800”.¹²⁴ A civilização que outrora se sucumbia ao serviço da Igreja, assistia agora a uma série de revoluções de caráter político. O ideal monárquico superou o sistema aristocrático, e a autoridade do direito divino deu lugar à livre escolha popular.

A Revolução na Europa tinha assumido uma dimensão anticatólica. Temia-se o perigo de alianças com as forças reacionárias e conservadoras, como já havia acontecido. Com a Revolução começava a surgir a criação de Estados laicos. Os povos levados pela paixão nacionalista começavam a querer dispor de si próprios, agindo contra a aristocracia e o clero, que, dentro de uma linha tradicionalista, não podiam compreender essa mudança. Os Estados pontifícios levantavam problemas específicos e assistia-se também a uma revolução económica e social. Com a Revolução Francesa acabou a antiga aristocracia, que defendia a origem divina do poder. Surgia agora uma sociedade de cariz utilitarista, que assentava na importância do lucro e ressaltava as funções públicas.¹²⁵

A fé e a superstição sempre coexistiram, no entanto, nesta época, testemunha-se a sobreposição da segunda em relação à primeira, através do uso de cada símbolo para atrair um “poder” específico. A crença religiosa que durante anos esteve intrínseca à sociedade portuguesa desconectava-se. Nas armas, a ausência de Deus poderá estar ligada à nova consciência dos homens, que poderá transpor para outras motivações filosóficas.

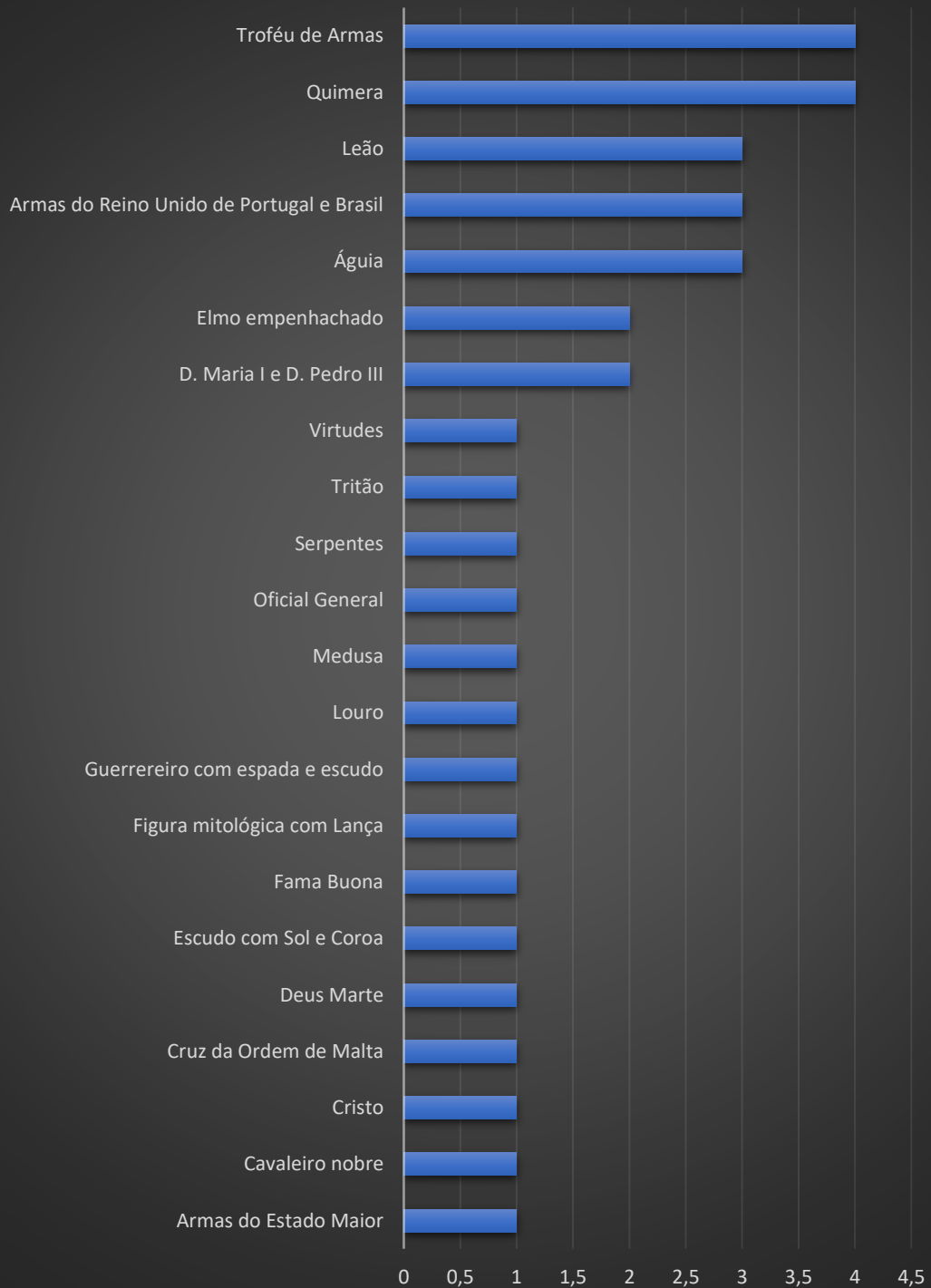
¹²⁴ ELLIS, John Tracy (1942). *Cardinal Consalvi and Anglo-Papal Relations, 1814-1824*. D.C.: The Catholic University of America Press. P. 158.

¹²⁵ RODRIGUES, Manuel Augusto (1980). Problemática religiosa em Portugal no século XIX, no contexto europeu em *Análise Social*. Vol. XVI. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Pp. 407-408.

No domínio literário impusera-se o romantismo com a exaltação do indivíduo e a valorização do sentimento, que se caracteriza pela libertação estilística, subjetivismo, sentimentalismo, idealização, nacionalismo ou patriotismo, culto ao fantástico, culto à natureza e saudosismo. Podemos encontrar algumas destas particularidades na iconografia das armas.

O estudo das armas foi guiado essencialmente por Bluteau (1712-1728), recorrendo às suas interpretações para compreendermos a mensagem que os símbolos procuram transmitir. Assim, complementamos as nossas descrições rematando com uma interpretação pessoal, pelo que as afirmações são hipotéticas e deixamos em aberto o caminho para outras perspetivas.

Elementos Iconográficos



A maior parte dos elementos foram utilizados apenas uma vez, como é o caso do tritão, de Marte ou da Medusa. Mas existem outros elementos que se repetem, pelo que devemos ter em conta a sua carga iconográfica. Verificamos que os símbolos mais utilizados são o troféu de armas e a quimera, em que cada um se repete quatro vezes.

Comecemos pela interpretação do **Troféu de Armas**.



Arma 3150



Arma 3152



Arma 3188



Arma 3228

Todos os sabres acima representados têm o objetivo de servir um Oficial General Português.

Segundo Bluteau, "*Trofêo* ou *Tropheo* deriva do grego *Tropaion*, e este do verbo *Trepomai*, que significa Afugento. Os troféus foram criados para celebrar a glória e honrar a memória dos que tinham afugentado o inimigo.¹²⁶ Os primeiros inventores deste ilustre monumento foram os gregos, que depois de conseguida alguma vitória, cortavam os ramos da primeira árvore que encontravam para honrar os seus capitães. Penduravam no tronco e nos galhos da mesma árvore os capacetes, peitos de armas, broqueis, espadas e outros despojos do inimigo vencido e fugitivo.

Virgílio relata que Eneias, depois de desbaratar o Exército de Mezêncio, pendurara num carvalho os despojos. Quando acordavam tréguas, tiravam estes troféus, para não ofender a memória do inimigo com este *ignominioso espetáculo* (que deixaria, assim, de ser inimigo). Por esta mesma razão, Plutarco condena os gregos, que foram os impulsionadores deste costume, e com troféus de mármore e de bronze eternizarão os seus já reconciliados inimigos. Os romanos viriam a adotar este costume, para imortalizar a memória das suas vitórias, como se viu nos troféus de Mário, derrubados por Sila e que César tornaria a erguer. A maior parte dos ornatos da arquitetura, pintura e escultura são representações de troféus, bandeiras, piques, couraças, mosquetes, canhões e outros adornos militares.”¹²⁷

A presença do troféu de armas nas quatro peças em estudo poderá representar os inimigos já derrubados, ou os que viria a derrubar. O portador que viesse a empunhar a arma com a representação deste símbolo estaria perante a memória perpetuada dos inimigos que foram derrubados, uma forma de transmitir uma sensação confiante de força inerente que viria a conquistar uma vitória inevitável, de forma a honrar o troféu que fora ou viria a ser conquistado.

Da mesma forma, a **quimera** ocupa o topo do gráfico, representada quatro vezes em três armas.

Chamámos-lhe quimera, pois a sua figura não se enquadra em nenhuma criatura específica. Apresenta-se maioritariamente nos pomos dos sabres e num caso no quartão. Caracteriza-se por ser uma figura composta de focinho alongado e reptilizado que lembra um dragão e pelo que se assemelha à juba de um leão.

¹²⁶ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v.8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P.304.

¹²⁷ Idem.



Pormenor da arma 3190



Pormenor da arma 3192



Pormenor da arma 3228

A quimera é uma figura mítica que, apesar de algumas variações, costuma ser apresentada como uma criatura de cabeça e corpo de leão, além de duas outras cabeças, uma de dragão e outra de cabra. Noutras descrições são compostas apenas de duas cabeças ou até mesmo uma única cabeça de leão, desta vez com corpo de cabra e cauda de serpente, com o poder de lançar fogo pelas narinas. Com o passar do tempo, chamou-se genericamente quimera a todos os monstros fantásticos empregados maioritariamente na decoração arquitetónica.¹²⁸ De um modo geral, são chamadas quimera a todos os seres que tenham características de mais do que um animal, formando assim uma criatura mítica e fabulosa, um produto resultante da imaginação.¹²⁹

Importa realçar o facto de esta representação aparecer nos sabres de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. Seguiu, portanto, as normas do Exército. Mas porquê representar uma figura mítica indefinida, todas no pomo da arma? (Note-se que o sabre 3190 apresenta duas quimeras, uma no pomo e outra no quartão¹³⁰).

O facto de se apresentar no pomo poderá ser por uma questão mais estética que funcional, tendo em conta que não contribui para um melhor manuseamento da arma, e o mesmo se aplica ao quartão. Já a representação em si, pode ter a justificação de que se trata de um ser aparentemente de carácter feroz, que transmite força e temor, devido às suas feições aguerridas. Por outro lado, a inexatidão da sua identidade causa um desconforto psicológico, pois o desconhecido é um fator que nos deixa inseguros.

Em seguida, o leão, a águia, as Armas do Reino Unido de Portugal e Brasil, aparecem três vezes nas nossas armas.

Muito idêntica à representação da quimera, quer na sua fisionomia, quer na sua localização na arma é o **leão**.

¹²⁸ BURDEN, Ernest (2006). – Dicionário Ilustrado de Arquitetura. [s.l.] : Bookman Companhia Ed. P. 72.

¹²⁹ Larousse -

<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chim%C3%A8re/15341?q=chim%C3%A8re#15200>.

Visitado em 28/07/2017.

¹³⁰ Consultar Apêndice 1.



Arma 3168



Pormenor da arma 3204



Pormenor da arma 3222

Na representação dos símbolos, o que diferencia a quimera do leão é a forma da cabeça, que neste último é mais arredondado, dada pelo achatamento do focinho e pelo realce da juba.

Na heráldica, o leão é classificado como uma figura animada, inserida na subcategoria dos animais e é usado para representar força, bravura e nobreza.¹³¹

Segundo Bluteau, “o leão é uma fera que tem garras, dentes e olhos semelhantes aos do gato. Tem a língua muito áspera, com uma espécie de unhas muito duras e compridas. Tem o pescoço muito teso, ainda que não conste de um osso inteiriço (como imaginaram os Antigos.)¹³² Símbolo da força é o Leão, porque não é suspeito, não teme, não recua e nem se assusta com qualquer coisa que encontre. Para passar a noite não se recolhe em cavernas: deita-se a dormir onde se encontra, e com os olhos abertos dorme. Quando é perseguido por cães e caçadores, o leão não foge: anda com passo grave, de tempo em tempo para, vira-se e olha, e com a cauda apaga as pisadas. Quando descobre a presa dá um grande ruído, lança-se a ela e despedaça-a com formidável magnanimidade; e aos que se lhe prostram, perdoa. Os Romanos enxovalharam a generosidade deste animal, que o obrigaram a puxar por carros, na solenidade dos seus triunfos. O primeiro que fez aos Leões esta injúria foi Marco António, que depois da derrota de Pompeu na batalha de Farsália, com indignação e horror de Roma, pôs debaixo do jugo ao mais nobre dos brutos, para acrescentar as glórias do Capitólio.¹³³

O adágio latino, que diz *Ex ungue leonem*, (tradução: “Desde a garra do leão”), segundo escreve Luciano de Samósata¹³⁴, origina-se que Fídias, famoso estatuário, sem nunca ter visto um leão, a partir de uma unha do dito animal, que casualmente lhe veio às mãos, tomando as medidas para proporção do corpo, formara a figura de um leão com

¹³¹ SOUSA, Manuel de (2003). *As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas*, Mem Martins: Ed. SporPress. P. 52.

¹³² BLUTEAU, Raphael (712-1728). *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 61.

¹³³ Para mais informações, consultar: Plínio, o Velho (77-79 d. C.). *História Natural (Naturalis Historia)*. Livro VIII. capítulo 16. Edição de 1669.

¹³⁴ Samósata, Síria, c. 125 - 192. Escritor grego. De origem humilde, era um escultor e advogado que, posteriormente, que se dedicou a viajar pelo mundo a dar palestras. O apogeu da sua atividade literária decorreu entre 161 e 180, durante o reinado de Marco Aurélio. Satirizou e criticou acidamente os costumes e a sociedade da época e exerceu, a partir da Renascença, significativa influência em escritores ocidentais do porte de Erasmo, Rabelais, Quevedo, Swift, Voltaire e Machado de Assis. A ele foram atribuídas mais de 80 obras, conhecidas em conjunto por *corpus lucianum* ("coleção luciânica"), dentre as quais pelo menos uma dezena é apócrifa. As mais conhecidas são *História Verdadeira* (ou *História Verídica*), *O amigo da mentira*, *Diálogo dos mortos*, *Leilão de vidas*, *O burro Lúcio*, *Herotimo* e *A passagem de Peregrino*.

toda a perfeição. À garra partida juntou a perna delgada e forte, à qual uniu a pequena garupa, seguiram-se costas semicirculares, peito largo, pescoço grosso e comprido, cabeça grande, cercada de cabelos, com a pendente, testa quadrada, olhos cintilantes, boca aberta, língua vibrada com todas as mais feições tão próprias que um leão natural só teria de mais sentidos e vida.”¹³⁵

Como se pode justificar a sua presença na arma? “Símbolo de fortaleza é o Leão”. Imortalizado nos dias de hoje com o cognome do “Rei da Selva” identifica-se como o animal representativo da força soberana, demonstrativo de poder, sabedoria, orgulho, juventude, proteção e justiça. O leão talhado nas armas simboliza, pois, a realeza, a coragem e a proeza, com a pretensão de se aproximar esses atributos à vida do seu portador, com o intuito de lhes trazer autoconfiança e autoestima.

Um outro animal que está representado nas armas é a **águia** que, tal como o leão, pertence à categoria das figuras animadas (na subcategoria *animais*) na Heráldica. A águia está presente entre as mais antigas figuras usadas para representação e identificação, familiar, tribal, regional ou nacional ou mesmo individual.¹³⁶



Pormenor da arma 3149

¹³⁵BLUTEAU, Raphael (712-1728). Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ... v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 61.

¹³⁶ SOUSA, Manuel de (2003). As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas, Mem Martins: Ed. SporPress. P. 24.



Pormenor da arma 3150



Pormenor da arma 3192

A primeira arma, que pertence à Armada, e a última, ao Exército (do Plano de Uniformes de 1806, de pequeno uniforme), mostram a cabeça da águia como um apontamento no quartão posterior. A arma com o número de inventário 3150, também pertencente ao Exército (do mesmo plano de Uniformes), enfatiza a águia, colocada no pomo do sabre.

Bluteau considera-a “a mais nobre das aves de rapina. Tem as penas curtas e amarelas e cobertas de escamas, o bico agudo e revolto, negro na extremidade e no meio declinante.”¹³⁷ Não se chama à águia Rainha das Aves pela coroa que possuem na cabeça, pois muitos falcões a têm também, nem porque fixa os olhos no sol, da mesma forma que

¹³⁷ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 189.

todas as aves de rapina o fazem, mas porque todas as outras aves a temem. Até mesmo os açores ¹³⁸ mesmo estando na mão do caçador, vendo uma águia, encolhem-se e assobiam para dar sinal ao seu dono da sua ameaça, e para que não os larguem.

Esta ave leva a preeminência na grandeza sobre todas as demais desta espécie de caça, tanto que não se sabe da existência na Europa de pessoa que tivesse uma águia, porque é uma ave muito grande e não haveria braço que sustentasse o seu peso e o caçador correria o perigo de lhe atravessar o braço com as unhas.

Por fim, a águia tem um modo de caçar muito mais senhoril do que os açores, os gaviões ou os falcões e porque estes, como são muito ligeiros, de qualquer modo que se lhe ofereça a rale ¹³⁹ a seguem e alcançam, e a águia para tomar a caça de que se há de cevar ¹⁴⁰ se levanta muito e quanto mais se levanta, mais descobre dando voltas rodeando, até que se deixa cair no que apetece e, como é muito pesada, desce mais depressa, rompendo com violência os ares e o que ficou debaixo dela, não lhe escapa. ¹⁴¹

Na insígnia dos antigos Romanos, que dantes traziam nos seus estandartes lobos, cavalos, dragões, a figura da águia era maciça e de relevo e em cada legião havia uma.”
¹⁴²

A descrição supra citada é a visão que se tinha de uma águia no século XVIII, mas é certo que a sua simbologia em nada se alterou até a atualidade. Permanece como símbolo da superioridade, força e magnificência, desde as grandes demonstrações de poder do Império Romano. Por si só, trata-se de uma ave que suporta um caráter ameaçador, devido ao seu tamanho e peso, usando toda a sua estrutura para caçar, esmagando a vítima.

Na arma, a cabeça da águia estará associada ao seu significado, desde os tempos antigos: a mensagem de grandiosidade, supremacia e prestígio, uma forma de identificar a posição de quem a ostenta dentro da hierarquia.

¹³⁸ Ave de rapina diurna, parecida com o falcão, com um comprimento de aproximadamente 50 cm, cor preta e ventre branco com manchas pretas; asas e bico pretos, cauda cinzenta, manchada de branco e pernas amareladas. Era muito apreciado antigamente em falcoaria.

¹³⁹ Qualquer animal em que a ave de rapina costuma fazer presa.

¹⁴⁰ Pôr isca em; saciar, regogizar

¹⁴¹ Para mais informações: FERREIRA, Diogo Fernandes (1616). *Arte da Caça de Altanería*. Lisboa: Officina de Jorge Rodriguez. Pág. 35.

¹⁴² BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 189

Na terceira posição dos símbolos mais usados nas armas, representadas duas vezes cada um, são: o **elmo empenachado** e as **efígies de D. Maria I e D. Pedro III**.



Arma 2891.2



Arma 3175

O **elmo** tem uma importância especial na Heráldica.¹⁴³ Foi a difusão do uso de elmos fechados, impedindo o reconhecimento rápido de quem vestia a armadura, que levou ao uso de símbolos e cores identificadores nos escudos e, em última análise, levou à criação de um sistema organizado e codificado de emblemas individuais.¹⁴⁴

¹⁴³ ABRANTES, Marquês de (1992). Introdução ao Estudo da Heráldica. Lisboa: Biblioteca Breve nº 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. P. 103.

¹⁴⁴ FREIRE, Anselmo Braamcamp; Bobone, Carlos (1989) – Armaria Portuguesa. Lisboa : Cota d'Armas Editores e Livreiros. P. 3.

Os guerreiros utilizavam os capacetes ou alguma proteção para a cabeça desde a Idade do Bronze. Os gregos e romanos, por exemplo, tornaram este objeto a parte mais importante e vistosa do seu equipamento.¹⁴⁵

Mais tarde, no século XII a evolução das artes da guerra e da tecnologia militar levou à necessidade de utilizar elmos fechados, como proteção contra as flechas dos arqueiros e também contra os golpes das espadas, machados e maças de armas.¹⁴⁶

Os elmos foram, na verdade, fundamentais nos torneios e justas, e isto condicionou em certa medida a sua própria evolução (bem como a das armaduras). A violência do embate entre dois cavaleiros que procuravam derrubar-se mutuamente com as lanças levou ao desenvolvimento dos elmos, os quais se prolongaram até proteger totalmente o pescoço e descendo para os ombros de forma a poderem fixar-se solidamente no tronco da armadura. É esta a origem da forma mais divulgada do elmo heráldico. Por outro lado, quando os torneios deixaram de se disputar com lanças e passaram a consistir apenas num combate com maças de armas, o elmo deixou de precisar de ser tão fechado na face e surgiram as viseiras de grades, cuja representação heráldica, em certos países, é exclusiva da nobreza.¹⁴⁷

Na heráldica portuguesa, o elmo é o principal distintivo da nobreza.¹⁴⁸

Quanto às plumas, parte integrante do elmo, são consideradas pelos homens como um símbolo de poder e autoridade. Na Europa, o penacho foi distintivo dos centuriões e tribunos militares romanos, simbolizando a justiça. Na Idade Média com o advento da cavalaria, os cavaleiros adornavam os seus elmos com plumas.

O Príncipe de Gales, Eduardo de Woodstock (1330-1376), filho de Eduardo III de Inglaterra e que ficou na História conhecido como o Príncipe Negro (devido à cor da sua armadura) foi o primeiro que ostentou o elmo adornado com penas de avestruz.¹⁴⁹

Quando veio a Espanha em auxílio do rei D. Pedro I, de Castela, os cavaleiros espanhóis adotaram esta nova moda, estendendo-a também aos seus cavalos.

¹⁴⁵ ABRANTES, Marquês de (1992). Introdução ao Estudo da Heráldica. Lisboa: Biblioteca Breve nº 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. P. 103.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Heráldica Portuguesa - <https://www.armorial.net/armorial/elmo.shtml>. Visitado em 26/07/2017

¹⁴⁸ Noutros países utiliza-se a coroa.

¹⁴⁹ O baú da história- <http://obaudahistoria.blogspot.pt/2012/01/plumas-e-penas.html>. Visitado a 27/07/2017



Batalha Najera. Crônicas Froissart,
(1338?-1410?),
Paris,
Bibliothèque Nationale (Ph. HM)
[s.a. foto]

<http://www.vallenajerilla.com/berceo/rioja-abierta/batalladenajera.jpg>

Constatemos à nossa esquerda o exército de Henrique Trastâmara (futuro Henrique II) e Bertrand du Guesclin, apoiados por França, e à direita o exército de D. Pedro, o Cruel, e pelo Príncipe Negro.¹⁵⁰ O exército da direita, os cavalos e os cavaleiros aparecem adornados com plumas de avestruzes tingidas de várias cores.

Não apenas serviam como adorno, as penas nos elmos serviam também como identificador, como Henrique IV, que antes da batalha de Ivry, disse às suas tropas: “Meus filhos cerrai fileiras! Se perderdes o vosso estandarte, aqui está o sinal de reunir: segui o meu penacho! Ele indicará sempre o caminho da honra e da vitória!”¹⁵¹

¹⁵⁰ LA BATALLA DE NÁJERA - <http://www.vallenajerilla.com/legadomedievalnajera/batallanajera.htm>. Visitado em 27/07/2017

¹⁵¹ STENDHAL, Henry Beyle- (1925). Vie de Henri Brulard. Capítulo XXIII. Versão PDF. Pp. 160, 161.

Em Portugal não há registo de uso de elmos com plumas pelo Exército, pelo que a sua representação presumimos que seja apenas simbólica. Vemos, no entanto, que a sua representação está presente em diversas vertentes.

Remetemos então à cronologia a que pertencem as armas que estudamos.



"São Miguel",
Escultura em madeira policromada.
Meados do século XVIII
Museu Nacional de Arte Antiga.

Fotografia da autoria de Daniel Villafruela - 17 September 2014

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Lisboa-Museu_Nacional_de_Arte_Antiga-S%C3%A3o_Miguel-20140917.jpg

A escultura acima representa São Miguel, que se apresenta com armadura de influência romana e um elmo com grandes plumas, e da mesma forma aparece representada no painel de azulejos.



São Miguel pesando as almas
Oficina de Valentim de Almeida, 1740-1750
Créditos de: Inventário Artístico da Arquidiocese D Évora.
Fonte: http://www.inventarioevora.com.pt/acessibilidade/roteiro_t1_20a.html

O gosto por este adorno permanece na pintura do século XIX, a *Morte do Conde Andeiro*, observamos o assassinato de João Fernandes de Andeiro por D. João I, futuro Mestre de Avis.¹⁵² A figura do rei (à esquerda) destaca-se pela riqueza da sua armadura, e o seu elmo reluzente é adornado com grandiosas plumas vermelhas, assim como o soldado que se encontra mais recuado.

¹⁵² SIMÕES, J. de Oliveira (1989) – *As Armas nos Lusíadas*. Lisboa: Publicações Alfa. P. 27.



Morte do Conde Andeiro
José de Sousa Azevedo (1830-1864)
c. 1860

Museu Nacional de Soares dos Reis.
Créditos de: © Manuel Amaral 2000-2010

Fonte: <http://www.arqnet.pt/portal/imagemsemanal/dezembro1001.html>

Após a extinção da antiga cavalaria, as penas e plumas passaram a adornar os chapéus com que os nobres cobriam as cabeças.¹⁵³

Consideremos então estes exemplares de armas na sua totalidade:



Pormenor da arma 2801.2

¹⁵³ O baú da história- <http://obaudahistoria.blogspot.pt/2012/01/plumas-e-penas.html>. Visitado a 27/07/2017

Sabe-se que a arma anteriormente representada teria pertencido a um Oficial da Ordem Soberana e Militar de Malta, informação facilmente constatada devido à existência de uma cruz da Ordem de Malta encimada por uma coroa real num escudete oval, inserido no punho.

Na arma 3175, encontra-se representado um soldado a três quartos na orelha da adaga, cujo punho contém as efígies de D. Maria I e D. Pedro III.



Arma 3175

Sabe-se que o rei teria sido Grão-Prior do Crato¹⁵⁴ e cavaleiro da Ordem do Tosão de Ouro.¹⁵⁵ Podemos, portanto, levantar a hipótese de o soldado de elmo empenachado representado na faca, poderá ser uma personificação da Ordem de Malta.

Ambas as armas são datadas do século XVIII.

No Palácio das Necessidades, encontra-se uma pintura de um retrato de um homem que suporta na cabeça um elmo idêntico ao existente nas armas. Esta obra representa a Personificação a Ordem de Malta e data do mesmo século do fabrico das armas acima referidas.

¹⁵⁴ O título de Prior do Crato, atribuído ao superior da Ordem dos Hospitalários em Portugal, deve-se aos extensos domínios do Crato, doados por D. Sancho II à Ordem, em 1232.

¹⁵⁵ Arquivo Distrital de Portalegre. Câmara Municipal de Crato. Consultado em 13 de Abril de 2017.



Personificação da Ordem de Malta

[s.a.]

Óleo sobre tela

Séc. XVIII

Palácio das Necessidades, Lisboa

[s.a. foto]

Fonte: <http://ordemdemalta.blogspot.pt/2013/01/>

No mesmo contexto, encontramos uma outra pintura, localizada no Mosteiro de São Vicente de Fora, também representativa da personificação da Ordem de Malta, em forma de alegoria, igualmente do século XVIII.



Personificação alegórica da Ordem de Malta

[s.a.]

Óleo sobre tela,

Séc.XVIII.

Mosteiro de S. Vicente de Fora, Lisboa

[s.a. foto]

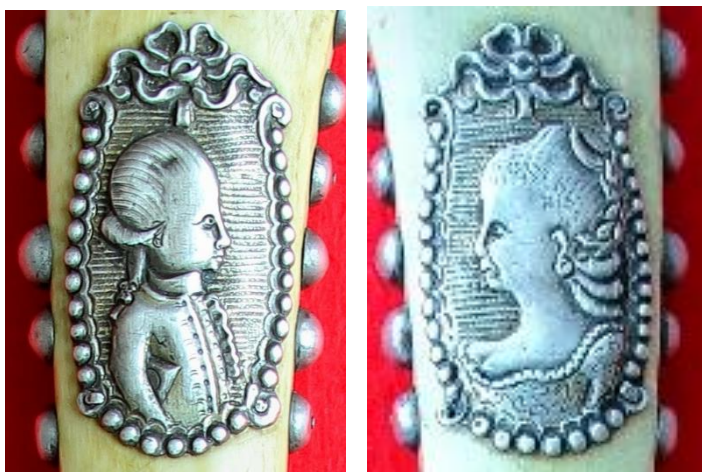
<http://ordemdemalta.blogspot.pt/2012/03/>

Nesta pintura, uma figura feminina apresenta-se a Jesus entronado, rodeados de anjos e putti que festejam o acontecimento. Jesus pega na capa onde esta estampada a cruz da bandeira da ordem que a mulher ostenta, em gesto de bênção. Na obra observam-se outros demais elementos representantes da Ordem de Malta, no escudo que um anjo sustenta atrás da figura alegórica e a bandeira no estandarte que o anjo da esquerda ergue.

A figura que representa a Ordem sustenta um elmo empenachado, muito semelhante ao existente nas armas em estudo.

Perante estas duas obras, podemos colocar em hipótese que o elmo presente nas armas poderá representar alegoricamente a Ordem de Malta, da mesma forma que o ornamento foi aplicado nas pinturas.

Peças em estudo da CMFA que contêm a representação das **Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves**, assim como as do Estado-maior tem a sua explicação no capítulo dedicado aos Estudos de Caso. No mesmo ponto falamos sobre a presença das efígies de D. Maria I e D. Pedro III.¹⁵⁶



Pormenor da arma 3175

¹⁵⁶ Remeter a Estudos de Caso, p. 69.



Pormenor da Arma 3203

Podemos encontrar semelhanças nas feições entre as efígies de D. Maria I e D. Pedro III presentes nas armas e a gravura da autoria de Manuel da Silva Godinho, que retratou os monarcas de perfil.



D. Maria I e D. Pedro III, 1798. Gravura a Buril de Manuel da Silva Godinho. 89 x 53 mm (mancha).

O Tempo Tão Suspirado: exposição de Gravuras da Colecção da Sociedade Martins Sarmento, alusiva ao 2º Centenário da aclamação do Príncipe D. João em Guimarães.

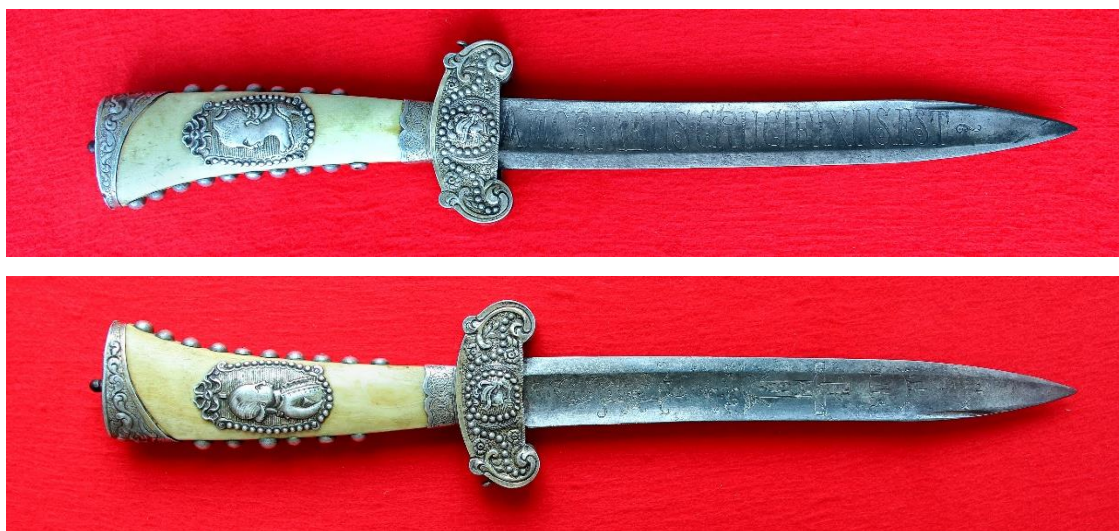
Fonte: http://pedraformosa.blogspot.pt/2008/07/as-gravuras-de-o-tempo-to-suspirado_09.html

As duas armas que contêm as efígies de D. Maria I e D. Pedro III permanecem com o seu proprietário desconhecido, mas sabe-se que se tratam de duas armas de caça. Datam do fim do século XVIII, época coincidente com o reinado dos monarcas.

Durante os séculos XVIII-XIX, a caça era uma atividade que detinha um estatuto relevante da monarquia portuguesa. Na mesma altura das armas em estudo, ou seja, no último quartel do século XVIII, era frequente a Família Real e a Corte ocuparem grande parte do ano em jornadas de caça, que aconteciam em Lisboa.

Esta atividade era realizada em zonas privilegiadas, as Coutadas Reais. D. Maria I visitava regularmente a zona coutada de Vila-Viçosa.¹⁵⁷

Mas a arma 3175 requer mais atenção devido à variedade iconográfica epigráfica que carrega.



Esta faca de caça, para além das já faladas efígies dos monarcas D. Maria I e D. Pedro III, e do soldado de elmo empennachado, contem gravuras na lâmina.

¹⁵⁷ MELO, Cristina Joana de (2000). *Coutadas Reais (1777-1824)*. Privilégio, Poder, Gestão e Conflito. Lisboa: Montepio Geral.



Pormenor da arma 3175

Na lâmina da arma, a representação de Jesus é mais grosseira, contrariando toda estética da arma, ricamente talhada. A anatomia de Cristo demonstra as dificuldades na execução do seu desenho, assemelhando-se à fisionomia de uma criança, devido ao encurtamento dos braços e à megacefalia. É encimado pela inscrição IHS - *Iesus Hominum Salvator* (Jesus Salvador dos Homens) e coroa.

A presença acentuada de Cristo na arma demonstra uma grande religiosidade por parte do seu portador. D. Maria I ficou conhecida como A Piedosa, ou A Pia, devido à sua devoção religiosa. Sabe-se que D. Maria I era muito melancólica e fervorosa no que toca a religião. Mandou construir a Basílica da Estrela em Lisboa, decretou nove dias de luto por um assalto a uma igreja em que os ladrões espalharam hóstias pelo chão, para além de ter adiado os negócios públicos e acompanhado a pé, com uma vela, a procissão de penitência que percorreu Lisboa, e era conhecida no Brasil como Dona Maria, A Louca, pela sua doença mental que a afetou nos últimos 24 anos de vida, depois da morte do filho que recusou a vacinar contra a varíola, por devoção à religião.¹⁵⁸

¹⁵⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1982). História de Portugal. Vol. VI: O Despotismo Iluminado (1750-1807). Lisboa: Verbo, 1982. P. 34

D. Maria foi Grã-Mestre de quatro Ordens religiosas: Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo (Ordem de Cristo); Ordem de São Bento de São Bento de Avis; Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem de Santiago da Espada (Ordem de Santiago); Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada (Ordem da Torre e Espada).

Em 19 de Junho de 1789, reformou as três Ordens Militares por carta de lei: A Ordem de Cristo, a Ordem de Avis, e a Ordem de Santiago, cuja administração perpétua foi atribuída à rainha. Decretou que depois do Grão-Mestre e do Comendador-Mor, as dignidades serão, gradualmente, os grã-cruzes, os comendadores, e os cavaleiros. Nenhum será grã-cruz sem ser comendador promovido a grã-cruz. Na mesma carta estipula o aumento com um coração das insígnias de grã-cruz e comendador de cada uma das ordens, em memória do monumento ao Santíssimo Coração de Jesus. Os cavaleiros teriam a sua venera como mandavam os antigos estatutos da Ordem. Os atuais distintivos teriam de seguir um modelo representado nas respetivas gravuras, com a cruz aberta em branco e a fita vermelha.¹⁵⁹

Do outro lado da arma, existe uma epigrafia com a seguinte frase: *Amor Meus Crucifixus Est.*



Pormenor da arma 3175

Trata-se de uma citação de Santo Inácio de Antioquia, Bispo e Mártir na Carta aos Romanos (6, 1-9, 3: Funk 1, 219-223, séc. I), que se traduz em “Meu amor está crucificado”.

Na frase presente na carta¹⁶⁰ lê-se:

“Meu amor está crucificado, a matéria não me inflama, porque uma água viva e murmurante dentro de mim me diz em segredo: “Vem para o Pai”. Não sinto prazer com o alimento corruptível nem com os prazeres deste mundo. Quero o pão de Deus, a carne

¹⁵⁹ CHANCELARIA DAS ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS (1968). Ordens Honoríficas Portuguesas. Lisboa: Imprensa Nacional.

¹⁶⁰ Carta na íntegra em anexo.

de Jesus Cristo, que nasceu da linhagem de Davi; e quero a bebida, o seu sangue, que é a caridade incorruptível.”¹⁶¹

A partir desta leitura, a máxima que nos fica é o amor incondicional a Deus, a fé imensa, o respeito pelo Cristianismo. Não sabendo o verdadeiro proprietário da arma, podemos retirar desta leitura pormenorizada da arma que se trataria de uma pessoa verdadeiramente devota, não apenas à pátria e à realeza, mas sobretudo à religião, da mesma forma que os monarcas o eram.

No último lugar ficam os restantes elementos iconográficos, que aparecem apenas uma vez em todas as armas.

São estes elementos: um guerreiro com espada e escudo, uma figura mitológica com lança, Sol com coroa, Medusa, Tritão, Deus Marte, Oficial General, monstro mitológico, Fama, Cristo, Serpentes, Armas do Estado-maior, folhas de louro, cavaleiro nobre, virtudes, Cruz da Ordem de Malta.

A arma 3204 contém elementos iconográficos que não poderão ser indissociáveis, pelo que teremos de a analisar na sua totalidade.

No anverso da lâmina tem gravado um escudo com um sol encimado por uma coroa real e uma figura mitológica segurando uma lança junto de um talão com a inscrição *Mora Braga*.

¹⁶¹ Santo Inácio de Antioquia, Bispo e Mártir - <http://www.liturgiadashoras.org/oficiodasleituras/inaciodeantioquia.html>. Visitado em 13/12/2016



Pormenor da arma 3204

A imagem representa uma figura feminina, de vestes compridas, uma couraça, o corte a três quartos da perna sugere umas botas e uma proteção para a cabeça com plumas, e segura uma grande lança ou estandarte (pois possui uma bandeira no topo). Por baixo, um escudo alberga a inscrição MORA BRAGA.

Existe, em Braga, desde o início do século XVIII uma escultura que representa uma alegoria da dita cidade.



Arco da Rua do Souto (Porta Nova) – Face Poente

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cache/5c/26/5c26b11713da58f5c1dfb2dd07c8ce06.jpg>

“Trata-se de uma mulher ‘vestida à trágica’, com uma mão sobre a cabeça e outra segurando uma miniatura da Sé Primaz, que era o símbolo da cidade. Apoia-se num escudete onde se pode ler a sigla B.A.F.A., que significa *Bracara Augusta Fidelis et Antiqua* (Braga Augusta Fiel e Antiga), que foi o lema oficial da cidade”.

Esta alegoria encontra-se no topo do Arco da Porta Nova e existe uma réplica no edifício da Câmara Municipal, quer na escadaria, quer no salão nobre.



Estátua de Braga no salão nobre da Câmara Municipal
<https://bragamaior.blogspot.pt/2013/10/uma-alegoria-braga.html>

A escultura que representa a cidade de Braga é uma alegoria barroca que foi colocada inicialmente na arcada, e transferida para o Arco da Porta Nova no momento em que foi inaugurado em 1771.¹⁶²



Postal com a estátua de Braga que encima o Arco da Porta Nova

Créditos: jmc

Fonte: <http://postaisdantigamente.blogspot.pt/2008/08/>

¹⁶² SMITH, Robert C. (1973) - Três artistas de Braga (1735-1775), Bracara Augusta (Actas do Congresso a Arte em Portugal no século XVIII). Braga: [s.e.]. P. 35

A inscrição MORA BRAGA é de difícil associação. Mora significa demora, delonga.¹⁶³ Mas mora é também a conjugação do verbo “morar” no Presente, na terceira pessoa do singular.

O mesmo acontece com o escudo abaixo representado, do qual não conseguimos associar o seu significado. O escudo com sol no centro é oriundo de um padrão, de um círculo cercado por dezasseis raios, oito retos e oito alternadamente ondulados, chamados raios.



Pormenor da arma 3204

A partir do século XIV, é representado apenas por esboço, um rosto humano, com olhos, nariz e boca. O sol é chamado de astro-rei e assim associado à realeza, assim como a sua cor dourada e reluzente lembra o ouro, ligado à riqueza.¹⁶⁴ É “o mais resplandecente dos astros, fonte da sua própria caridade e pai da luz com que brilham os outros planetas, olho do céu, coração da natureza, retrato da invisível formosura, espelho

¹⁶³ Mora in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-08-08 18:32:16]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mora>

¹⁶⁴ ABRANTES, Marquês de (1992). *Introdução ao Estudo da Heráldica*. Lisboa: Biblioteca Breve nº 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. P. 158.

da divindade, pomposo monarca do dia e benigno tirado da noite, incansável peregrino dos tempos, correio perpétuo das idades, tesouro do calor, erário das influências, alampada do templo do universo, tocha do sepulcro dos vivos e luminosa sepultura das estrelas, afinador dos metais, artífice dos diamantes, pintor das flores, agricultor de ambos os hemisférios e prodigioso fénix, que todos os dias morre e renasce.”¹⁶⁵

A representação deste escudo coroado com um sol ao centro poderá representar uma localidade ou um apelido de família, com ligação à realeza pela presença do sol e pela coroa.

No reverso, o guerreiro encontra-se junto a um talão com a inscrição *VIVA O PORTO*, junto das Armas Reais Portuguesas.



Pormenor da arma 3204

¹⁶⁵ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 693.



Pormenor da arma 3204

O guerreiro gravado na lâmina do sabre de Oficial Português aparece empunhando um escudo e uma espada.

Este pormenor é interessante pelo facto de arma ser datada de finais do século XVIII e o guerreiro se apresentar vestido e armado à forma romana.

Na cidade do Porto, na Avenida dos Aliados, localiza-se uma escultura que outrora estaria instalada no topo do antigo edifício da Câmara do Porto, o Palacete Moreira Pereira, que ficava situada na Praça Nova, voltado para o atual Hotel Intercontinental, no Palácio das Cardosas. A escultura retrata um guerreiro armado de escudo, lança e elmo. Tratar-se-á da personificação do Porto, tendo mesmo sido batizada com o mesmo nome. Idealizado por João de Sousa Alão e esculpido pelo mestre João da Silva em 1818, crê-se que foi idealizado a partir da memória de um alto-relevo existente no centro histórico da cidade, de um guerreiro, e que era conhecido como a Pedra do Porto. O guerreiro

segura uma lança, um escudo com a inscrição *Portu Cale* e um elmo ornamentado com um dragão, o que remete para a associação à cidade.¹⁶⁶



Fotografia da autoria de Ruht Andrea

Escultura O Porto

A representação de um guerreiro idêntico na lâmina, junto da inscrição VIVA O PORTO, do escudo e do elmo que, apesar do desgaste ou da carência de detalhes na gravação, nos suscita a possibilidade de se tratar de um dragão, e por pertencer ao mesmo período cronológico (séc. XVIII), dá-nos sustentação para podermos expor as francas semelhanças entre a imagem na arma e a escultura. Estamos, portanto, perante a personificação do Porto, demonstrado através de um guerreiro que simboliza o povo aguerrido e a imortalização dos feitos histórico-militares da que é chamada “Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto”.

¹⁶⁶ Monumentos Desaparecidos: <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2009/10/antigos-pacos-do-concelho-e-praca-de-d.html>. Visitado em 7/08/2017

A **cabeça da Medusa** aparece num sabre de Oficial General Português do Plano de Uniformes de 1806.



Pormenor da arma 3192

Segundo Bluteau: “Os poetas a fizeram filha de Ceto e de um deus Marinho chamado Phorco ou Phorcys (Fórcis).¹⁶⁷ Tinha duas irmãs (chamadas Górgonas) Euryale e Schenion, e habitava nas Ilhas Dórcadas no mar Ethiopico¹⁶⁸. Medusa, que era a mais formosa das três, tinha os cabelos quase da cor do ouro. Neptuno, que se tinha apaixonado por Medusa, estuprou-a no Templo de Minerva, e deste violento ajuntamento nasceu o cavalo Pégaso. Minerva para se vingar desta profanação, mudou os cabelos que tanto agradaram a Neptuno em serpentes e fez com que qualquer pessoa que a encarasse se convertesse em pedra. Não havendo quem se atrevesse a contemplar tão horrendo monstro, Perseu, filho de Júpiter e Danae, depois de calçar os talares de Mercúrio e o escudo de Pallas, com o mesmo machado com que matara a Argos, investiu em Medusa e quando as serpentes se encontravam adormecidas, cortou-lhe a cabeça. Levou consigo a cabeça e caminhou para a sua terra, enquanto as gotas de sangue que iam caindo pelos desertos de África se transformavam em serpentes. Existe também o mito de que da cabeça cortada de Medusa saiu, de repente, o Pégaso com asas. Os Mitólogos, moralizando esta fábula, dizem que a conversão em pedra daqueles que olhavam para a Medusa, é efeito da beleza, que sendo singular e extraordinária, faz palmar aos que a

¹⁶⁷ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Pp. 397-398.

¹⁶⁸ Na cartografia, estas ilhas relacionam-se mais com as Canárias do que com Cabo Verde, arquipélago por alguns autores associado às Dórcadas ou Górgonas (vd.), também mencionadas por Camões.

contemplam e que Perseu ao matá-la, foi efeito da sua suma sagacidade, presteza e fortuna.”¹⁶⁹

Perseu ao voltar para a sua pátria, passou pelo país das hespérides, onde ficava o titã Atlas, que foi condenado a segurar a abóbada celeste em seus ombros. Deslumbrado com tal paisagem, Perseu pediu a Atlas se podia pernoitar pelos arredores:

“Ao fim do dia, teme se fiar na noite,
e se detém no reino de Atlas, na Hespéria;
para um breve descanso, até que a luz da Aurora
convoque Lúcifer e Aurora o carro diurno. “ 630

E lhe clama:

“Dono”, Perseu lhe diz, “se és sensível à glória
de ilustre nascimento, sou filho de Júpiter; 640
se admiras façanha, admirarás as minhas.
Te peço abrigo e pouso”. De vetusto oráculo
ele se lembra; disse-lhe parnásia Têmis:
Atlas, tempo virá, que espoliarão o ouro
de tua árvore, obra de um filho de Júpiter”.

Contra esta ameaça:

“Temendo isto, Atlas fecha em muros sólidos
o seu pomar e pôs um dragão para olhá-lo,
afastando de seus confins os forasteiros.”

Atlas responde:

“E a este disse: “Fora! De nada te serve
a glória de façanhas fingidas, nem Júpiter;” 650
e ameaça, com a força das mãos, expulsar
Perseu que lhe rebate com calma e audácia.”

¹⁶⁹ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...
8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Pp. 397-398.

Perseu mostra a cabeça de Medusa ao enorme titã, e quando encara os olhos da górgona começa a ter todo seu corpo petrificado, com os seus ossos transformados numa montanha, sua barba em floresta e sua cabeça o cume.

“Inferior em força – quem se iguala a Atlas
em força? – “Já que me tens pouca estima, aceita
este presente! Diz; à esquerda, de Medusa 655
o horrível rosto mostra-lhe, virando as costas.
Atlas grande se fez monte. E barba e cabelos
se tornam selvas; ombros e mãos cimos são; 133
o que era a cabeça é o pico do monte;
ossos se tornam rocha. Então, por toda parte, 660
dilatado, cresceu – assim quisestes, deuses –
e todo o céu e os astros repousaram nele.”¹⁷⁰

O sabre apresenta apenas a cabeça de Medusa, representando o supremo talismã, que fornece a imagem da castração. Assim, associando à lenda de Perseu que a decapitou e mostrou a sua cabeça a Atlas, quem empunhar esta arma, neste caso o Oficial General Português, seria também ele o portador metafórico da cabeça da Medusa, cujo sentido seria o de ser superior ao inimigo, não em força ou tamanho, mas em astúcia e sabedoria.

A arma 3149 faz parte do Plano para os Uniformes da Armada Real de 1807. Este sabre tem o detalhe interessante de possuir no pomo um **Tritão**, uma figura mitológica relacionada com os mares.

¹⁷⁰ Ovídio – Metamorfoses – Edição do Manuscrito do Estudo das Metamorfoses de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire. Orientado pelo Prof. Dr. João Ângelo Oliva Neto. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2006.



Pormenor da arma 3149

“Plínio deu o nome de Trítio a uns monstros marinhos, com o corpo formado por metade homem e metade peixe. Também certas Relações da América Meridional chamam Tritões a uma espécie de peixes do mar do Brasil, a que o Gentio chama Ipupiapia.¹⁷¹

Uma característica que humaniza o rosto desta figura são os olhos muito encovados. As fêmeas têm cabelos compridos e são conhecidas pela sua beleza. Costumam andar pelas bocas dos Rios, abaixo de Lagoatipe, sete ou oito lagoas da Baía de todos os Santos e perto de Porto Seguro, onde fazem grandes estragos. Estas mulheres abraçam-se aos homens com tanta força, acabando por afogá-los e soltam gemidos de alegria, que leva a crer que os abraços que dão são provenientes do sentimento de afeto, e não impulsos do furor. Depois, ao ver os homens mortos e estirados no chão, estes seres femininos recolhem-se de novo para o mar, deixando os cadáveres inteiros, exceto os olhos, nariz e as pontas dos dedos, que o mar não permitiu que chegassem à praia.

Nos rios encontra-se outra espécie de Tritão, semelhante a um rapaz, na sua fisionomia e no seu tamanho. Chamam-lhe Baepapina e não faz mal a ninguém.

No Oceano, debaixo de uma rocha, o Tritão cantava numa grande cova ou fojo, na altura de Tibrio César¹⁷². Da borda dela se descobre a abertura que tem contra o mar.¹⁷³

¹⁷¹ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.P. 198.

¹⁷² Tibério Cláudio Nero César - em latim Tiberius Claudius Nero Cæsar - (42 a.C. – 37 d.C.), imperador romano entre 14 até à data da sua morte.

¹⁷³ Dialogo 4 folha III. Coluna 3 escreve D. Frei Amador Arraiz.

Plínio afirma que os moradores de Lisboa mandaram legados a Roma com notícias deste fenómeno ao Imperador e acrescenta que, ainda no seu tempo, se viam homens e mulheres marinhas que os Antigos chamavam Tritões e Nereidas.¹⁷⁴

O povo de Colares¹⁷⁵ diz que em lugares vizinhos às ditas praias há uma certa casta de homens que tem corpo gadelhudo e cheio de escamas, os quais (segundo a tradição dos Antigos) brincavam e comiam fruta ao longo do rio ou na Praia das Mações. De tantas vezes que o faziam, fizeram com que fossem apanhados num faval¹⁷⁶, e depois com afagos e trato familiar amansaram e chegaram a falar com as Portuguesas.”¹⁷⁷

No século XIX, data do fabrico da arma exibida, foi esculpido no Palácio da Pena o Pórtico do Tritão, também denominado como “Pórtico Alegórico da Criação do Mundo”, onde se destaca o Tritão sobre elementos que formam um mundo aquático, contrastando com a parte superior que representa o mundo terrestre. Esta representação arquitetural teve a ordem do rei D. Fernando II, regente de Portugal e Algarves entre 1837 até 1853.

A leitura deste elemento representado no sabre poderá ter diversas interpretações. Na literatura portuguesa há duas passagens que se destacam: uma incluída na obra de Damião de Góis, datada de 1554, onde menciona que o Tritão tinha sido avistado a cantar com uma concha numa praia perto de Colares.¹⁷⁸ Outro autor que faz referência a esta figura mitológica é Luís de Camões, no Canto IV dos Lusíadas:

“Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os Deuses da água fria
Que o mar habitam d’ua e doutra banda.
Tritão, que deve ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,

¹⁷⁴ Para mais informações, consultar Plínio, o Jovem - liv. 9 cap. 5.

¹⁷⁵ Colares é uma freguesia portuguesa do concelho de Sintra.

¹⁷⁶ Terreno plantado de favas ou onde crescem favas.

¹⁷⁷ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.P. 198.

¹⁷⁸ GÓIS, Damião de (1554) - Lisboa de quinhentos: descrição de Lisboa. Lisboa: Avelar Machado. P. 30.

Era mancebo grande, negro e feio, (...)
Os cabelos da barba e os que descem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes d'água, e bem parecem
Que nunca brando pente conheceram.
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram.
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Ûa mui grande casca de lagosta.”¹⁷⁹

Tritão (VI, 16-19)

A presença do Tritão nesta arma justifica-se, acima de tudo, pelo facto de esta arma ter pertencido à Marinha Portuguesa. O seu aspeto feio, de expressão feroz e grotesco, proporciona a quem a contempla uma sensação de inquietude e receio. Por outro lado, favorece ao seu portador o mesmo carácter aguerrido da figura mitológica.

Tritão destacou-se na mitologia grega porque ajudou na expedição dos Argonautas, que indicou aos marinheiros o melhor caminho para atingirem o Mediterrâneo e deu no quadro dessa gesta, um pedaço de terra a Eufemo, como agradecimento pela sua hospitalidade.¹⁸⁰ A sua figura funcionará, assim, como um amuleto protetor durante as viagens pelo mar da Armada Real Portuguesa, que numa mística crença, poderia acreditar que se algo trágico acontecesse, Tritão os salvaria.

No mesmo sabre encontramos a presença da efígie do **Deus Marte** nas orelhas.

“É o quarto planeta do sistema solar e foi apelidado de Marte pelos Romanos por imaginarem que este planeta presidia na guerra, tal como o deus do mesmo nome, o Deus

¹⁷⁹ CAMÕES, Luís (1954). *Os Lusíadas*. 3ª. Edição. Porto: Porto Editora, Lda. Canto VI, 16-19.P.205

¹⁸⁰ Tritão in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-08-02 18:19:58]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$trita0](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$trita0)

das batalhas. É planeta masculino e noturno, a sua cor é de fogo e a sua influência é o calor e securo, que causa muito dano aos vivos.¹⁸¹

O Deus da Guerra é filho de Júpiter e de Juno, deusa a quem se atribuiu o título de senhoria das riquezas, da qual a guerra é ordinária fiscal e herdeira.¹⁸² Mas, segundo Ovídio, Juno teria ficado irritada por Júpiter ter concebido Minerva, que saiu espontaneamente da sua cabeça, e recorreu a Flora para se fazer fecunda sem o auxílio de homem e deu à luz Marte através do contacto com uma flor.¹⁸³

A espada é a sua insígnia e é normalmente representado sentado num carro, puxado por cavalos da Trácia. Chamou-se *Mars, à Maribus, id est*, dos machos, ou varões, a que ele preside na guerra, *quod magna vertat, feu vortat*.

O seu império está entre os Scythas¹⁸⁴, Trácios¹⁸⁵ e Getas¹⁸⁶ porque estas nações, como belicosas, foram muito veneradoras de Marte. Nume¹⁸⁷ em tudo glorioso, se enamorou de Vénus e foi colhido com a adúltera numa rede de aço envergonhados por Vulcano, pobre ferreiro e coxo, que os expôs ao ludíbrio dos mais Deuses”.¹⁸⁸

Marte é, acima de tudo, o ícone máximo da vitória nas batalhas. O seu símbolo pode representar o sexo masculino, formado por um círculo e uma seta que emerge do lado superior direito, que lembra um escudo e uma lança. O deus da Guerra simboliza a força bruta, a agressividade, a violência, o sangue. Na arma, a sua figura transmite aquilo que o seu portador deve ter: masculinidade, confiança, ego, energia, paixão, agressão, sexualidade, força, ambição e competição.

¹⁸¹ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.P. 345.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Flora in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-08-02 12:06:05]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$flora](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$flora).

¹⁸⁴ Designação genérica dos povos nómadas do norte da Europa e da Ásia.

¹⁸⁵ Povo indo-europeu, habitante da Trácia e regiões adjacentes (territórios dos estados modernos da Bulgária, Romênia, Moldávia, nordeste da Grécia, Turquia Europeia e noroeste da Turquia Asiática, leste da Sérvia e partes da Macedônia).

¹⁸⁶ Nome dado pelos gregos a diversas tribos trácias ou dácias que ocuparam as regiões ao sul do Baixo Danúbio, na região do atual norte da Bulgária, e ao norte do Baixo Danúbio, na Romênia. A região ocupa a hinterlândia (a 'terra de trás', de uma cidade ou porto) das colónias gregas da costa do Mar Negro, o que propiciou aos getas contacto com os gregos desde tempos muito antigos.)

¹⁸⁷ Ser divino; deidade.

¹⁸⁸ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.P. 346.

No mesmo sabre onde aparecem as duas quimeras (no pomo e o no quartão) nas orelhas, encontra-se a efígie de um Oficial General, cuja interpretação deverá significar o reflexo do seu utilizador.



Pormenor da arma 3190

Devemos considerar que estes sabres não são personalizados face ao indivíduo que a possui, mas sim quanto ao seu cargo. É uma arma que faz parte do Plano de Uniformes de 1806, para uso de pequeno uniforme, e deverá ser, portanto, um retrato tipificado do Oficial General que a viria a obter.

Na arma 3188, há duas representações da alegoria à **Fama** na lâmina.



Pormenor arma 3188



Pormenor da arma 3188

Na Eneida de Virgílio, a Fama simbolizava a “Voz Pública”, e teria sido gerada por Gaia, depois de Céos e Encélado. Vive no centro do mundo, num palácio sonoro, construído em bronze, com milhares aberturas, por onde penetravam as vozes e captava tudo o que era falado, por mais baixo que fosse que amplificava e propalava imediatamente. É a mais veloz de todas as calamidades, devido às suas asas, conotada como um monstro horrendo, mensageira tanto da calúnia como da verdade, e foi ela quem propagou a notícia dos amores de Dido e Eneias. Está rodeada pela Credulidade, o Erro, a Falsa Alegria, o Terror, a Sedição e os Falsos Boatos. Possuía múltiplos olhos e ouvidos, que a faziam ver e ouvir tudo, e de muitas bocas para propagandear.¹⁸⁹

¹⁸⁹ MARONIS, Publio, Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.). *Eneida*. Livro IV, P. 108



Apollo Dormiente e le Muse – Apolo Adormecido e as Musas e Fama
Lorenzo Lotto
1530-1545 (?)
Óleo sobre tela

Museu das Beaux-Arts, Budapeste

Fonte: http://www.szepmuveszeti.hu/adatlap_eng/8887

Na pintura observamos Apolo a dormir à direita, e mais atrás do lado esquerdo da tela, as Musas que dançam desnudas, pois teriam deixado as suas vestes espalhadas por onde agora o deus se encontra. Por cima de Apolo, Fama sobrevoa segurando dois trompetes, o que significa que iria espalhar as novidades.

Fama tem duas asas enormes que a fazem deslizar no ar, um vestido solto que a caracteriza e duas trompetas na mão com que toca quando anda sobre as nuvens.

RENOMMEE .

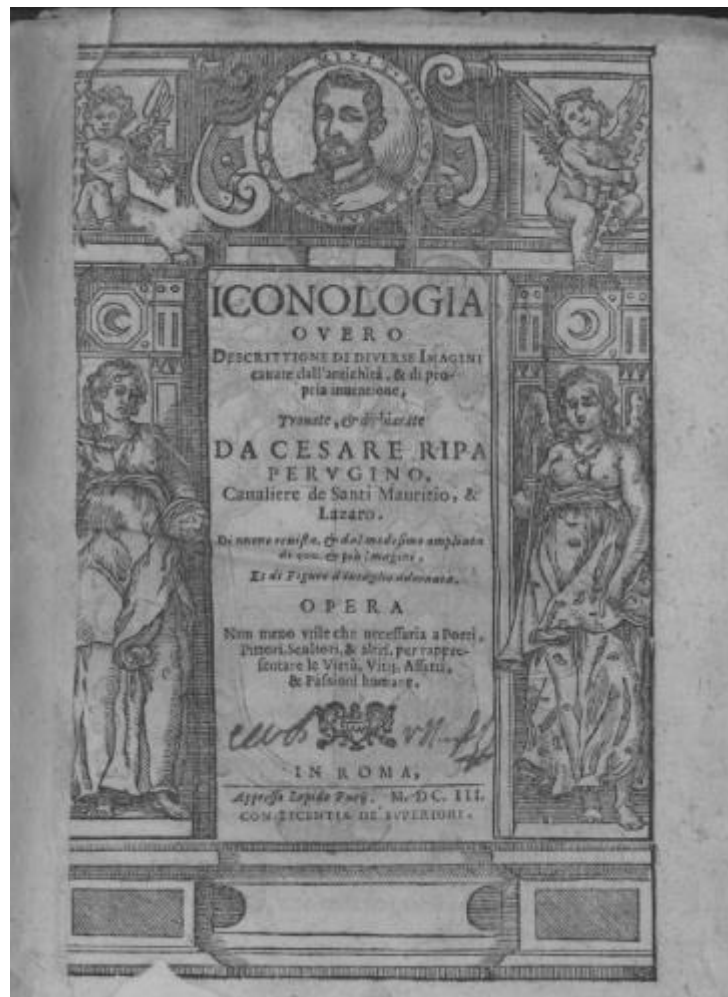


Paris, 1643

[Pagina: II,80 (I)]

Fonte: http://larte.sns.it/ripa/Iconologia_db/dettagli_lettera.php?id=#fama

Este conjunto de atributos trata-se de uma fusão de características. Virgílio não menciona em momento algum as trompetas como atributo em Eneida, e Ripa considera um elemento que a distingue. Mas é esta a imagem que ficou associada a todas as representações da Fama, e apareceu pela primeira vez em 1603, na página de rosto da segunda edição de Cesare Ripa. Fama aparece do lado esquerdo, com a trompeta na mão, grandes asas e vestes caídas que expõem o torso, e coberta por pequenas bocas e ouvidos. Do lado oposto, encontra-se Glória.¹⁹⁰



RIPA, Cesare (1603).

Iconologia Overo Descrittione Di Diverse Imagini Cauate Dall'Antichità, e di própria inuentione...

Roma: Appresso Lepido Facij.

Fonte: GIANNI, Guastella (2017).

Word of Mouth: Fama and Its Personifications in Art and Literature from Ancient Rome to the Middle Ages.

Oxford: Oxford University Press. P. 332.

¹⁹⁰ GIANNI, Guastella (2017). *Word of Mouth: Fama and Its Personifications in Art and Literature from Ancient Rome to the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press. P. 331.

Apesar de Virgílio a ter descrito como um ser desprezível e grotesco, nas artes, no entanto, Fama não é representada com aspeto monstruoso. No Renascimento, Fama é uma linda mulher, geralmente representada com o torso nu.



Saturno conquistado pelo Amor, Vênus e Esperança-
Simon Vouet

1640-1645

Óleo sobre tela

Museu du Berry, Bourges , França

Créditos: Photo (C) RMN-Grand Palais / Gérard Blot

Fonte: <https://www.photo.rmn.fr/archive/90-001755-2C6NU0HB6V1O.html>

Na pintura de Simon Vouet, Saturno, o velho homem, segura o seu atributo, a foice, pois ele é o deus da agricultura e simboliza o tempo. Esperança, que se apresenta ao lado do seu atributo, a âncora, agarra numa das suas asas e um putto imita-a na outra asa enquanto Verdade puxa o cabelo de Saturno. Fama sobrevoa esta cena, enquanto sopra uma corneta, apoiando-se em Fortuna, que transporta os atributos de poder.

A razão pela qual se encontra presente na arma poderá significar a divulgação da vitória.

Apesar de Fama levar ao público todo o tipo de novidades, as falsas e as verdadeiras, a conquista da luta que viriam a travar era certa. Por outro lado, como a figura divina se assemelha a um anjo, pode simbolizar uma mensageira de Deus, um ser que interferia beneficentemente e protegeria o seu proprietário.

A representação de **serpentes** aparece apenas uma vez, na arma 3168. As serpentes apresentam-se em par, em forma de espelho, e enrolam em torno dos copos.



Pormenor arma 3168

Este elemento tem múltiplas interpretações, visto que é representado tanto em contexto bíblico, como mitológico. Nas Sagradas Escrituras, a serpente é uma criatura diabólica, encarnação de Satã, ligada ao submundo que convenceu Eva a comer o fruto do conhecimento. Representa, assim, a tentação, o engano, a destruição, o pecado. No Caduceu de Mercúrio “fabuloso deus da eloquência, enroscou a serpentes à Gentilidade, para mostrar que as boas palavras são o antidoto do veneno da ira, e o mitridático de pestíferos corações”.¹⁹¹

Hermes, certa vez, encontrou duas cobras engajadas em combate mortal. De forma a separá-las, o deus da persuasão e dos ardis intrometeu o bastão entre ambas, que se entrelaçaram em seu torno, permanecendo unidas desde então. Ao bastão, símbolo do poder e da negociação, reuniram-se as serpentes, símbolos do conhecimento, sabedoria e medicina, formando assim o kerykeion.¹⁹²

Podemos apresentar esta hipótese sustentando com o facto de termos presentes duas serpentes que se confrontam, enroladas na guarda da mão com função ornamental. O punho e a lâmina formados num só poderão representar o bastão que Hermes usou para separar as duas cobras. A combinação da espada e das cobras resulta numa simbologia que reúne as qualidades do poder, do conhecimento da sabedoria.

¹⁹¹ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 609

¹⁹² CASTELLFRANCHI, Juri (2008). *As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade*. Tese de Doutoramento em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Laymert Garcia dos Santos. P. 2.

Esculápio ou Asclépio, o deus greco-romano da medicina, tem o atributo composto de um bastão com uma cobra entrelaçada, que simboliza o renascimento a fertilidade, do qual resultou o símbolo associado à medicina. O facto de a cobra ter a capacidade de trocar de pele simboliza renovação, ressurreição e cura.

A cobra simboliza a força vital, a renovação, a criação, a vida, a sensualidade, a dualidade, a luz, a escuridão, o mistério, a traição, a tentação, a ilusão. Está associado ao mal, à morte, e à escuridão, por se tratar de um animal traiçoeiro e venenoso. Mas por outro lado, pode representar o rejuvenescimento, a renovação, a vida, a eternidade e a sabedoria.

Nesta arma aparecem as duas serpentes enroscadas nos copos da arma, pelo que um elemento tão singelo não nos dá bases para sustentar uma teoria. Apesar de na Bíblia a sua figura ser associada ao mal (e lembremo-nos do completo abandono da religião no século XVIII), a sua conotação neste caso será, seguramente, benigna, transferindo todas as suas qualidades para o sabre.

As **folhas de louro** aparecem apenas uma vez, na arma 3150.



Pormenor da arma 3150

Este elemento, além de decorativo, simboliza “a coroa triunfal em prémio de ação nobre e grande.”¹⁹³

É um ornamento que, como já foi referido, faz parte do Pequeno Uniforme do Plano de Uniformes para o Exército Português de 1806, onde especifica que na virola deveria incluir a coroa de louro.

A arma 2804.28 trata-se de uma faca de uso civil que destoa das restantes armas seleccionadas. No entanto, a sua riqueza iconográfica levou-nos a incluir na nossa escolha.

¹⁹³ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 237.

O punho da faca nº. 2804.28, em marfim esculpido, representa três figuras femininas, cada uma acompanhada com atributos que as definem como as personificações das Virtudes.



Pormenor da arma 2804.28

A figura acima representa a Virtude teologal da Esperança, uma jovem que defendem os autores do século XVII e XVIII “não se pode esperar o que não se ama; nem amar o que não agrada, e sendo a Esperança espectação de cousa desejada só do que é belo ou bom, se deixa levar o desejo”.¹⁹⁴

Esta virtude é identificada pela presença da âncora, que segura com a mão direita.

Santo Agostinho diz: “A âncora é o símbolo da Esperança, para que firmados em Deus nunca flutuemos entre as procelas do mundo”.

São Lourenço Justiniano defende que a “Esperança é a âncora da alma, guardando-a para que as procelas das tentações não a possam atingir. Portanto, se te encontras a flutuar no alto mar, não te esqueças da âncora até entras no porto.”

Na outra mão, segura um pássaro que é identificado como uma fénix, associada também a esta virtude. O Santo Isidoro de Sevilha conta que esta ave, ao sentir que a

¹⁹⁴ MARTINS, Fausto S. (2002). *Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto*. Revista da Faculdade de Letras. I Série, vol. 1. Porto: Ciências e Técnicas do Património. P. 194.

morte se aproximava, construiu um ninho de madeira e resinas aromáticas, que expôs ao sol com o objetivo de fazer arder e seria assim consumida pelas chamas. Passado três dias, viria a renascer outra fénix, a partir da medula dos seus ossos.¹⁹⁵ Na iconografia cristã, a Fénix simboliza a Ressurreição.¹⁹⁶



Pormenor da arma 2804.28

A outra Virtude presente na arma é a Caridade. O que identifica esta matrona como a Caridade é a presença das crianças, estando duas junto aos seus pés, e uma no seu braço esquerdo, a amamentar, ainda que na arma esteja pouco perceptível.

¹⁹⁵ ISIDORO DE SEVILHA (1983). *Etimologias*. II vol. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. P. 109.

¹⁹⁶ MARTINS, Fausto S. (2002). *Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto*. Revista da Faculdade de Letras. I Série, vol. 1. Porto: Ciências e Técnicas do Património. P. 195.



Descrição da Caridade.

RIPA, Cesare (1603). Iconologia

2ª ed; ilustrado 1ª ed) Cesare Ripa, Iconologia ..., Roma, L. Facii, 1603 (parte ou número 18/151)

Natureza da imagem: Woodcut

Local de conservação: Oxford, Fundação Biblioteca do Voltaire (Taylor Institution Library), coll.

Theodore Besterman, Rare 84-B 13618

Fonte: Ripa, Cesare (1560-av1625) ed. TEA ARTE, p. 48

A Caridade é uma das três Virtudes Teologais, a par da Esperança (anteriormente apresentada) e da Fé. A presença das três crianças pretende demonstrar que a Caridade é a mais importante, pois tem o seu poder triplicado, que as outras duas virtudes não têm. No Tratado de Ripa, o seu vestido é vermelho “por sua semelhança à cor do sangue, para mostrar como a caridade verdadeira se estende ao próprio ato de o derramar”, de acordo com o testemunho de São Paulo.¹⁹⁷ Muitas vezes, esta personificação aparece com outro atributo que a identifica, que pode ser um coração ardente ou uma chama, símbolos do amor que se ascende no coração humano com a receção da Eucaristia. S. Tomás de Aquino chamou à Eucaristia *Sacramentum Charitatis*, e S. Bernardo chamou *Amor Amorum*, ou seja, Amor dos Amores, porque a “Eucaristia é um incêndio em que o amor de Deus para com o homem e o amor do homem para com Deus se comunica através de mútuas e recíprocas labaredas”.¹⁹⁸

¹⁹⁷ Corriere Della Sera- Iconologia. - http://www.corriere.it/gallery/cultura/06-2012/iconologia/1/iconologia_2049fea4-baa5-11e1-9945-4e6ccb7afcb5.shtml#1. Visitado em 10/08/2017.

¹⁹⁸ Idem.



Pormenor da arma 2804.28

A última das Virtudes que viria representada deveria ser a Fé, mas, pelos atributos que carrega, identificamo-la como Justiça, uma das quatro Virtudes Cardeais.¹⁹⁹ A Justiça é a *rainha das virtudes*²⁰⁰, habitualmente representada com atributos ligados à realeza, como a coroa e o ceptro, mas os elementos que a distinguem e estão claramente presentes no punho da faca é são presença da balança e da espada. A balança simboliza a justiça divina, e a espada para castigar os delinquentes. “A Justiça Divina define o padrão para tudo, mostrando a espada para a pena que aguarda os criminosos”.

O punho da faca é encimado por uma representação de um cavaleiro nobre, que não nos foi possível identificar.

O proprietário desta arma permanece anónimo, mas sabemos que é datada do século XVIII, e que, nesta altura, a Corte de D. João V tornou-se famosa pela sua riqueza e luxo.

Numa abordagem mais arrojada, expomos uma pintura que apresenta semelhanças com a imagem representada na arma.

¹⁹⁹ As quatro Virtudes Cardeais são: A Justiça, a Temperança, a Fortaleza e a Prudência.

²⁰⁰ MARTINS, Fausto S. (2002). *Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto*. Revista da Faculdade de Letras. I Série, vol. 1. Porto: Ciências e Técnicas do Património. P. 192.



Retrato de D. Jaime, Duque de Cadaval
c. 1728,
Pierre-Antoine Quillard ou Domenico Duprà.
Créditos da foto: Palácio Cadaval, Évora
Fonte:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/D. Jaime Alvares Pereira de Mello%2C Duque de Cadaval.png>

Trata-se de Jaime Álvares Pereira de Melo, o 3.º Duque de Cadaval, dos Concelhos de Estado e da Guerra, cerca de 1728. Esteve presente na Troca das Princesas em 1729 como Estribeiro-mor de D. João V.²⁰¹

A coincidência cronológica e a notória semelhança com a figura da arma, quer nas vestes do nobre ou na fisionomia do cavalo, que demonstra pouca precisão nas proporções, dá-nos abertura para colocar em hipótese que o escultor do punho terá procurado influência neste retrato.

Supondo que esta faca pertenceria a um membro da corte do século XVIII, visto que a sua presumível representação se faz destacar no pomo, temos de refletir no significado da presença das virtudes, duas delas teológicas, e uma cardeal. Serão estes os atributos que o seu proprietário mais admirava? Ou seriam estes os que o caracterizavam?

²⁰¹ João V de Portugal - <http://www.wikiwand.com/pt/Jo%C3%A3o V de Portugal>. Visitado em 5/08/2017.

Com as quais se identificava? Ou seria a sua carência que o fez, desta forma, tentar compensar e atrair-las para si?

Uma proposta de comunicação de património: expor as armas

Uma exposição é tida como o mais importante e genérico meio de comunicação em museus e esta interação entre o observador e o objeto permite uma familiarização direta. Devemos ter particular atenção ao público-alvo que procuramos direcionar e a forma como devemos levar a cabo a difusão do nosso estudo.

A exposição deverá ser pensada de modo a justificar e fundamentar o conceito, para que a mensagem consiga tocar o visitante, em que a nossa pesquisa se conforma num discurso tridimensional.

Para a nossa exposição devemos estabelecer, em primeira instância, o tema ou o conceito, que terá de estar relacionado com o acervo selecionado e ser esclarecedor para uma rápida absorção da temática. A apresentação deverá estar acompanhada de uma narrativa que permita ao visitante usufruir do acervo, assim como da sua envolvência, que neste caso será o MMP.

As informações gerais englobam aquilo que é o conceito, a narrativa e o acervo que se encontra acessível ao público. Aquilo que vem em primeiro lugar é o nome da exposição, que serve de cartão-de-visita ao público, e que se intitula de “A Arte nas Armas de Manuel Francisco de Araújo”.

A data deverá ser acordada conforme a disponibilidade do museu.

O anúncio da ocorrência da exposição, que pode ser colocada na receção do museu, deverá fazer-se acompanhar de uma descrição que contenha o resumo da exposição, que indique de forma sucinta a definição dos seus conceitos.

O nosso objetivo fulcral é a transmissão dos conhecimentos que apuramos ao longo do nosso estudo e pretendemos que esta mensagem seja transversal a todos os visitantes do museu, pelo que a nossa linguagem será o mais informal quanto o possível. É de suma importância que o acervo exposto seja acompanhado da descrição clara e concisa dos elementos iconográficos que adornam as peças. Pretendemos a absorção imediata e simplificada da interpretação da simbologia por parte do observador. É essencial que a linguagem usada seja compreensível e clara, pois devemos ter em conta que o público que visita o MMP é essencialmente jovem, sobretudo estudantes da escola secundária, ou turistas. Damos especial atenção a este ponto de metodologia da exposição,

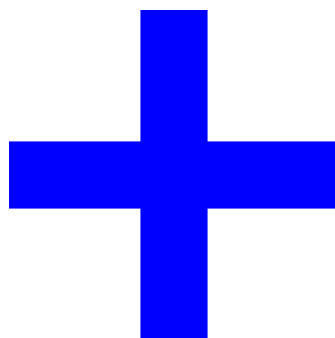
pois estes são visitantes mais difíceis de cativar a atenção e procuramos o despertar da curiosidade e do interesse pela iconografia.

A curadoria estaria a nosso cargo e ao encargo da direção do MMP, que inclui a conceção, organização e montagem da exposição. Em qualquer exposição é fundamental o papel da divulgação. No entanto, mais uma vez, devemos ter em conta os custos que acartam, e assim pretendemos promover este evento mais concentradamente de forma virtual. A internet possibilita a aproximação ao público, permitindo fazer chegar a mensagem de forma rápida e eficaz.

As estruturas onde as armas estariam expostas são vitrinas que o museu dispõe para exposições temporárias e que se encontram guardadas.

Nas nossas propostas de exposição, podemos focar os objetos através de jogos de luz, usando holofotes, luzes multicolores, ou a luz ambiente que já se encontra nas instalações.

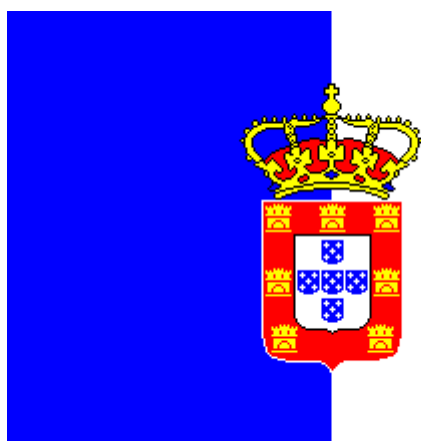
A cor usada como fundo das vitrinas (como base vertical, horizontal ou diagonal) será a mesma em todas as estruturas. Pensámos numa base pintada ou forrada a tecido da cor azul. As razões que nos levaram a escolher esta cor são amplamente justificáveis. Primeiramente, é mais que conhecido o paradigma “ouro sobre azul”, o que significa que a cor azul ajuda a realçar os metalizados das armas. Por outro lado, é uma das cores originais da bandeira de Portugal. Desde D. Afonso Henriques que as cores da bandeira são o branco e o azul, transversal a todas as evoluções até à atualidade.



Bandeira de D. Afonso Henriques (1143-1185)

Como as paredes do edifício são de cor branca, seria interessante estabelecer um jogo de cores. O azul presente no interior das vitrinas entra em contraste com o branco envolvente que evoca as cores da bandeira original de Portugal. Segundo a tradição, durante as primeiras lutas pela Independência de Portugal, D. Afonso Henriques teria usado um escudo branco com uma cruz azul, a exemplo de seu pai, o Conde D. Henrique,

cujas armas eram simbolizadas pela cruz em campo de prata. Note-se que ao centro de uma parede da galeria do primeiro andar, se encontra a espada de D. Afonso Henriques, pelo que faria todo o sentido a integração desta tonalidade. Por outro lado, esta cor ganhou terreno na época do Liberalismo, que passou a ocupar metade da bandeira portuguesa, a par da outra metade branca com escudo central, entre os anos 1830 e 1910. Esta razão deve-se ao facto de, no acervo seleccionado para ser exposto, algumas das armas remetem à cronologia da bandeira referida (XIX).



Bandeira durante a Monarquia liberal (1830-1910)

Podemos ir mais longe, usando a cor da carpete que percorre a escadaria, conjugando com os dourados das armas, e reunimos, assim, todas as cores que compõem a bandeira portuguesa até ao Regime Republicano (1910).

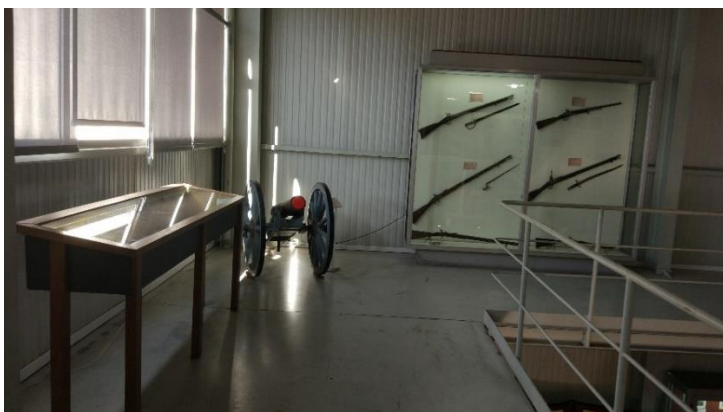
Qualquer que seja o formato de exposição que propomos mais à frente, o local seria dentro do espaço da instituição, na área de circulação do visitante. O facto de não ser possível acrescentar um valor ao bilhete não se mostra razoável por várias razões: primeiro, a localização deveria estar acessível apenas aos visitantes que teriam o bilhete para esta exposição, pelo que o museu não dispõe deste tipo de espaços restritos a exposições temporárias; por outro lado, para a dimensão desta exibição não se justifica um acréscimo no valor do bilhete, por ser de pequenas dimensões; por último, e o mais importante motivo, passa pelo intuito desta mostra, que é a dinamização do museu, a apelação do interesse pela leitura dos símbolos, a transmissão do que é “iconografia”, a demonstração de que as armas poderão ser contempladas, não apenas enquanto objeto de agressão, mas que podem servir de suporte para obras de arte e a ligação mística que o Homem tem com a sua arma.

Com a ajuda do Sargento-Chefe Caetano, que prontamente se disponibilizou em a dar sugestões para exposição, apresentamos, portanto, quatro propostas:

Na **primeira proposta**, as quinze armas ficariam pousadas horizontalmente sobre uma placa de cor azul, opaca, de forma a realçar as peças, dentro das duas vitrinas tipo mesa (2,25m x 0,52m) e ocupariam uma zona no interior do Pavilhão das Armas, no andar superior. Este espaço situa-se num ponto intermédio do percurso do visitante pelo pavilhão, acabando por possibilitar o acesso e a visibilidade da exposição. Estas vitrinas permitem a conservação do acervo e a segurança em relação ao público. As armas seriam distribuídas pelas duas vitrinas agrupando-as, da forma mais ordinária possível, por elementos iconográficos. Assim, facilitamos ao observador a identificação dos símbolos e a sua interpretação. Numa visão realista e ponderada, optamos por dispor as informações em formato cartaz, para uma contenção de custos mas essencialmente para chamar a atenção do visitante, pois a localização das vitrinas é discreta.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea. Vitrina mesa onde ficariam expostas as armas no Pavilhão das Armas.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea. Vitrina mesa e local onde ficariam expostas as armas no Pavilhão das Armas.

Acima dos suportes, propomos a colocação dos dois cartazes explicativos, onde seriam expostas as imagens dos símbolos e uma breve e elucidativa leitura iconográfica. Desta forma, apresentaremos as armas num outro contexto, destacando esta secção da restante exposição permanente e realçamos os elementos iconográficos presentes nas peças.

Numa **segunda proposta**, as armas seriam colocadas todas numa vitrina de grandes dimensões (2,06m x 1,11m) no centro do Pavilhão das Armas, semelhante à dos soldadinhos de chumbo, onde ficariam suspensas com fios transparentes, para que fiquem em posição vertical, e cuja visualização poderá ser efetuada a toda a volta. A base seria de cor azul opaca. As legendas identificariam cada elemento iconográfico em suporte de espuma de polietileno.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Vitrina de grandes dimensões que alberga parte da Coleção de Soldadinhos de Chumbo.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Suporte onde seria possível prender os fios que sustentariam as armas.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea. Centro do Pavilhão das Armas, onde ficaria a vitrina de grandes dimensões.

Numa **terceira proposta**, pretendemos que a exposição seja mais arrojada. Sugerimos uma exposição com as armas colocadas de forma dispersa pela área do edifício principal do museu. Após a entrada, o visitante depara-se com a receção do museu. Do lado esquerdo da mesa do rececionista, antes da escadaria que encaminha para o piso superior, existe uma vitrina em formato de caixa (0,82m x 0,56m), onde poderá ser apresentada a exposição, acompanhada dos dois exemplares de menores dimensões da seleção do acervo, uma faca de uso civil, (arma nº 2804.28) e uma adaga de caça (arma nº 3175). Estas são armas ricamente ornamentadas que justificam a sua localização como introdução às restantes armas que se seguirão. Como se pretende que as duas peças sejam

observadas a toda a volta, adaptaremos um sistema de suporte suspenso, onde as armas poderão estar dispostas verticalmente, de forma a facilitar a sua visualização. Para uma melhor observação das peças expostas, será colocada uma tela opaca na parte posterior da vitrina.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Vista de cima a partir do piso superior da receção. Do lado esquerdo da secretária: vitrina em caixa onde poderia ser apresentada a exposição, acompanhada dos dois exemplares a adaga de caça e a faca de uso civil.

É de suma importância que sejam referidos todos os elementos ornamentais existentes nas armas, assim como uma breve análise e interpretação e ficarão em suporte de espuma de polietileno.

A visita prossegue para o andar superior, onde se encontra a coleção de soldadinhos de chumbo, dispostas no interior das salas. Na zona da galeria que cerca a escadaria, por baixo da claraboia, existe espaço para assentar as restantes 13 armas que dispomos para expor. Num nicho encontra-se a arma dita de D. Afonso Henriques, que tem lugar de destaque.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.
Vista da chegada ao topo das escadas.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.
Vista da chegada ao topo das escadas. O visitante depara-se imediatamente com uma vitrina,
onde seria colocada uma das armas em exposição.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Vista do piso superior. Ao centro: nicho onde se encontra exposta permanentemente a Espada dita de D. Afonso Henriques.

A nossa proposta é que esta peça seja ladeada por outras duas da nossa coleção, dentro de vitrinas em forma de caixa (0,90m x 0,70m), em vidro, onde poderão ser exibidos os sabres de Oficial General Português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme, com fundo opaco de cor azul. Como a seleção conta com quatro armas do mesmo plano, e para uma observação harmoniosa das peças em exposição, duas outras vitrinas da mesma dimensão estarão paralelamente do outro lado do vão de escadas, o que perfaz quatro vitrinas com peças semelhantes (armas 3150, 3190, 3192, 3228).



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Vitrina em forma de caixa (0,90m x 0,70m), onde se exporia sabres de Oficial General Português do Plano de Uniformes de 1806. Colocar-se-ia uma no fundo da cor azul e legenda em espuma de polietileno.

As restantes peças, portanto, as nove restantes, seriam agrupadas em duas vitrinas de maiores dimensões (3,5m x 1m), que se localizariam nos lados perpendiculares às outras que se dispõem isoladamente. As armas seriam distribuídas, cinco de um lado e quatro do outro, agrupadas por representação iconográfica, numa plataforma diagonal, que permite uma visualização mais confortável do observador, o que não acontece com os suportes tipo mesa, em posição horizontal e sobre fundo opaco de cor azul. Como já foi referido, cada símbolo será cuidadosamente identificado, pois esse é o enfoque do nosso trabalho. Portanto, as armas que se encontram isoladas contarão com uma descrição detalhada dos elementos iconográficos e as que se encontram em conjunto deverão seguir o mesmo rigor de referência, em suporte de espuma de polietileno.



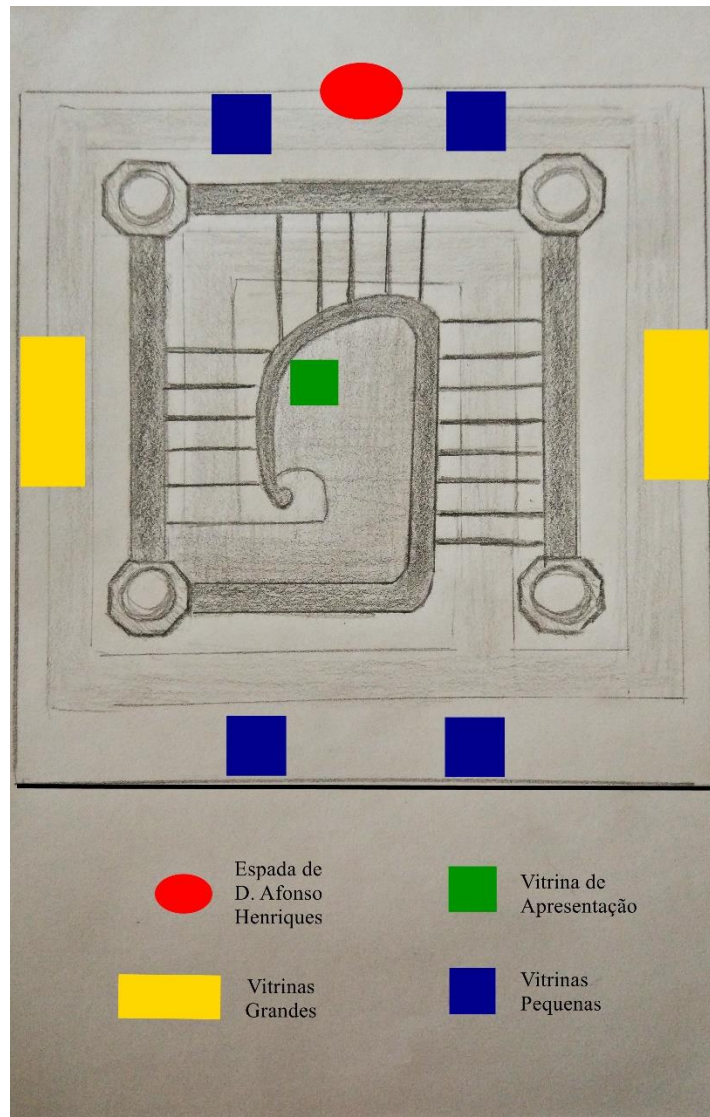
Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Vista do piso superior, onde a vitrina substituiria a mesa que se encontra abaixo da pintura de grandes dimensões.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Panorâmica do piso superior do edifício onde se distribuiriam as vitrinas.



Esboço da planta da escadaria do edifício principal do Museu Militar do Porto, elaborada por Ruht Andrea. As cores revelam a localização da Espada de D. Afonso Henriques e da posição onde as vitrinas de exposição estariam.

Apresentamos uma **quarta proposta**, que poderá seguir a mesma linguagem da anterior, mas ao invés de concentrarmos a nossa exposição na área que rodeia a escadaria do edifício, distribuiríamos as vitrinas pelas salas onde se repousam os soldadinhos de chumbo. Utilizaremos, à semelhança das propostas anteriormente apresentadas, as estruturas de suporte que o museu disponibiliza, que se dispunham de uma forma estratégica, aparentemente aleatória, que permite ao visitante o encontro destes objetos no percurso que efetua pelo piso superior do museu.



Fotografia da autoria de Ruht Andrea.

Vista para sala com parte da coleção de soldadinhos de chumbo, que poderá albergar uma das vitrinas com armas.

Por se tratar de uma mostra de relativamente pequena dimensão, onde constam em exposição 15 exemplares, poderá constituir uma mais-valia para partir para o exterior. Sendo estas peças de transporte fácil, e como o museu dispõe de estruturas que permitem que sejam desmontadas e facilmente deslocadas, a exposição é adaptável em qualquer local. Pensámos, assim, na possibilidade de instalar esta exposição em diversos lugares, como escolas, galerias de arte, centros comerciais, qualquer estabelecimento com espaço polivalente que possa albergar a exibição, locais de livre circulação como estações do comboio ou do metro, ou seja, inúmeras possibilidades de espaço onde expor. Com esta liberdade, disponibilizamos a todo o público a viabilidade de contactar com as armas, compreender a sua linguagem iconográfica, e abrir horizontes para o universo das artes.

Considerações Finais

A arma é um objeto consubstancial ao Homem já desde o início dos tempos. Para o bem e para o mal, sempre esteve ao lado do ser humano e ambos evoluíram juntos.

A Natureza deu aos animais armas próprias, integradas nos seus corpos, tornando-as parte dos mesmos. O instinto de sobrevivência fez o homem criar esta peça para o

complementar na sua defesa, assim como da sua família, do seu povo, do seu território. É um objeto destrutivo. Porém, já desde a pré-história que o ser humano decorava as suas armas com motivos animais e vegetalistas que, à semelhança das pinturas rupestres, era uma forma de representar o seu quotidiano.

As armas foram, ao longo da história, destrutivas e construtivas de culturas e civilizações, ao lado da religião, seja primitiva, pagã, cristã ou muçulmana. Não se poderá fazer um juízo de valor relativamente ao bom ou mau uso das armas, mas podemos constatar a realidade inegável de que as armas estão presentes e que são um fator fundamental para a História da Humanidade.

A sua presença é constatada em múltiplas representações de pinturas rupestres, gravuras, frescos, iluminuras, pintura a óleo, esculturas comemorativas, em todas as formas de representação de homens que fizeram a História.

Desde sempre que o ser humano procura a justificação para a existência das coisas. O dia, a noite, o calor, o frio, as colheitas, a catástrofes naturais, tudo tem uma explicação que está para além do poder do Homem. A crença de que forças superiores controlavam os acontecimentos da vida do indivíduo e da sua envolvência, levavam à execução de rituais e cerimónias para satisfazer os deuses. A religião era rigorosamente seguida e a prática da representação das deidades nas paredes das habitações, nas ferramentas, no armamento, nos amuletos, entre todos os objetos que eram ornamentados, esta era uma forma de se sentirem protegidos pela boa vontade dos deuses.

A arma branca, fosse espada, sabre, ou adaga era sinal de poder, de nobreza, ou força. Muitas vezes apresentavam-se ricamente talhadas, carregadas de uma ornamentação simbólica, finamente trabalhadas, chegando a ser verdadeiras obras de arte. A arma acabaria por ter duas funções: funcional e/ou simbólica. Funcional, enquanto prática do seu uso como objeto de desferimento, e simbólica, enquanto amuleto e enquanto atributo simbolizador de poder.

Tanto a espada como o sabre são símbolos do estado militar e da sua virtude, a bravura, bem como da sua função, o poder. Tem duplo poder: o destrutivo, mas a destruição pode ser aplicada à injustiça, à maleficência e à ignorância, e assim, tornar-se positiva; e o construtivo, pois estabelece e mantém a paz e a justiça

O nosso estudo centrou-se na arma enquanto continente de ornamentos cujos significados e mensagens tentámos descodificar. Pudemos verificar que a arma não é apenas um objeto de agressão. É um amuleto, um atributo apotropaico, uma extensão do corpo e do espírito, pois o porte de uma peça que contivesse uma carga simbólica de proteção ou potencialização da força, otimizava a sua prestação em batalha.

Perante a carência quase absoluta de estudos anteriores sobre a matéria, por se tratar de um estudo de investigação histórica, tivemos de partir *ab initio*, bebendo de fontes originais ou de recompilações.

Num trabalho desta natureza, em que todas as peças estão espalhadas por infinitos e recônditos lugares, optámos por eleger um método que permitisse seleccionar os temas considerados como cruciais.

Lamentavelmente, o estudo que levamos de interpretação dos ornamentos presentes nas armas da Coleção Manuel Francisco de Araújo não pode ser completa, pois apesar dos sérios esforços, nem sempre foi possível dar com a disposição que, ao princípio, se considerava crucial e esclarecedora, possivelmente porque se perdeu, ou porque a nossa pesquisa não foi suficientemente hábil ou tenaz, ou talvez porque essa mesmíssima informação nunca teria existido.

Perante a todos os vácuos documentais com que nos deparámos por se tratar de uma temática tão pouco refletida, concluímos que o mais científico num trabalho histórico-artístico seria seguir um critério iconográfico/iconológico para podermos analisar os elementos que dispúnhamos, compará-los entre si, agrupá-los tematicamente e tirar conclusões pertinentes.

Direcionamos a nossa pesquisa documental para fontes remetentes à época, dos séculos XVIII e XIX, de forma a compreender a visão e interpretação dos elementos iconográficos representados e procurámos estabelecer um paralelismo com a envolvência social, política e religiosa que se vivia. Um ponto pertinente de realçar é o facto de, numa sociedade católica de raízes tão ancestrais, apenas uma peça do acervo selecionado (e note-se que se trata de uma faca de caça e não para uso em batalha) apresenta iconografia evocativa de Deus através da representação de Cristo e da inscrição de Santo Inácio de Antioquia da Carta aos Romanos, *Amor Meus Crucifixus Est*. Este abandono da religião pela sociedade fez-se notar, como foi referido no ponto *A Coleção: Um Estudo Iconográfico*, no decurso do século XVIII. Os elementos ornamentais que mais se

destacam são os mitológicos ou os metafóricos, que evocam as suas propriedades protetoras e potenciadoras. No entanto, perante um abandono tão acentuado da Igreja, justifica-se a indiferença total por Deus? Relembre-se de que aqui não se trata de uma manifestação meramente artística, mas de devoção.

O nosso trabalho acabou por levantar mais interrogações que respostas, pois trata-se de um tema não tão explorado quanto outras vertentes artísticas, como a pintura ou escultura.

As nossas interpretações, como já foi referido, são baseadas nas fontes do período do uso das armas do acervo, e intentámos estabelecer um raciocínio que fosse de encontro com o pensamento da época. As nossas conclusões não são irredutíveis, são, sim, aberturas para outras conceções e projetos que concentrados nesta temática tão pouco explorada, pode levar a descobertas que respondam ou garantam as afirmações demonstradas pelas nossas interpretações.

Bibliografia

- ❖ ABRANTES, Marquês de (1992). *Introdução ao Estudo da Heráldica*. Lisboa: Biblioteca Breve nº 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- ❖ ALMEIDA, João Ferreira de (1986). *A Bíblia Sagrada: Contendo o Velho e Novo Testamento*. Ed. Revista e corrigida. Lisboa: Sociedade Bíblica.
- ❖ ARIOSTO, Ludovico (1964). *Orlando Furioso*. Volume II. Milão: E. Sanguinetie M. Turchi.
- ❖ BAINES, Edward (1822). *History, Directory & Gazetteer, of the County of York: With Select Lists of the Merchants & Traders of London, and the Principal Commercial and Manufacturing Towns of England; and a Variety of Other Commercial Information: Also a Copious List of the Seats of the Nobility and Gentry of Yorkshire*. Volume 1. Londres: Hurst and Robinson.
- ❖ BANDEIRA, Luís Stubbs Saldanha Monteiro (Visconde de Vila Nova de Gaia) (1993). *Glossário Armeiro*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- ❖ BARROCA, Mário Jorge (2000). *Espada de D. Afonso Henriques. Para Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*. Palmela: Câmara Municipal.
- ❖ BAXTER, A.D. (1970). *Blunderbusses*. Londres: Arms and Armour Press.
- ❖ BEIRÃO, Caetano (1934). *D. Maria I, 1777-1792. Subsídios para a revisão da História do seu Reinado*. 2.^a ed., Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- ❖ BLAIR, Claude (1958). *European Armour. Circa 1066 to circa 1700*. Londres B T Batsford.
- ❖ BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- ❖ BOCCIA, L.G. e COELHO, Eduardo T. (1967). *L'Arte dell'Armature in Italia*. Milão: Bramante Editrice.
- ❖ BRITO, António Pedro da Costa Mesquita (1986). *A legislação militar sobre uniformes – 1806 a 1982*. Artigo do Boletim da Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto, nº 2 – Outubro de 1988.
- ❖ BURDEN, Ernest (2006). – *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*. [s.l.] : Bookman Companhia Ed.

- ❖ BUTTIN, Charles (1933). *Catalogue de la Collection d'Armes Anciennes Européennes et Orientales*. Rumilly : [s.n.].
- ❖ CAMÕES, Luís (1954). *Os Lusíadas*. 3ª. Edição. Porto: Porto Editora, Lda. P.205
- ❖ CASTELLFRANCHI, Juri (2008). *As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade*. Tese de Doutorado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Laymert Garcia dos Santos.
- ❖ CHANCELARIA DAS ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS (1968). *Ordens Honoríficas Portuguesas*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ❖ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1982). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, SA.
- ❖ CUTILEIRO, Alberto (1983). *O Uniforme Militar na Armada*, Vol. II. Lisboa.
- ❖ DAEHNHARDT, Rainer (1941). *Colecionar Armas Antigas*. Lisboa : Freitas Brito
- ❖ DAEHNHARDT, Rainer (1979). *Uma arma preciosa – o saca-rolhas de D. Miguel*, in Diana, nº 5. [s.l., s.n.].
- ❖ DEMMIN, Auguste (1894). *Illustrated History of Arms and Armour*. Londres: GEORGE BELL & SONS, YORK ST., COVENT GARDEN, AND NEW YORK.
- ❖ DOLINEK, Vladimir ; DURDIK, Jan (1993). *Encyclopédie des Armes*. Paris : Gründ.
- ❖ DURDIK, Jan ; MUDRA, Miroslav ; SÁDA, Miroslav (1981). *Armes à feu anciennes*. Paris: Gründ.
- ❖ ELLIS, John Tracy (1942). *Cardinal Consalvi and Anglo-Papal Relations, 1814-1824*. D.C.: The Catholic University of America Press.
- ❖ Federico Revilla (1990). *Diccionario de Iconografía y Simbología*. Madrid: Ed. Cátedra.
- ❖ FERREIRA, Diogo Fernandes (1616). *Arte da Caça de Altaneria*. Lisboa: Officina de Jorge Rodriguez.
- ❖ FERREIRA, João Baptista (1909). *Armas Portáteis e Material de Artilharia*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- ❖ FERREIRA, José Augusto (1924). *Memórias Archeologico-historicas da Cidade do Porto (Factos episcopais e políticos), Séc. VI – Séc. XX*. Tomo 2. Braga: Cruz e Comp.^a.
- ❖ FIGUEIREDO, João Loureiro de (1993). *Exposição de Armaria Portuguesa*. Macau: Leal Senado.
- ❖ FREIRE, Anselmo Braamcamp; Bobone, Carlos (1989) – *Armaria Portuguesa*. Lisboa : Cota d'Armas Editores e Livreiros.
- ❖ FUNCKEN, Liliane; FUNCKEN, Fred (1977) *Le Costume, L'Armure et les Armes au Temps de la Chevalerie, du huitième au quinzième siècle. VI*. Vol. 1. Bélgica: Casterman, s.a., Tournai.
- ❖ FUNCKEN, Liliane; FUNCKEN, Fred (1977). *Le Costume, L'Armure et les Armes au Temps de la Chevalerie, du huitième au quinzième siècle. VI*. Vol. 2 . Bélgica: Casterman, s.a., Tournai.
- ❖ GIANNI, Guastella (2017). *Word of Mouth: Fama and Its Personifications in Art and Literature from Ancient Rome to the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press.
- ❖ GÓIS, Damião de (1554) - *Lisboa de quinhentos: descrição de Lisboa*. Lisboa: Avelar Machado.
- ❖ GOMES, Samuel (2016). *Futuro Espiritual da Terra*. Belo Horizonte: Editora Dufaux.
- ❖ GUIMARÃES, Alfredo (1946). *As Armas Brancas do Solar de Pindela*. Porto: Instituto para a Alta Cultura.
- ❖ HAMILTON, Rita (1975). *The Poem of the Cid: A Bilingual Edition with Parallel Text*. [s.l.]: Penguin Classics.
- ❖ HAYWARD, J. F. (1971). *Les Armes à Feu Anciennes 1660 – 1830*. Fribourg : Office du Livre.
- ❖ HARPER-BILL, Christopher; HARVEY, Ruth (1990). *The Ideals and Practice of Medieval Knighthood III*. [s.l.]: Boydell Press.
- ❖ ISIDORO DE SEVILHA (1983). *Etimologias*. II vol. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. P. 109. José Luis Morales y Marin (1984). *Diccionario de Iconologia y Simbologia*. Madrid: Ed. Taurus.
- ❖ Juan Tous Meliá (2000). *Guia Histórica del Museo Militar Regional de Canarias*. P. 30.

- ❖ KRETZSCHMAR von Kienbrusch (1963). *Collection of Armour and Arms*. New Jersey: Princeton University Library.
- ❖ LATHAN, John Wilkinson (1966). *British Military Swords, From 1800 to the Present Day*. [s.l., s.n.].
- ❖ LAURIN, Michel (2000) *Anthologie littéraire du Moyen Âge au XIXe siècle*. Québec: Beauchemin.
- ❖ LOUREIRO, Cristina Maria Esteves Veludo (1997). *De Quinta do Prado do Bispo... a Museu Militar do Porto*. Seminário em Património Artístico. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- ❖ LOYN, H. R. (1990) – *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- ❖ MACHADO, Ana Paula (2009). *Arte, poder, e religião nos tempos medievais*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.
- ❖ MANN, Sir James (1962). *European Arms and Armour*. Vol. 2. Londres: Wallace Collection Catalogues.
- ❖ MARONIS, Publio, Virgílio (70 a.C. – 19 a.C). *Eneida*. Livro IV.
- ❖ MARTINS, Fausto S. (2002). *Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto*. Revista da Faculdade de Letras. I Série, vol. 1. Porto: Ciências e Técnicas do Património.
- ❖ MARTINS, General Luís Augusto Ferreira – *História do Exército Português*. Lisboa: Editorial Inquérito Lda. 1945.
- ❖ MATTOSO, José (1987). *A realeza de Afonso Henriques, Fragmentos de uma Composição Medieval*. Lisboa: Estampa, 1987.
- ❖ MELO, Cristina Joana de (2000). *Coutadas Reais (1777-1824)*. Privilégio, Poder, Gestão e Conflito. Lisboa: Montepio Geral.
- ❖ MORENO, Augusto (1961). *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. 7ª Edição. Porto: Editora Educação Nacional.
- ❖ MONGE, Maria de Jesus (2001). *ARMARIA do Paço Ducal de Vila Viçosa*. 1ª Edição. Bragança: Fundação da Casa de Bragança.
- ❖ NETO, Ferreira; ALMADA, Sara (1997). *Glossário dos Termos de Armamento*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha.
- ❖ NOBRE, João (2004). *As Armas e os Barões*. [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores.

- ❖ NOGUEIRO, Maria Emília Pires (2009). *Museu Militar de Bragança – Fundação; Práticas Museológicas*. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudo Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob orientação do Professor Doutor Armando Coelho.
- ❖ NORTH, Anthony (1985). *Islamic Arms*. Londres: Her Majesty's Stationery Office – Victoria & Albert Museum.
- ❖ RODRIGUES, Manuel Augusto (1980). *Problemática religiosa em Portugal no século XIX, no contexto europeu em Análise Social*. Vol. XVI. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ❖ RODRIGUES, Manuel Ribeiro (1998). *300 anos de uniformes militares do exército de Portugal, 1660-1960*. Lisboa: Exército Português e Sociedade Histórica da Independência de Portugal.
- ❖ SANTOS, Paulo (2013). *Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords*. [s.l.] Página Ímpar, Lda.
- ❖ SEGRELLES, Vicente (1979). *História Universal das Armas em Mil Imagens*. Lisboa : Publicit.
- ❖ SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1982). *História de Portugal. Vol. VI: O Despotismo Iluminado (1750-1807)*. Lisboa: Verbo, 1982.
- ❖ SIMÕES, J. de Oliveira (1989) – *As Armas nos Lusíadas*. Lisboa: Publicações Alfa.
- ❖ SMITH, Robert C. (1973) - *Três artistas de Braga (1735-1775), Bracara Augusta (Actas do Congresso a Arte em Portugal no século XVIII)*. Braga: [s.e.].
- ❖ SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e (1994). *A Transferência dos restos mortais de Francisco do Almada e Mendonça para o Cemitério do Prado do Repouso*. Porto: S.N.
- ❖ SOUSA, Manuel de (2003). *As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas*, Mem Martins: Ed. SporPress.
- ❖ STENDHAL, Henry Beyle- (1925). *Vie de Henri Brulard*. Capítulo XXIII. Versão PDF. Pp. 160, 161.
- ❖ STONE, George Cameron (1968). *A glossary of the construction, decoration and use of Arms and Armour – in all countries and in all times*. Nova Iorque: Jack Brussel.

- ❖ TEIXEIRA, Mariana Jacob – *A Natureza e Gestão das Coleções dos Museus Militares na Dependência da Direcção de História e Cultura Militar (Exército)*. Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau Mestre em Museologia. Realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Alice Lucas Semedo. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.
- ❖ TUIITE, P.: “British Naval Edged Weapons, na Overview”, Article, ASOAC, Pdf Format, Internet e Annis, P.G.W: “Naval Swords”, StackPole Books, Cameron and Kelker Streets, Harrisburg, Pa., 1970.
- ❖ VIDAL, Manuel Gonçalves (1974). *Marcas e Contrastes de Ourives Portugueses*. 1º volume, nº28 e nº 251. Lisboa: Casa da Moeda.
- ❖ VITERBO, Francisco Marques de Sousa (1908). *A Armaria em Portugal. Memória apresentada à Academia Real das Sciencias* – Notícia documentada dos fabricantes de armas de arremesso e de fogo, besteiros, arcabuzeiros, espingardeiros, etc. que exerceram a sua indústria no nosso paiz. Lisboa: Typografia da Academia das Ciencias,.
- ❖ ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1961). *Nobreza de Portugal*. 3 volumes. Lisboa: Editorial Enciclopédia.

Catálogos

- ❖ CATÁLOGO dos Bens Mobiliários Existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes à herança de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando que hão-de ser vendidos em leilão. Lisboa: Typographia Beelenense, 1892.
- ❖ CATÁLOGO das Collecções Expostas por D. Carlos de Bragança. Porto: Palácio de Crystal Portuense, 1903.
- ❖ CATÁLOGO Exposição Histórico-Militar em homenagem a Mouzinho de Albuquerque no 1º centenário do seu nascimento. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1958.
- ❖ CATÁLOGO Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882, 2 Vol.
- ❖ CATÁLOGO Museu Militar, Lisboa: [s.n.], 1930.

- ❖ CATÁLOGO Museu Stibbert – Armaria Europeia. Florença: Electa Editrice, 1975.

Plano de Uniformes

- ❖ Plano de Uniformes do Exército de 19 de Maio de 1806.
- ❖ Plano de Uniformes da Armada de 13 de Maio de 1807.

Documentos

- ❖ Carta/parecer dirigida ao Diretor Geral do Ensino e das Belas Artes. 22 Jun. 1944. Arq. do MNSR. Lº 9, nº 126.
- ❖ Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército, Capítulo I, Artigo 2.º, Alíneas 2 e 3.
- ❖ Documento cedido ao Museu Militar do Porto de José Barreto Costa, estudioso de Manuel Francisco de Araújo, sobre vida e obra do colecionador.
- ❖ Arquivo Distrital de Portalegre. Câmara Municipal de Crato. Consultado em 13 de Abril de 2017.
- ❖ Santo Inácio de Antioquia, Bispo e Mártir - Carta aos Romanos (6, 1-9, 3: Funk 1, 219-223, séc. I),

Sítios em Linha

- ❖ *A Canção de Rolando* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-07-20 17:26:51]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$a-cancao-de-rolando](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$a-cancao-de-rolando)
- ❖ Bragança Município - http://www.cm-braganca.pt/frontoffice/pages/543?poi_id=152. Visitada em 26/07/2017.

- ❖ Coronation sword and scabbard of the Kings of France:
<http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/coronation-sword-and-scabbard-kings-france> - 20/07/2017

- ❖ Corriere Della Sera- Iconologia. - http://www.corriere.it/gallery/cultura/06-2012/iconologia/1/iconologia_2049fea4-baa5-11e1-9945-4e6ccb7afcb5.shtml#1. Visitado em 10/08/2017.

- ❖ Heráldica Portuguesa - <https://www.armorial.net/armorial/elmo.shtml>. Visitado em 26/07/2017

- ❖ Historial Charles de Gaulle - « [Historial Charles de Gaulle – Musée de l’Armée](#) » [[archive](#)], sur www.musee-armee.fr – Visitado em 23/08/2017.

- ❖ ICOMAM - <http://network.icom.museum/icomam/about-icomam/what-is-icomam/> - Consultado em 22/08/2017

- ❖ João V de Portugal - http://www.wikiwand.com/pt/Jo%C3%A3o_V_de_Portugal. Visitado em 5/08/2017.

- ❖ La Batalla de Najera- <http://www.vallenajerilla.com/legadomedievalnajera/batallanajera.htm>. Visitado em 27/07/2017

- ❖ Larousse- <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chim%C3%A8re/15341?q=chim%C3%A8re#15200>. Visitado em 28/07/2017.

- ❖ Madeira Cultural - <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/MuseuMilitardaMadeira/tabid/805/language/pt-PT/Default.aspx>. Visitada em 26/07/2017.

- ❖ Mora in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-08-08 18:32:16]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mora>

- ❖ Município de Elvas - <http://www.cm-elvas.pt/pt/museus-e-monumentos/museu-militar-de-elvas>. Visitado em 25/07/2017.

- ❖ Musée de l'Armée - « [Musée de l'Armée — Les Cabinets insolites](#) » [archive], sur www.musee-armee.fr . Visitado em 23/08/2017

- ❖ Musée de l'Ordre de la Libération - « [Musée de l'Ordre de la Libération — Le Musée](#) » [archive], sur www.ordredelaliberation.fr – Visitado em 23/08/2017.

- ❖ Museo de Burgos: <http://www.museodeburgos.com/> - 21/07/2017

- ❖ Museo del Ejercito - http://www.museo.ejercito.es/museo/informacion_general/historia/ - Visitado em 23/08/2017.

- ❖ O baú da história- <http://obaudahistoria.blogspot.pt/2012/01/plumas-e-penas.html>. Visitado a 27/07/2017

- ❖ Os Uniformes em 1806 - <http://www.arqnet.pt/exercito/uninf806.html>. Consultado em 3/08/2017.

- ❖ Photo – Arago - « [La salle Turenne ou des drapeaux du musée de l'Armée – Anonyme – Arago](#) » [archive], em www.photo-arago.fr – visitado em 23/08/2017.

- ❖ TripAdvisor- Museu Militar dos Açores -
[https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189135-d4093466-Reviews-Museu Militar dos Acores-Ponta Delgada Sao Miguel Azores.html](https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189135-d4093466-Reviews-Museu_Militar_dos_Acores-Ponta_Delgada_Sao_Miguel_Azores.html)

- ❖ Vida de Carlos Magno - <http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-de-carlos-magno-c-817-829> - 20/07/2017

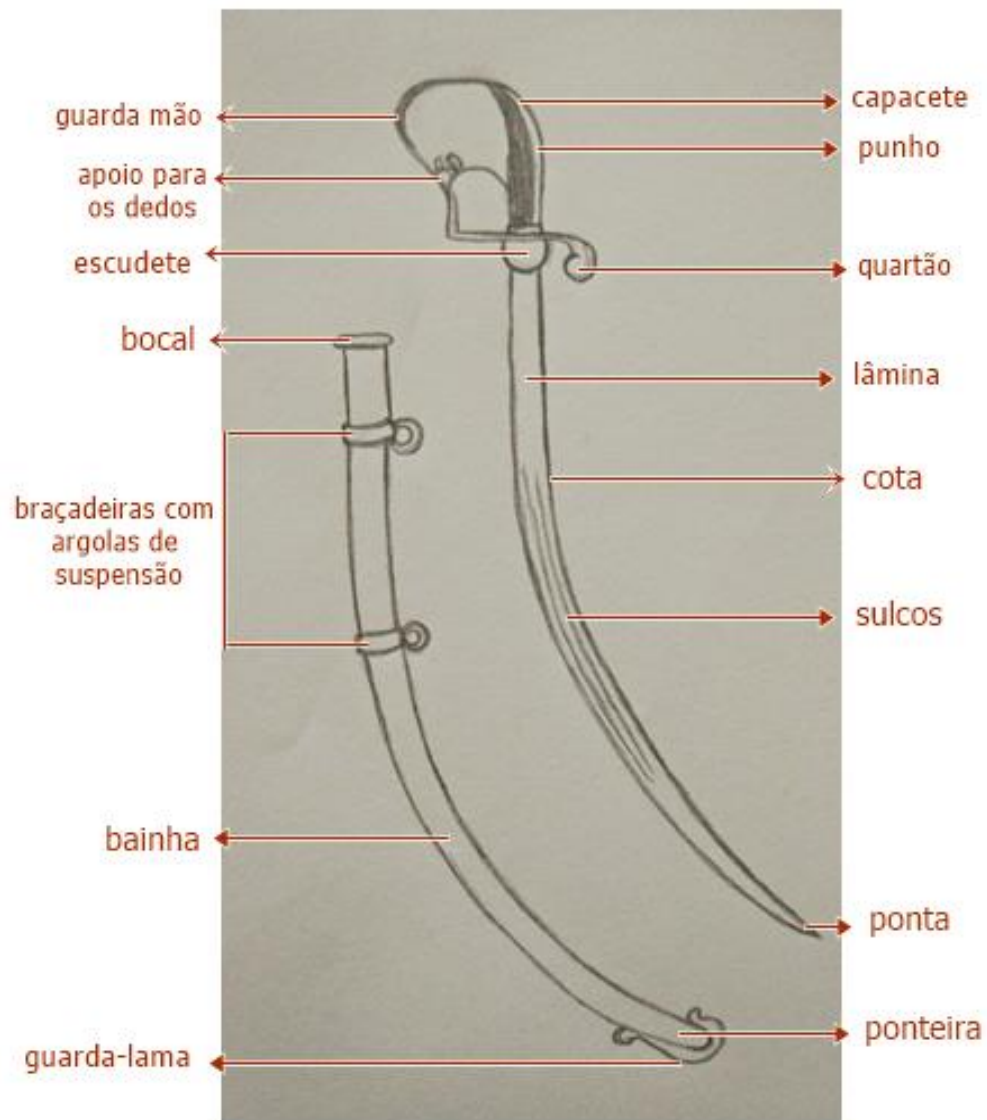
- ❖ Santo Inácio de Antioquia, Bispo e Mártir -
<http://www.liturgiadashoras.org/oficiodasleituras/inaciodeantioquia.html>.
Visitado em 13/12/2016

- ❖ TheMet - <http://www.metmuseum.org/about-the-met/curatorial-departments/arms-and-armor>
- Consultado em 22/08/2017

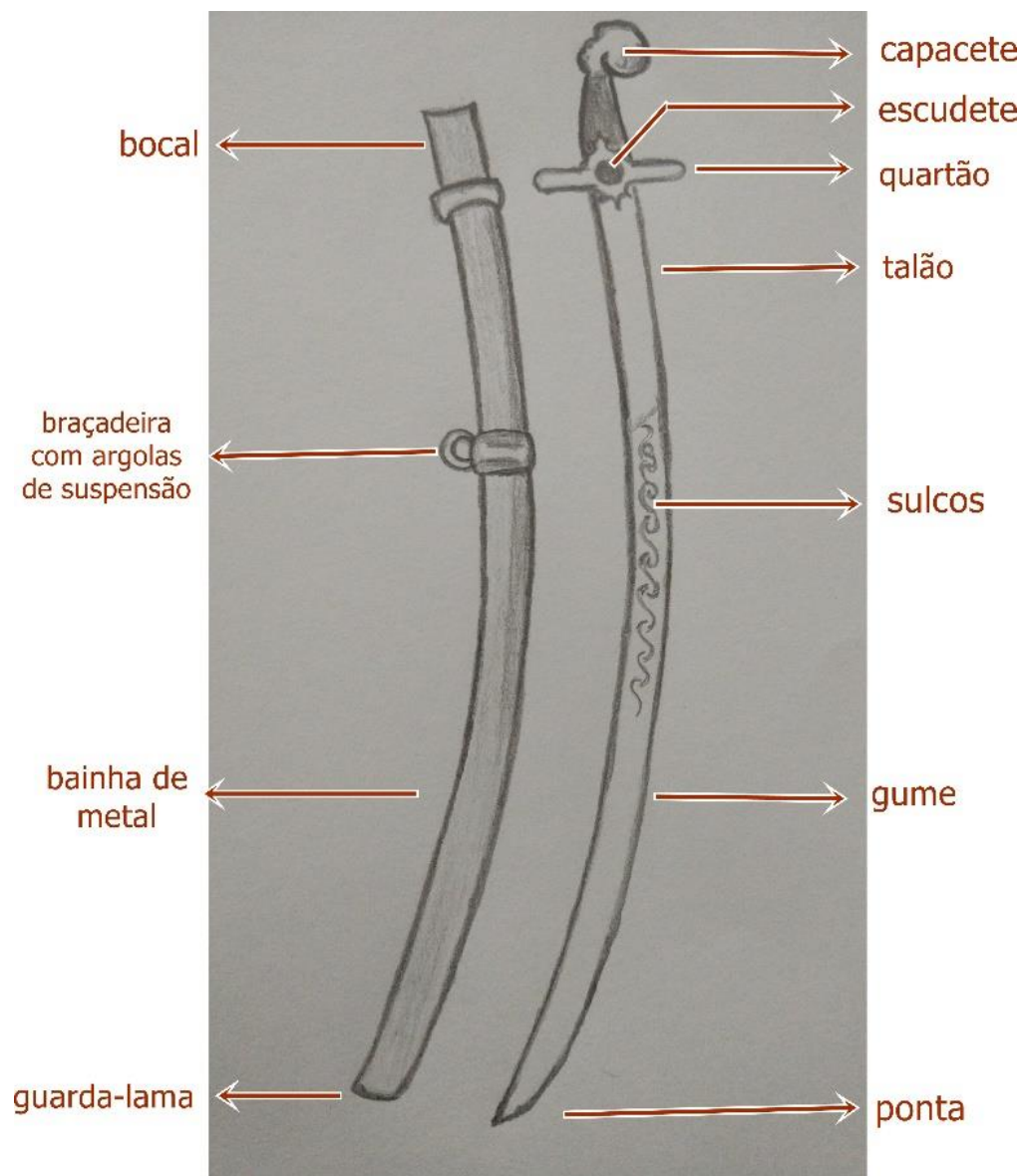
Apêndices

Apêndice 1

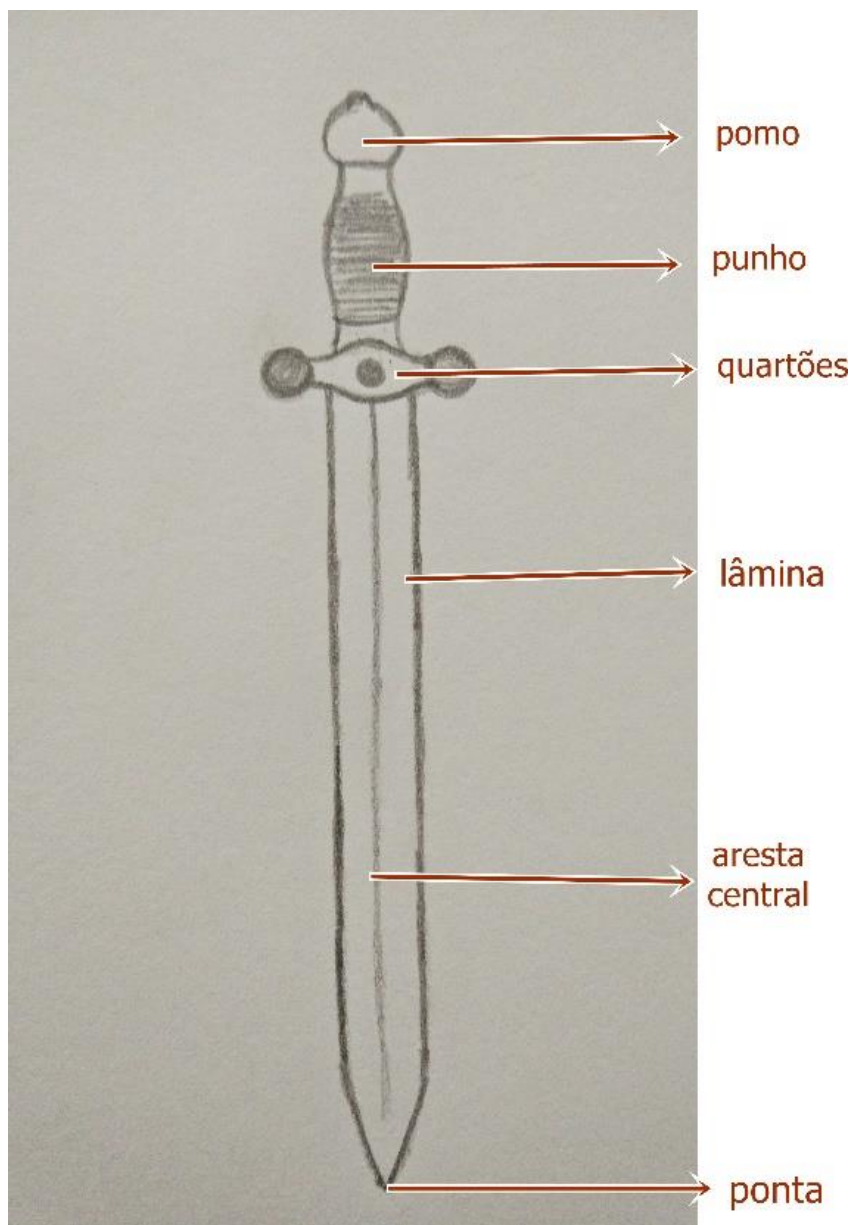
Sabre do Exército Português – Modelo 1806



Espada de Almirante (D. Maria I/ D. João VI)



Terçado de Servente da Artilharia – Portugal – Modelo de 1834



Apêndice 2

Quadro diagnóstico das armas

| Arma | Iconografia | Ornamentação | Marcas epigrafia | Data de fabrico | Tipo de Arma |
|----------------|---|----------------------------|-------------------------|------------------------------|---|
| 2801.2 | Elmo empenachado Cruz da Ordem de Malta com Coroa Real | Perlada | Não existe | Finais do séc. XVIII | Espada portuguesa de um Oficial da Ordem Soberana e Militar de Malta |
| 2801.8 | Não existe | Estrias Verticais Perlada. | VIVA EL REI DE PORTUGAL | Séc. XIX | Espada Militar Portuguesa do Reinado de D. José |
| 2804.28 | Virtudes Cavaleiro com tricórnio | Não existe | Não existe | Séc. XVIII | Faca de uso civil |
| 3149 | Tritão Águia Deus Marte | Não existe | Não existe | Séc. XIX (entre 1807 e 1834) | Sabre de Oficial General da Armada portuguesa |
| 3150 | Águia Folhas de Loureiro Troféu de Armas | Vegetalista | Não existe | Séc. XIX (entre 1806 e 1834) | Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. |
| 3152 | Troféu de Armas Armas do Estado-maior | Vegetalista | Não existe | Finais séc. XIX | Sabre de Oficial General do Exército Português |
| 3168 | Leão Serpentes | Não existe | Não existe | Primeiro quartel séc. XIX | Adaga de Oficial da Marinha Real Portuguesa. |

| | | | | | |
|-------------|---|-----------------------------------|---|-------------------------------------|---|
| 3175 | <p>Efígie de D. Maria I</p> <p>Efígie de D. Pedro III</p> <p>Efígie de soldado com elmo empenachado</p> <p>Cristo</p> | <p>Vegetalista</p> <p>Perlada</p> | <p>AMOR MEUS CRUCIFIXUS EST</p> <p>IHS (IESUS HOMINUM SALVATOR)</p> | <p>Último quartel do séc. XVIII</p> | <p>Adaga de caça</p> |
| 3188 | <p>Troféu de Armas</p> <p>Armas do Reino Unido de Portugal e Brasil</p> <p>Fama</p> | <p>Vegetalista</p> | <p>Não existe</p> | <p>Séc. XIX (entre 1818 e 1820)</p> | <p>Sabre “à mameluco” para Oficial General Português, do tipo usado pelos oficiais superiores portugueses e ingleses desde o início do século XIX</p> |
| 3190 | <p>Quimera (2x)</p> <p>Busto de oficial general</p> | <p>Não existe</p> | <p>Não existe</p> | <p>Séc. XIX (entre 1806 e 1834)</p> | <p>Sabre de Oficial General Português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme.</p> |
| 3192 | <p>Quimera</p> <p>Efígie de Medusa</p> <p>Águia</p> | <p>Não existe</p> | <p>Não existe</p> | <p>Séc. XIX (entre 1806 e 1834)</p> | <p>Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme.</p> |
| 3203 | <p>Efígie de D. Maria I</p> <p>Efígie de D. Pedro III</p> | <p>Não existe</p> | <p>Não existe</p> | <p>Último quartel séc. XVIII</p> | <p>Espada de caça.</p> |

| | | | | | |
|-------------|--|-------------|---------------------------------------|-------------------------------------|--|
| 3204 | <p>Leão</p> <p>Escudo com Sol encimado por Coroa Real</p> <p>Guerreiro (personificação do Porto)</p> <p>Armas Reais Portuguesas de Portugal e Brasil</p> <p>Fama</p> | Espirais | <p>MORA BRAGA</p> <p>VIVA O PORTO</p> | <p>Finais séc. XVIII</p> | <p>Sabre de Oficial Português</p> |
| 3222 | <p>Leão</p> <p>Armas Reais Portuguesas de Portugal e Brasil</p> | Vegetalista | Não existe | <p>Início do séc. XIX</p> | <p>Sabre de Oficial Português do início do século XIX.</p> |
| 3228 | <p>Quimera</p> <p>Troféu de Armas</p> | Não existe | Não existe | <p>Séc. XIX (entre 1806 e 1834)</p> | <p>Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme.</p> |

Apêndice 3

Modelo da ficha descritiva

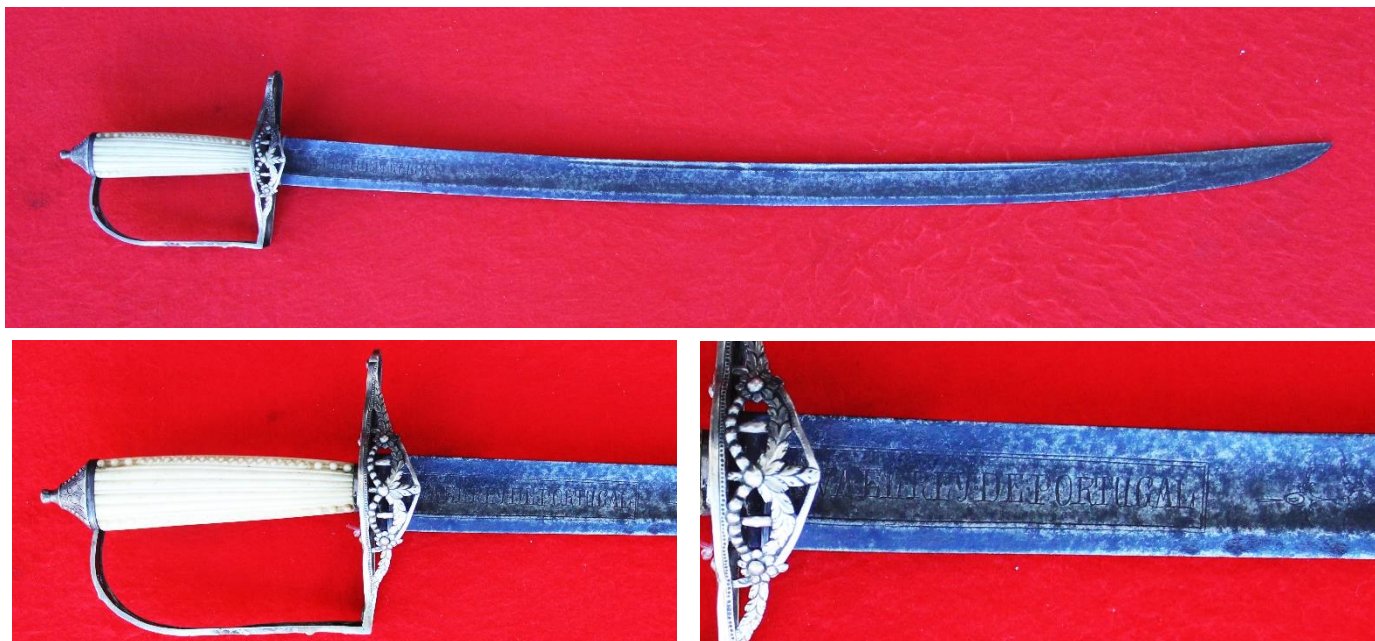
| | |
|--------------------------------|--|
| <i>Nº. de Inventário</i> | |
| <i>Origem</i> | |
| <i>Tipo de Arma</i> | |
| <i>Centro de Produção</i> | |
| <i>Data de Fabrico</i> | |
| <i>Materiais</i> | |
| <i>Comprimento Total</i> | |
| <i>Comprimento da Lâmina</i> | |
| <i>Largura da Lâmina</i> | |
| <i>Peso Total</i> | |
| <i>Descrição</i> | |
| <i>Elementos Iconográficos</i> | |
| <i>Leituras epigráficas</i> | |
| <i>Referências</i> | |

Apêndice 4



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 2801.2 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Espada |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Finais do século XVIII |
| Materiais | Latão, Marfim, Aço |
| Comprimento Total | 950 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 800 mm. |
| Largura da Lâmina | 30 mm. |
| Peso Total | 630 gr. |
| Descrição | Espada portuguesa de um Oficial da Ordem Soberana e Militar de Malta. Guarda em latão cinzelado e vazado. Capacete em forma de elmo empenachado. Punho em marfim com caneluras, com escudete oval com a Cruz da Ordem de Malta encimada por coroa real e virola em latão com gatilho. Guarda-mão em forma de estribo com decoração perlada e pequena argola na parte superior. Copos com a Cruz da Ordem de Malta encimada por coroa real. Lâmina reta de dois gumes com goteira no terço superior. |
| Elementos Iconográficos | Elmo Empenachado; Cruz de Malta. |
| Leituras epigráficas | Não existe. |
| Referências | Dr. João Rato; ALBUQUERQUE, Conde de (2006) - <i>Ordem Soberana e Militar de Malta</i> . Lisboa. ABRANTES, Marquês de (1992). Introdução ao Estudo da Heráldica. Lisboa: Biblioteca Breve nº 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. P. 103. FREIRE, Anselmo Braamcamp; Bobone, Carlos (1989) – <i>Armaria Portuguesa</i> . Lisboa : Cota d'Armas Editores e Livreiros. P. 3. SIMÕES, J. de Oliveira (1989) – <i>As Armas nos Lusíadas</i> . Lisboa: Publicações Alfa. P. 27. STENDHAL, Henry Beyle- (1925). <i>Vie de Henri Brulard</i> . Capítulo XXIII. Versão PDF. Pp. 160, 161. Heráldica Portuguesa - https://www.armorial.net/armorial/elmo.shtml . Visitado em 26/07/2017 O baú da história- http://obaudahistoria.blogspot.pt/2012/01/plumas-e-penas.html . Visitado a 27/07/2017 LA BATALLA DE NÁJERA - http://www.vallenajerilla.com/legadomedievalnajera/batallanajera.htm . Visitado em 27/07/2017 O baú da história- http://obaudahistoria.blogspot.pt/2012/01/plumas-e-penas.html . Visitado a 27/07/2017 |

Apêndice 5



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 2801.8 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Espada |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Século XVIII |
| Materiais | Prata, Aço, Marfim |
| Comprimento Total | 820 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 680 mm. |
| Largura da Lâmina | 30 mm. |
| Peso Total | 470 gr. |
| Descrição | Espada Militar Portuguesa do Reinado de D. José. Espada militar tipicamente Portuguesa com guarda, quartão, pomo de prata e punho de marfim. Caracteriza-se pela lâmina larga e curta, o que sugere que pode ter sido usada na Marinha. |
| Elementos Iconográficos | Não Existe. |
| Leituras epigráficas | VIVA EL REI DE PORTUGAL |
| Referências | Dr. João Rato; SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. NOBRE, João (2004). <i>As Armas e os Barões</i> . [s.l.] Eduardo Nobre & Quimera Editores. P. 69. Plano de Uniformes do Exército de 19 de Maio de 1806. Plano de Uniformes da Armada de 13 de Maio de 1807. |

Apêndice 6



| | |
|--------------------------------|---|
| Nº. de Inventário | 2804.28 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Faca |
| Centro de Produção | Indo-Portuguesa (?) |
| Data de Fabrico | Séc. XVIII |
| Materiais | Marfim, Aço, Prata. |
| Comprimento Total | 335 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 215 mm. |
| Largura da Lâmina | 20 mm. |
| Peso Total | 160 gr. |
| Descrição | Faca de uso civil. Punho em marfim entalhado, com figuras femininas de três alegorias empunhando objetos simbólicos, encimadas por um cavaleiro envergando casaca comprida e tricórnio. Virola em prata. Lâmina curva de um só gume. |
| Elementos Iconográficos | Alegorias às Virtudes: Caridade, Esperança e Justiça. Cavaleiro nobre. |
| Leituras Epigráficas | Não existe. |
| Referências | Dr. João Rato; MARTINS, Fausto S. (2002). <i>Speculum Humanae Salvationis: Estudo iconográfico e iconológico do sacrário de prata da Sé do Porto</i> . Revista da Faculdade de Letras. I Série, vol. 1. Porto: Ciências e Técnicas do Património. P. 194-195. ISIDORO DE SEVILHA (1983). <i>Etimologias</i> . II vol. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. P. 109. Corriere Della Sera- Iconologia. - http://www.corriere.it/gallery/cultura/06-2012/iconologia/1/iconologia_2049fea4-baa5-11e1-9945-4e6ccb7afcb5.shtml#1 . Visitado em 10/08/2017. |

Apêndice 7



| | |
|--------------------------------|---|
| Nº. de Inventário | 3149 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Séc. XIX (entre 1807 e 1834) |
| Materiais | Latão, Marfim, Couro, Aço |
| Comprimento Total | 910 mm |
| Comprimento da Lâmina | 780 mm |
| Largura da Lâmina | 35 mm |
| Peso Total | 1340 g. |
| Descrição | Sabre de Oficial General da Armada portuguesa. Guarnições em latão dourado. Capacete com pomo em forma de Tritão. Punho em marfim e virola em latão dourado com gatilho. Quartão em forma de cabeça de águia e orelhas com imagem do Deus Marte. Lâmina curva de um só gume de três goteiras. Bainha de couro com três guarnições em latão dourado. |
| Elementos iconográficos | Tritão; Águia; Deus Marte. |
| Leituras Epigráficas | Não Existe. |
| Referências | Dr. João Rato; Plano Para os Uniformes da Armada Real de 1807. Tuite, P.: “British Naval Edged Weapons, na Overview”, Article, ASOAC, Pdf Format, Internet e Annis, P.G.W: “Naval Swords”, StackPole Books, Cameron and Kelker Streets, Harrisburg, Pa., 1970. Destaca-se a coleção de Reiner Daehnhardt, a coleção Eduardo Nobre e a coleção José António Faria e Silva. SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 11. |

Apêndice 8



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 3150 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Entre 1806 e 1834 |
| Materiais | Latão, Aço, Ébano, Ferro, Cobre |
| Comprimento Total | 870 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 735 mm. |
| Largura da Lâmina | 32 mm. |
| Peso Total | 1390 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. Guarda em latão dourado. Capacete com pomo em forma de cabeça de águia. Guarda-mão em forma de estribo. Punho em ébano com caneluras preenchidas a filigrana de cobre e virola com folhas de louro cinzelado, com gatilho. Orelhas da guarda recortadas. Quartão com terminal com enrolamento e folha de louro. Lâmina curva de um só gume, com meia cana, com gravação de motivos vegetalistas e troféus de armas, mantendo restos do seu dourado e azulado originais. Bainha de ferro com três guarnições em latão dourado e cinzelado. Este modelo de sabre, de grande aparato, ao estilo neoclássico então preponderante na Europa, baseado no modelo anexo ao Plano Para os Uniformes do Exército de 1806, foi usado pelos oficiais generais até 1834, em conformidade com o referido Plano e posteriormente com a Portaria de 19 de Outubro de 1815. |
| Elementos Iconográficos | Águia Folha de louro Troféus de armas |
| Leituras Epigráficas | Não Existe. |
| Referências | Dr. João Rato; Plano para os Uniformes do Exército de 1806 e Portaria de 19 de Outubro de 1815. BRITO, António Pedro da Costa Mesquita (1986). <i>A legislação militar sobre uniformes – 1806 a 1982</i> . Artigo do Boletim da Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto, nº2 – Outubro 1988. P.12 SANTOS, Paulo (2013). <i>Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa</i> ”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 23. |

Apêndice 9



| | |
|--------------------------------|---|
| Nº. de Inventário | 3152 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Finais do séc. XIX |
| Materiais | Ferro, Aço, Latão, Marfim |
| Comprimento Total | 915 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 790 mm. |
| Largura da Lâmina | 28 mm. |
| Peso Total | 1180 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial General do Exército Português, para uso em grande uniforme, dito “à mameluco”, do tipo usado pelos oficiais superiores portugueses e ingleses desde o início do séc. XIX, inspirado nos sabres do exército mameluco do Egipto. Platinas em marfim, com rosetas e olhal em latão. Quartões em latão com terminais em botão. Lâmina ligeiramente curva com gravados de troféus de armas e motivos vegetalistas. Bainha em ferro, com braçadeiras em latão, com ornatos e as armas do Estado-Maior. |
| Elementos Iconográficos | Troféus de armas. Armas do Estado-maior. |
| Leituras Epigráficas | Não existe. |
| Referências | Dr. João Rato; Ordens do Exército modelo 1852 SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 25. BLUTEAU, Raphael (1712-1728). <i>Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...</i> v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 237. RUFUS FESTUS AVIENUS ORA MARITIMA - http://www.thelatinlibrary.com/avienus.ora.html . Visitado em 9/08/2017 |

Apêndice 10



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 3168 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Adaga |
| Centro de Produção | Inglaterra, Portugal |
| Data de Fabrico | Primeiro quartel do séc. XIX |
| Materiais | Aço, Marfim, Latão |
| Comprimento Total | 430 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 320 mm. |
| Largura da Lâmina | 30 mm. |
| Peso Total | 370 gr. |
| Descrição | Adaga de Oficial da Marinha Real Portuguesa. Punho em marfim com caneluras e filigrana de latão. Capacete em forma de leão. Guarda com duas serpentes cinzeladas nos copos. Falta do guarda-mão em corrente. Lâmina ligeiramente curva, de um só gume, com goteira central. |
| Elementos iconográficos | Leão; Serpentes. |
| Leituras Epigráficas | Não existe. |
| Referências | Dr. João Rato; SANTOS, Paulo (2103) – <i>Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa. Portuguese Naval Swords</i> . Págnia Ímpar, Lda. SOUSA, Manuel de (2003). <i>As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas</i> , Mem Martins: Ed. SporPress. P. 52. BLUTEAU, Raphael (1712-1728). <i>Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...</i> v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 609 CASTELLFRANCHI, Juri (2008). <i>As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade</i> . Tese de Doutoramento em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Laymert Garcia dos Santos. P. 2. |

Apêndice 11



| | |
|--------------------------------|---|
| Nº. de Inventário | 3175 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Adaga de caça |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Último quartel do séc. XVIII |
| Materiais | Prata, Osso, Aço |
| Comprimento Total | 410 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 250 mm. |
| Largura da Lâmina | 75 mm. |
| Peso Total | 330 gr. |
| Descrição | Adaga de caça. Punho em osso, com capacete e aplicações em prata repuxada e cinzelada, com decoração vegetalista e perlada e, ao centro, as efígies de D. Maria I e D. Pedro III. Orelha com efígies de General com elmo empenachado, que poderá representar a Ordem de Malta, visto que D. Pedro III teria sido Grão Prior do Crato. Orelha em prata repuxada e cinzelada com decoração perlada e, ao centro, a efígie de soldado com elmo empenachado. Lâmina com inscrição: “AMOR MEUS CRUCIFIXUS EST” no anverso e Cristo encimado da inscrição IHS (Jesus Hominum Salvator) com motivos vegetalistas no reverso. |
| Elementos Iconográficos | Efígies de D. Maria I e D. Pedro III; General com elmo empenachado; Cristo. |
| Leituras Epigráficas | AMOR MEUS CRUCIFIXUS EST. IHS (Jesus Hominum Salvator). |
| Fontes | Dr. João Rato; <i>Sou trigo de Deus e serei moído pelos dentes das feras.</i> Séc. I. Carta aos romanos de Santo Inácio, bispo e mártir. (Cap.4,1-2;6,1-8,3: Funk 1,217-223). ABRANTES, Marquês de (1992). Introdução ao Estudo da Heráldica. Lisboa: Biblioteca Breve nº 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. P. 103. Arquivo Distrital de Portalegre. Câmara Municipal de Crato. Consultado em 13 de Abril de 2017. FREIRE, Anselmo Braamcamp; Bobone, Carlos (1989) – Armaria Portuguesa. Lisboa : Cota d'Armas Editores e Livreiros. P. 3. Arquivo Distrital de Portalegre. Câmara Municipal de Crato. Consultado em 13 de Abril de 2017. |

Apêndice 12



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 3190 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | 1806-1834 |
| Materiais | Latão, Aço, Marfim, Couro |
| Comprimento Total | 845 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 730 mm. |
| Largura da Lâmina | 35 mm. |
| Peso Total | 1190 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial General Português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. Guarda em latão dourado. Capacete com pomo em forma de cabeça de quimera. Guarda-mão em forma de estribo. Punho em marfim com rede entalhada e virola com gatilho. Orelha da guarda ricamente cinzelada com busto de oficial general. Quartão com cabeça de quimera. Lâmina curva de um só gume, com meia cana. Bainha de cabedal com três montagens em latão dourado e vazado. Este modelo de sabre, de grande aparato, ao estilo neoclássico então preponderante na Europa, baseado no modelo anexo ao Plano Para os Uniformes do Exército de 1806, de que difere em alguns pormenores, foi o mais usado pelos nossos oficiais generais até 1834, em conformidade com o referido Plano e posteriormente com a Portaria de 19 de Outubro de 1915. |
| Elementos Iconográficos | Busto de Oficial General Quimera |
| Leituras Epigráficas | Não existe. |
| Referências | Plano Para os Uniformes do Exército de 1806 e Portaria de 19 de Outubro de 1815 BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v.8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 304. BURDEN, Ernest (2006). – Dicionario Ilustrado de Arquitetura. [s.l.] : Bookman Companhia Ed. P. 72. Larousse - http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chim%C3%A8re/15341?q=cchim%C3%A8re#15200 . Visitado em 28/07/2017. |

Apêndice 13



| | |
|--------------------------------|---|
| Nº. de Inventário | 3192 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | 1806-1834 |
| Materiais | Latão, Aço, Marfim, Couro |
| Comprimento Total | 920 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 800 mm. |
| Largura da Lâmina | 35 mm. |
| Peso Total | 1240 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. Guarda em latão dourado. Capacete com pomo em forma de cabeça de grifo. Guarda-mão vazado em forma de estribo. Punho em marfim com rede entalhada e virola com gatilho. Orelha da guarda ricamente cinzelada com efígie de Medusa. Quartão posterior com cabeça de águia. Lâmina curva de um só gume, com meia cana. Bainha de cabedal com três montagens em latão dourado. Este modelo de sabre, de grande aparato, ao estilo neoclássico, então preponderante na Europa, baseado no modelo anexo ao Plano Para os Uniformes do Exército de 1806, de que difere em alguns pormenores, foi o mais usado pelos nossos oficiais generais até 1834, em conformidade com referido Plano e posteriormente com a Portaria de 19 de Outubro de 1815. |
| Elementos Iconográficos | Grifo ou Quimera; Monstro Mitológico; Medusa. |
| Leituras Epigráficas | Não existe. |
| Referências | Dr. João Rato; Plano Para os Uniformes do Exército de 1806 e Portaria de 19 de Outubro de 1815. BURDEN, Ernest (2006). – Dicionario Ilustrado de Arquitetura. [s.l.] : Bookman Companhia Ed. P. 72. Larousse - http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chim%C3%A8re/15341?q=chim%C3%A8re#15200 . Visitado em 28/07/2017. BLUTEAU, Raphael (1712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Pp. 397-398. Ovídio – Metamorfoses – Edição do Manuscrito do Estudo das Metamorfoses de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire. Orientado pelo Prof. Dr. João Ângelo Oliva Neto. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2006. |

Apêndice 14



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 3203 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Espada de Caça |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Último quartel do séc. XVIII |
| Materiais | Marfim, Cobre, Bronze, Aço |
| Comprimento Total | 795 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 645 mm. |
| Largura da Lâmina | 29 mm |
| Peso Total | 420 gr. |
| Descrição | Espada de caça. Punho em marfim, com remate em bronze cinzelado e dourado e aplicações em cobre dourado, com as efígies de D. Maria I e D. Pedro III. Guarda cruciforme com cobre cinzelado e dourado. Lâmina de um só gume, ligeiramente curva, com goteira central. |
| Elementos Iconográficos | Efígies de D. Maria I e D. Pedro III. |
| Leituras Epigráficas | Não existe |
| Referências | Dr. João Rato; Gazeta de Lisboa 1778 e 1800 SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1982). História de Portugal. Vol. VI: O Despotismo Iluminado (1750-1807). Lisboa: Verbo, 1982. P. 34 CHANCELARIA DAS ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS (1968). Ordens Honoríficas Portuguesas. Lisboa: Imprensa Nacional. |

Apêndice 15



| | |
|--------------------------------|---|
| Nº. de Inventário | 3204 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Finais do séc. XVIII |
| Materiais | Prata, Chifre, Aço |
| Comprimento Total | 975 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 810 mm. |
| Largura da Lâmina | 30 mm. |
| Peso Total | 500 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial Português. Pomo em prata repuxada e cinzelada em forma de cabeça de leão. Punho em chifre com caneluras em espiral. Guarda cruciforme (falta quartão posterior) em prata repuxada. Guarda-mão em corrente de filigrana de prata. Lâmina ligeiramente curva com gume e contra-gume no último quarto, com meia cana e goteira junto às costas, com gravados, no anverso escudo com sol encimado por coroa real, figura mitológica segurando lança junto ao talão inscrição “Mora Braga”, no reverso as Armas Reais Portuguesas, guerreiro empunhando espada e escudo e junto ao talão uma inscrição VIVA O PORTO. |
| Elementos Iconográficos | Cabeça de Leão; Escudo com sol encimado por coroa real; Armas Reais Portuguesas; Guerreiro com espada e escudo; |
| Leituras Epigráficas | <i>Mora Braga.</i> <i>Viva o Porto.</i> |
| Referências | Dr. João Rato. SOUZA, Manuel de (2003). As Origens dos Apellidos das Famílias Portuguesas, Mem Martins: Ed. SporPress. P. 52. BLUTEAU, Raphael (712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 61. Para mais informações, consultar: Plínio, o Velho (77-79 d. C.). História Natural (Naturalis Historia). Livro VIII. capítulo 16. Edição de 1669. SMITH, Robert C. (1973) - Três artistas de Braga (1735-1775), Bracara Augusta (Actas do Congresso a Arte em Portugal no século XVIII). Braga: [s.e.]. P. 35 Público - https://www.publico.pt/2013/04/05/local/noticia/estatua-que-simboliza-o-porto-regressa-a-praca-da-liberdade-1590267 . Visitado em 7/08/2017 |

Apêndice 16



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 3222 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Início do século XIX |
| Materiais | Latão, Aço, Osso |
| Comprimento Total | 710 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 585 mm. |
| Largura da Lâmina | 32 mm. |
| Peso Total | 730 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial Português do início do século XIX. Guarda em latão dourado. Punho, capacete e virola fundidos numa só peça. Pomo em forma de cabeça de leão, com botão em ferro. Guarda-mão em forma de estribo. Copos com as Armas Reais Portuguesas de Portugal e Brasil. Lâmina curva de um só gume, com goteira. Bainha de cabedal com três montagens em latão dourado e cinzelado com motivos vegetalistas. |
| Elementos Iconográficos | Cabeça de Leão; Armas Reais Portuguesas de Portugal e Brasil. |
| Leituras Epigráficas | Não Existe. |
| Referências | Dr. João Rato. SOUSA, Manuel de (2003). As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas, Mem Martins: Ed. SporPress. P. 52. BLUTEAU, Raphael (712-1728). Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... v. 8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 61. Para mais informações, consultar: Plínio, o Velho (77-79 d. C.). História Natural (Naturalis Historia). Livro VIII. capítulo 16. Edição de 1669. SANTOS, Paulo (2013). Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 25 CUTILEIRO, Alberto (1983). <i>O Uniforme Militar na Armada</i> , Vol. II. Lisboa. |

Apêndice 17



| | |
|--------------------------------|--|
| Nº. de Inventário | 3228 |
| Origem | Coleção particular – atualmente em posse do Museu Militar |
| Tipo de Arma | Sabre |
| Centro de Produção | Portugal |
| Data de Fabrico | Entre 1806 e 1834 |
| Materiais | Latão, Madeira, Aço |
| Comprimento Total | 900 mm. |
| Comprimento da Lâmina | 770 mm. |
| Largura da Lâmina | 35 mm. |
| Peso Total | 800 gr. |
| Descrição | Sabre de Oficial General português do Plano de Uniformes de 1806, para uso em pequeno uniforme. Guarda em latão dourado. Capacete com pomo em forma de cabeça de quimera. Guarda-mão em forma de estribo. Punho em marfim com rede entalhada, virola de latão dourado e com gatilho em falta. Orelhas da guarda cinzelada, com troféus de armas em relevo. Lâmina plana, ligeiramente curva de um só gume, com três goteiras. Este modelo de sabre, de grande aparato, ao estilo neoclássico então preponderante na Europa, baseado no modelo anexo ao Plano Para Uniformes do Exército de 1806, de que difere em alguns pormenores, foi o mais usado pelos nossos oficiais generais até 1834, em conformidade com o referido Plano e posteriormente com a Portaria de 19 de Outubro de 1815. |
| Elementos Iconográficos | Cabeça de Grifo; Troféu de Armas. |
| Leituras Epigráficas | Não Existe. |
| Referências | Dr. João Rato; Plano Para Uniformes do Exército de 1806 e Portaria de 19 de Outubro de 1815. BRITO, António Pedro da Costa Mesquita (1986). <i>A legislação militar sobre uniformes – 1806 a 1982</i> . Artigo do Boletim da Liga dos Amigos do Museu Militar do Porto, nº 2 – Outubro de 1988. P. 12. SANTOS, Paulo (2013). <i>Espadas e Sabres da Marinha Portuguesa</i> ”, Portuguese Naval Swords. [s.l.] Página Ímpar, Lda. P. 23. CUTILEIRO, Alberto (1983). <i>O Uniforme Militar na Armada</i> , Vol. II. Lisboa. BLUTEAU, Raphael (1712-1728). <i>Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...</i> 8 v.8. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. P. 304. BURDEN, Ernest (2006). – <i>Dicionario Ilustrado de Arquitetura</i> . [s.l.] : Bookman Companhia Ed. P. 72. Larousse - http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/chim%C3%A8re/15341?q=chim%C3%A8re#15200 . Visitado em 28/07/2017. |

Anexos

Anexo 1

Da Carta aos romanos, de Santo Inácio, bispo e mártir

(Cap.4,1-2;6,1-8,3: Funk 1,217-223) (Séc. I)

“Sou trigo de Deus e serei moído pelos dentes das feras

Tenho escrito a todas as Igrejas e a todas elas faço saber que moro por Deus com alegria, desde que vós não me impeçais. Suplico-vos: não demonstrei por mim uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser alimento das feras; por elas pode-se alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, serei triturado pelos dentes das feras para tornar-me o puro pão de Cristo. Rogai a Cristo por mim, para que por este meio me torne sacrifício para Deus.

Nem as delícias do mundo nem os reinos terrestres são vantagens para mim. Mais me aproveita morrer em Cristo Jesus do que imperar até os confins da terra. Procuro-o, a ele que morreu por nós; quero-o, a ele que por nossa causa ressuscitou. Meu nascimento está iminente. Perdoai-me, irmãos! Não me impeçais de viver, não desejeis que eu morra, eu, que tanto desejo ser de Deus. Não me entregueis ao mundo nem me fascineis com o que é material. Deixai-me contemplar a luz pura; quando lá chegar, serei homem. Concedei-me ser imitador da paixão de meu Deus. Se alguém o possui no coração, entenderá o que quero e terá compaixão de mim, sabendo quais os meus impedimentos.

O príncipe deste mundo deseja arrebatá-me e corromper meu amor para com Deus. Nenhum de vós, aí presentes, o ajude! Ponde-vos de meu lado, ou melhor, do lado de Deus. Não podeis dizer o nome de Jesus Cristo, enquanto cobiçais o mundo. Que a inveja não more em vós! Mesmo que eu em pessoa vos rogue, não me acrediteis; crede antes no que vos escrevo, desejando morrer. Meu amor está crucificado, a matéria não me inflama, porque uma água viva e murmurante dentro de mim me diz em segredo: “Vem para o Pai”. Não sinto prazer com o alimento corruptível nem com os prazeres deste mundo. Quero o pão de Deus, a carne de Jesus Cristo, que nasceu da linhagem de Davi; e quero a bebida, o seu sangue, que é a caridade incorruptível.

Não quero mais viver segundo os homens. Isto acontecerá se vós quiserdes. Rogo-vos que o queirais para alcançardes também vós a misericórdia. Com poucas palavras dirijo-me a vós; acreditai em mim! Jesus Cristo vos manifestará que digo a verdade; ele, a boca verdadeira pela qual o Pai verdadeiramente falou. Pedi vós por mim, para que o consiga. Não por motivos carnis, mas segundo a vontade de Deus vos escrevi. Se for martirizado, vós me quisestes bem; se rejeitado, vós me odiastes.

Responsório

R. Não há nada que vos falte se tiverdes fé e amor em Jesus, nosso Senhor, pois são eles o princípio e o fim de nossa vida.

* O princípio é a fé e o fim é a caridade.

V. Assumindo a mansidão, renovai-vos pela fé que é a carne do Senhor e a caridade que é seu sangue.

* O princípio.

Oração

Deus eterno e todo-poderoso, que ornais a vossa Igreja com o testemunho dos mártires, fazei que a gloriosa paixão que hoje celebramos, dando a Santo Inácio de Antioquia a glória eterna, nos conceda contínua proteção. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Conclusão da Hora

V. Bendigamos ao Senhor.

R. Graças a Deus.”

Fonte: <http://www.liturgiadashoras.org/oficiodasleituras/inaciodeantioquia.html>

Plano de Uniformes para o Exército Português de 1806. P. 9. Ponto II – Pequeno Uniforme.

